

OLMO, ENR.

BRASILIA / FELICIO DA SILVA

Defesa Nacional



JANEIRO
1940

NUMERO
309

Diretores responsáveis:

Gen. Heitor Borges

Maj. Lima Figueiredo

Maj. Batista Gonçalves

A DEFESA NACIONAL

Ano XXVII

Brasil - Rio de Janeiro, Fevereiro de 1940

N.º 309

S U M Á R I O

	Pa
As forças armadas na formação e defesa da na- cionalidade. — Pelo Cel. Souza Docca	11
Elementos de união e desagregação no Brasil. — Por Preston E. James	12
Abrindo o debate — Tte.-Cel. Tristão de Alencar Araripe	13
Azimute de marcha — Pelo Major J. Dias Cam- pos Junior	14
O combate das pequenas unidades — Pelo Cmt. Gerin — Trad. dos 1.os Ttes. Barros Mo- reira e Bandeira de Mello	16
Gustavo Mannerheim — Por Odorico Costa . . .	20
Escola Técnica do Exército — Por Dulcídio Pereira	26
O complexo da superioridade — Por Antonio M. Espanha	21
Indios do Brasil — Por Raimundo Moraes	22



INDANTHREN

Tem-se applicado para tingir o BRIM VERDE OLIVA, a tricoline cinzenta, a MESCLA e as LONAS. para o uso do EXERCITO E MARINHA
Os corantes

INDANTHREN

— As cores dos tecidos tintos com —

INDANTHREN

Satisfazem plenamente as condições de solidez e resistencia exigidas pelos Ministerios da Guerra e Marinha

Capital bem empregado RENDE BONS JUROS!

APPLIQUE suas economias intelligentemente, de modo que ellas possam trazer-lhe um bom rendimento. Adira Apolices do Emprestimo de São Paulo, que, custando sómente 200\$000 rendem juros de 5 % ao anno e correm a sorteios trimestrais. A 30 de Junho haverá mais um desses sorteios, com os seguintes premios:

1 premio de	500:000\$000
1 premio de	50:000\$000
1 prémio de	10:000\$000
40 premios de	40:000\$000

As Apolices Populares Paulistas são garantidas pelo Tesouro do Estado e isentas de quaisquer impostos. Podem ser convertidas em dinheiro com toda facilidade. As pessoas residentes no interior poderão adquirir facilmente e commodamente as "Consolidadas Paulistas" preenchendo o "coupon" abaixo:

Ao BANCO DO ESTADO DE S. PAULO

Caixa 2. i.

S. PAULO

Queiram enviar para o endereço abaixo, sob registro com valor declarado..... apolices populares do Emprestimo Paulista 1935, para pagamento das quais envio a importancia de Rs..... \$..... em calculado o valor de 200\$000 por titulo. (Cheque, vale postal, dinheiro, etc.).

Deduzidas as despezas de remessa, esse Banco me devolverá o excesso que se verificar entre a quantia supra e a cotação do titulo no dia do recebimento deste.

Nome do remettente

Endereço

Rua e n.º Cidade Estado

(Pede-se preencher com a maxima clareza).

Banco do Estado de São Paulo
(GARANTIDO PELO ESTADO)

Capital realizado: 50.000:000\$000 —

Reservas: 152.108:667\$

FILIAES: Santos e Campo Grande (Estado de Mato Grosso).

AGENCIAS: Catanduva, Baurú, Avaré, Araçatuba, Franca, Campinas e Braz (Capital).

OPERAÇÕES BANCARIAS EM GERAL

NO RIO DE JANEIRO, AS APOLICES ACHAM-SE A' VENUS SEGUINTE ESTABELECIMENTOS:

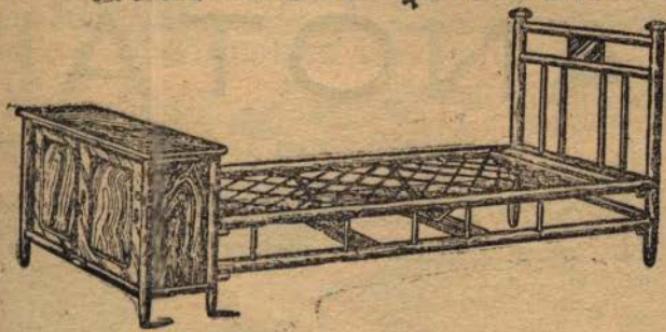
Banco Boavista — Banco Hypothecario e Agricola do Estado

Minas Geraes — Casa Bancaria F. Moneró & Cia. — Sociedade Brasileira de Valores) — Casa Bancaria "Ave

Brasileira.

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES !

PARA o SEU QUARTEL ...



OU SUA RESIDÊNCIA ...



CAMA PATENTE

LEGITIMA SÓ COM A *faixa aqui!*

L.LISCIO & CIA.



CAMA PATENTE

- | | | |
|----------|--|---|
| S. Paulo | — Rua Rodolfo Miranda, 76 — | P. Alegre — Rua dos Andradas, 1025 |
| lio | — Rua do Cortume, 38 — S. Christovam — | |
| ashia | — Rua do Chile, 19 | — Pelotas — Rua 15 de Novembro, 38 |
| de | — Rua da Imperatriz, 368 | — Fortaleza — Rua Floriano Peixoto, 794 |
| bra | | |
| ea" | | |

SNRS. CONSTRUTORES!

ANOTAI:

QUE SERVA, RIBEIRO & CIA. estão aparelhados para fornecer os melhores ferros para construções;

QUE SERVA, RIBEIRO & CIA. são concessionários exclusivos do cimento POZOLITE (protector dos concretos);

QUE SERVA, RIBEIRO & CIA. são distribuidores dos cimentos nacionaes, marcas "Perús" e "Votoran";

QUE SERVA, RIBEIRO & CIA. podem fornecer, em condições vantajosas, os melhores tubos e conexões de ferro galvanizado;

QUE SERVA, RIBEIRO & CIA. são representantes das afamadas PAS "FOX", que não racham, não amolgam e não quebram;

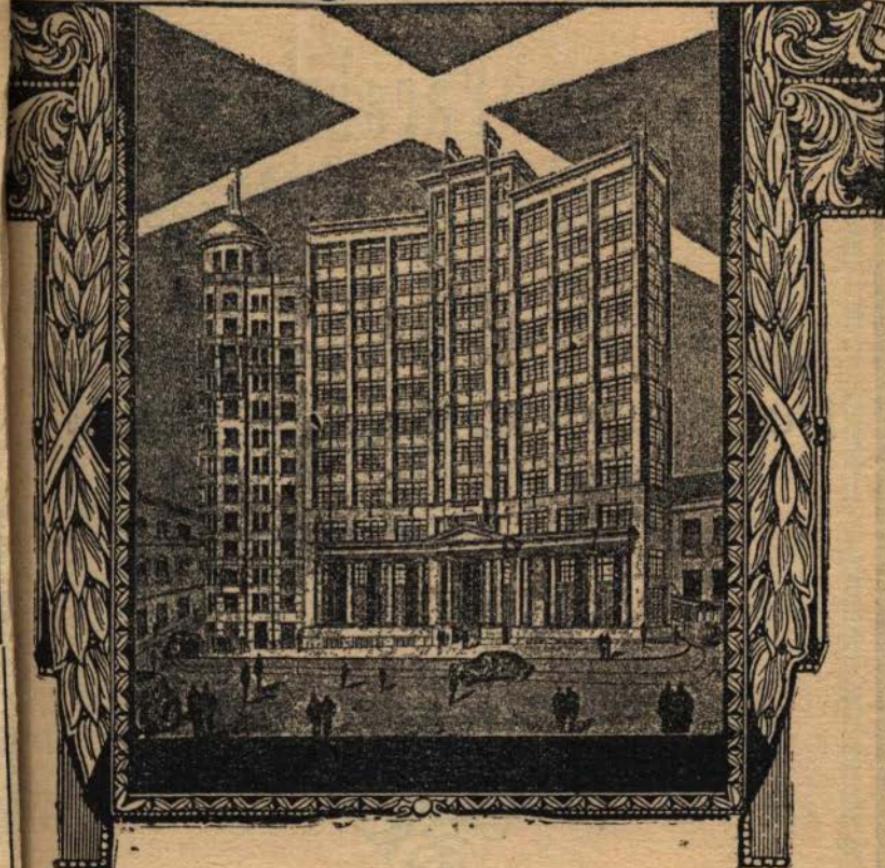
QUE SERVA, RIBEIRO & CIA., Rua Florencio de Abreu, 1, Caixa Postal, 1275 - Tel. 2-3149, SAO PAULO, possuem tambem, em estoque, Ferramentas, amianto, Gachea, vernizes, tintas, estanho, cobre, zinco, aço etc.

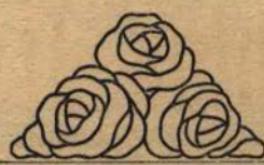
1939

TOSTÃO A TOSTÃO FAZ UM MILHÃO



CAIXA ECONOMICA FEDERAL
DE S.PAULO





Tecelagem Parahiba S. A.

Fabrica de Cobertores

Rua Boa Vista, 116 - 8º andar - sala 805-B
TELEPHONE 2-3804
SÃO PAULO



Companhia Itaquerê

Uzina Itaquerê

*Municipio de Tabatinga
Estado de S. Paulo*

Produção em 1939 :— 81.851 saccos.

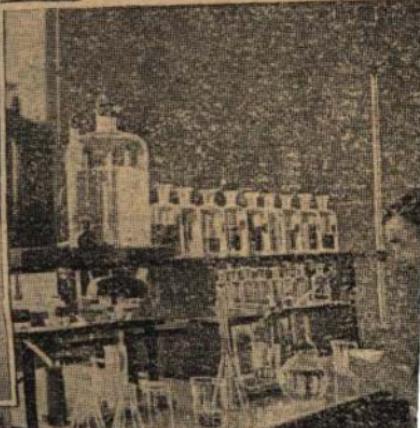
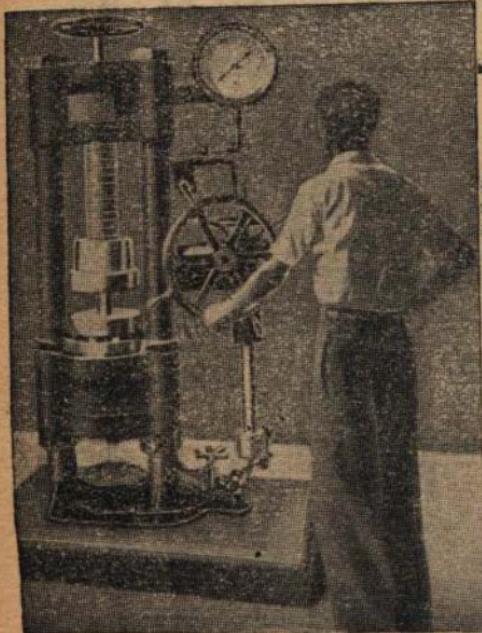
Alcool 477.000 litros.

Fuzel Oil 800 litros.

**Rua da Quitanda, 96
8.º andar**

SÃO PAULO

UNIFORMIDADE



METHODOS descuidados não poderiam manter a uniforme alta qualidade pela qual o cimento "MAUA" tornou-se famoso através de todo o Brasil. Uma ideia do vulto das analyses e controle exacto de laboratorio a que é submetido,

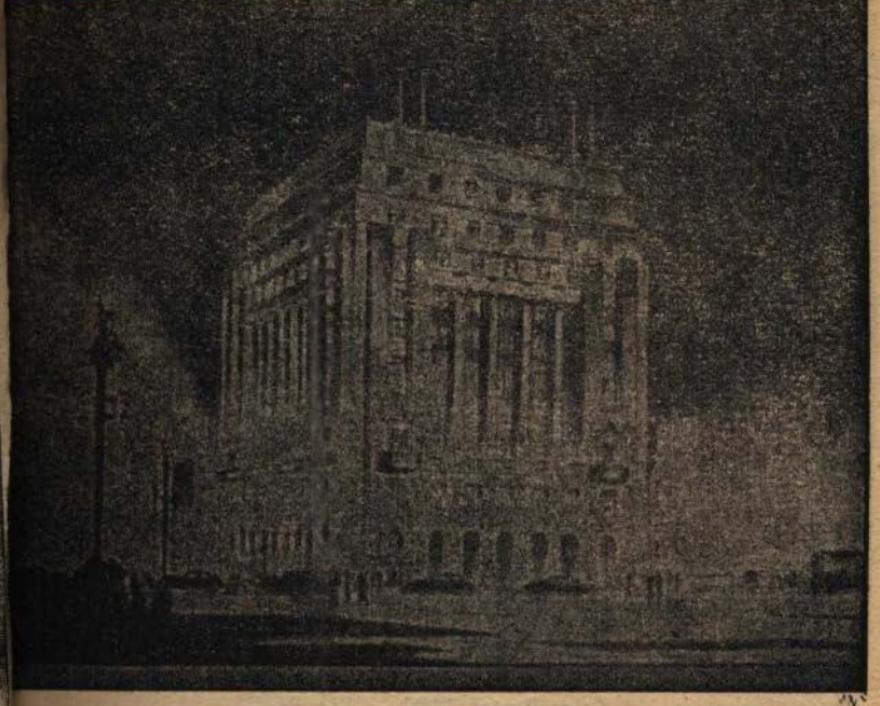
pôde ser obtida pelas photogracias, que são vistas para gabinete de pesquisas e na fabrica.

O cimento "MAUA" é synonimo do mais alto pa-
qualidade e uniformidade.



COMPANHIA NACIONAL
DE CIMENTO PORTLAND
RIO DE JANEIRO





S/A INDUSTRIAS REUNIDAS F. MATARAZZO

Fundada em 1881

**INDUSTRIA — COMMERCIO — NAVEGAÇÃO
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO**

Casa Matriz: S. Paulo (Brasil) - Caixa Postal, 86 - Tel. Matarazzo
Filias no Brasil: Rio de Janeiro — Santos — Curityba — Antonina — Jaguariahyva — Marcellino Ramos — João Pessoa — Natal — Fortaleza — São Luiz do Maranhão.

Agencias no Brasil: Recife — Manáos — Belém — Parahyba — Mossoró — Aracaju' — Bahia — Ilhéos — Maceió — Victoria — Florianopolis — Joinville — Blumenau — Porto Alegre — Rio Grande — Pelotas.

Agentes no Estrangeiro: Buenos Aires — Genova — Milão — Napolis — Paris — Londres — Hamburgo — Trondhjem — New York — Copenague e Antuerpia.

Secção Bancaria: Correspondente Official do "Banco di Napoli" e do "Regio Tesoro Italiano".

AGENTE de: Industrias Matarazzo no Paraná.
Sociedade Paulista de Navegação Matarazzo Ltad.
Sociedade Agricola Fazenda Amalia.
Thermas de Lindoya.
S/A Les Perfumes de Chimene.



BONS LAPIS —

NACIONALIZAÇÃO DO SERVIÇO

para consegui-la, JOHANN FABER
fabrica um lapis para cada uso

LOTUS — para cópias

ZEDER — para "ticar" e sublinhar

1205 — para uso comum

Os bons lapis levam a marca (Dois Martelos) e JOHANN FABER

Lapis JOHANN FABER Ltda.

Caixa Postal, 3100 — São Paulo

Fabrica de Casimiras Kowarick

F. KOWARICK & C°

GRANDE PREMIO NAS EXPOSIÇÕES NACIONAIS DE 1908 E 1910

Fabrica na Estação de Santo André

(EST. DE SÃO PAULO)

Escriptorio: S. PAULO - Rua 3 de Dezembro, 17-2

Caixa do Correio, 66 — Telephone: 2-1776

Endereço Telegraphico: BERKO

CODIGOS: A. B. C. 5.^a e 6.^a EDIÇÃO, RIBEIRO, BORGES, MORSE E MASCOT

Panos Militares para Officiaes de qualquer typo



BARBELINO
AFFIRMA:

GILLETTE AZUL
a melhor lama
até hoje fabricada

Gillette

Gillette

C-10

C. I. "Souza Noschese" S/A

Fabricantes de artigos sanitários e domésticos

São Paulo - Rua Julio Ribeiro, 243

Telegrammas : FUNDIÇÃO — Cx. Postal 920

Tels. 9-0378	Vendas
9-0379	Contabilidade
9-2167	Compras

Loja - Rua Libero Badaró, 580 - Tel. 2-2966

FILIAL EM SANTOS:

Rua João Pessoa, 138 - Tel. 2055

Representante no Rio de Janeiro:

A. SOUZA NOSCHENE
Rua General Camara, 134 — Tel. 23-1079

SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

A DEFESA NACIONAL tendo em vista facilitar a aquisição de livros, não só militares como a de qualquer outros, á venda nas livrarias do Rio de Janeiro, introduziu na sua biblioteca o serviço de **ENTREGAS DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO.**

Para isso os livros solicitados e em qualquer quantidade serão remetidos ao destinatario sendo a respectiva entrega feita mediante pagamento da importancia á agencia postal da localidade.

O porte, registro e as despesas relativas do SERVIÇO POSTAL DE ENCOMENDA CONTRA REEMBOLSO correrão por conta da Biblioteca sendo incluidos no preço do livro.

A toda encomenda acompanhará a respectiva fatura.

Para facilidade do serviço os pedidos devem ser feitos na ficha para esse fim destinada.

As Forças Armadas na Formação e Defesa da Nacionalidade (*)

Coronel Souza Docca

Entre os principais elementos formadores de nossa nacionalidade se destacam as forças armadas, pela sua atuação constante e eficaz, desde os primeiros dias, em 1500, até o presente: guardando e defendendo a terra descoberta; criando o espírito de solidariedade; despertando o sentimento nativista, que em seguida se faz patriotismo; contribuindo para a formação da alma nacional e, finalmente, como árbitro dos destinos do país, em suas crises mais agudas.

Guardando a terra

O alicerce da nacionalidade — o território, que pela sua unidade geográfica, havia de ser um dos fatores da unidade brasileira — vasto e afastado da Europa, chamou logo a atenção de inúmeros aventureiros que cruzavam os mares em busca de riquezas.

Necessário era, pois, guardar a terra descoberta e sua defesa foi entregue às forças armadas, que tiveram como núcleo os 600 homens de tropa, desembarcados na Baía em 1549.

Alguém, há pouco, exaltando o papel da benemerita Companhia de Jesus na formação da nacionalidade brasileira e na manutenção de nossa unidade política, acentuou que na frota de Cabral vinha sómente a cruz, sem a espada.

Assim foi, e, precisamente por isso, a terra ficou desamparada, sem defesa, sem dono de fato e perder-se-ia, sem a menor dúvida, para os descobridores, se a espada não tivesse vindo guardá-la visto que a sua defesa não podia e não pôde ser feita com devaneios líricos, nem com embevecimentos místicos.

(*) Palestra realizada na Diretoria de Fundos do Exército, como contribuição às Comemorações do Cincocentenário da República.

Para o desempenho daquela árdua e grandiosa missão, o primeiro e grande Governador Geral — o ilustre Tomé de Souza — fez obrigatório o serviço militar.

Era o meio mais eficiente de assegurar a defesa das Capitanias e de manter o monopólio comercial, que era um dos principais objetivos da metrópole.

Foram essas forças que, no governo de Mem de Sá, evitaram a primeira tentativa de fraccionamento de nosso território, expulsando os francêses calvinistas que, com Nicolau Durand de Villegaignon à frente, pretendiam fundar aqui a *França Antartica*.

Nas instruções de 1548 que são, como observou Genserico de Vasconcellos, “a primeira lei orgânica da força armada do Brasil”, não estava expressa a obrigatoriedade do serviço militar mas, a visão de administrador e de soldado de Tomé de Souza, a estabeleceu.

Essa obrigação, como necessidade vital para a defesa da terra, havia de vir mais tarde, com as Instruções de 1570, que instituiram as

Milícias

constituídas por brasileiros e que tão importante papel tiveram na formação da nacionalidade: auxiliando, com patriotismo e denodo, a defesa da terra, da sociedade nascente e de seus direitos; facilitando, no conceito do percuente Martius, “a extensão do domínio português; favorecendo os desenvolvimento das instituições municipais livres”; repelindo os invasores.

Consciência de brasiliade

Daquele acervo de notáveis serviços à comunhão, aflorou a personalidade do brasileiro que, a seguir, havia de se pronunciar, com mais vigor, até se firmar definitivamente, através de seu espírito militar, forte e bem orientado.

Nova tentativa dos francêses, querendo agora, no fim de nosso primeiro século, fundar em terras brasílicas a *França Equinocial* — é repelida, com galhardia e de modo absoluto pelo pernambucano Jerônimo de Albuquerque, em 1614, à frente de 500 homens, que era em quasi sua totalidade milicianos brasileiros.

O libertador do Maranhão avulta e predomina em nossa história pelos seus feitos e pela sua progenie ilustre.

Esse primeiros triunfos na defesa da Colonia, foram as primeiras estacas em que se alicerçaria o monumento grandioso da nacionalidade, erguido com o suor profícuo e o sangue fecundador dos patriotas sob as armas.

"A defesa da terra contra os francêses", observa M. Bomfim, "é importante e expressiva na caracterização do Brasil. Foi uma luta que acompanhou toda a iniciação da nova pátria, e si, nos primeiros tempos, ela se faz no valôr do colono, desde logo surge, entre os defensores, a energia patritotica dos crioulos brasileiros, e que é o mesmo valôr dos colonos, renovado em tons de mocidade. Então, à medida que os novos animos se afirmam, transfere-se a defesa da terra para os seus, e nos últimos feitos decisivos, já são nomes brasileiros, os dos capitães vitoriosos".

São êsses capitães que fazem nascer e firmam o nosso espirito militar, retemperado no ardor das lutas e que passou a ser uma das colunas mestras da nacionalidade.

A luta contra os holandêses deu grande relêvo ao nosso nacionalismo, pela vitoria das armas brasílicas.

Sim das armas brasílicas, visto que foram os brasileiros, abandonados pela métropole e contra as intenções manifestas desta, que expulsaram os bátavos, para nosso bem.

Seja-me permitida esta expressão *para nosso bem*, porque, com ela, quero acentuar o quanto devemos, nós brasileiros, ao nobre e heroico povo português, tão ingratamente tratado pelos partidários da colonização holandêsa.

Sómente o português, pelo seu nacionalismo bem acentuado, pela ausência, em sua mentalidade, de preconceitos raciais; pela sua notável capacidade de resistência e de adaptação: era capaz de formar, com formou, uma nação sob o equador.

Aos que embevecidamente sonham com as magnificências da colonização holandêsa, chamamos a atenção para êstes conceitos valiosos de eminente escritor batávio, em palestra com o ilustre homem de letras brasileiro José Veríssimo: "Se nós (os holandêses) houvessemos dominado o Brasil, expulsando dêle os portuguêses, os senhores não existiriam... E' que nós não pode-

riamos viver e prosperar no Brasil. Não suportaríamos o clima, degeneraríamos à segunda ou terceira geração".

A vitória do esforço brasileiro contra o holandês invasor, em face do abandono da mãe pátria, nos foi propícia, visto que deu aos nossos maiores consciência de nacionalidade.

Quando, pela degradação da metrópole, se intibiava o ânimo combativo dos lusitanos, o espírito militar dos brasileiros se manifestava em alto grão, na defesa contra a invasão da poderosa Holanda.

Quando a Espanha atacou Portugal na América, no último quartel do século XVIII, em que eramos ainda colônia, nenhum socorro podia dar-nos a metrópole.

A esse respeito disse Martinho de Melo e Castro na *Instrução Militar*, expedida de Salvaterra de Magos, aos 14 de janeiro de 1775, ao governador e capitão general de São Paulo, "que nenhuma potência do universo, por mais formidável que seja, pôde nem intentou até agora defender as suas colônias com as únicas forças do seu próprio continente e que o único meio, que até agora se tem descoberto e praticado para ocorrer à sobredita impossibilidade, foi o de fazer servir às mesmas colônias para a própria e natural defesa délas" e acrescentou: "E na inteligência deste inalterável princípio, as principais forças que hão de defender o Brasil são as do mesmo Brasil".

Assim realmente aconteceu.

No ano seguinte ao dessa *Instrução*, no Rio Grande do Sul, como há cerca de um século antes em Pernambuco, os invasores eram expulsos, pelo triunfo das armas brasileiras, assegurando, desse modo, a integridade do território e dando mais vigor e predomínio à consciência de nacionalidade, cuja vitória definitiva com a independência, a transplantação da corte portuguêsa, em 1808, havia de retardar.

O inimigo externo como fator da nacionalidade

Pontificou Spencer que a defesa contra o inimigo externo é um dos maiores agentes da sociabilidade.

Na formação da sociedade brasileira, que é um dos grandes elementos formadores de nossa nacionalidade, aquela acerto se verifica no decurso de dois séculos de defesa contra o inimigo externo.

Da vida em comum, sob as armas, para essa defesa, nasceu o nosso espírito militar, sem as características de militarismo e com todas as virtudes associativas dêsse espírito, que é gerador, em alto grão, da solidariedade social, da estima da confiança, e da admiração entre os homens.

M. Bomfim observa que aquela defesa "se prolonga na descendência, gerações e gerações" e acentúa que "um Albuquerque elimina os francêses do Maranhão, outro toma aos ingleses o célebre forte de Camamú, e um neto deste bate o comandante francês, governador da respectiva Guiana".

Assim também foi em nosso extremo meridional: três Marques de Souza pai, filho e neto — enchem de feitos heroicos, na defesa do Brasil, desde a Colônia até o Império, num decurso de 150 anos ininterruptos, as páginas de nossa história.

E a família Mena Barreto dá à Pátria cerca de vinte generais de ramo direto, no decorrer de dois séculos a fio.

Os Lima e Silva e os Oliveira Belo, ramos de onde proveio o grande Caxias, são outro notável exemplo de grandes famílias brasileiras com grandes militares.

A mesma aptidão guerreira, a mesma necessidade de defesa, que criaram no Norte em "cada Engenho uma *Casa Forte*", foram as que fizeram de cada estância sulriograndense um Regimento de milicianos, sempre acampado para a defesa de nossa nacionalidade, sob a bandeira do Brasil.

Espírito de solidariedade

Foi a defesa contra a agressão externa que criou entre os nossos maiores o espírito de solidariedade e que os fez sentir e amar a Pátria.

Era esse espírito que Martinho Melo recomendava na *Instrução Militar* de 1775, nestes termos: "Tanta obrigação tem o Governador de uma Capitanía de defendê-la, como de mandar as fôrças déla ao socorro de qualquer outra, que precisar de seu auxílio; sendo certo que nesta recíproca união consiste essencialmente a maior fôrça de um Estado".

Assim foi. O espírito de solidariedade entre os brasileiros, manifestado inúmeras vezes, deu fôrça a um Estado, criou a consciência nacional desse Estado e fez a sua independência a 7 de setembro de 1822.

A defesa da terra mobilisou todos os homens, os submeteu ao regime militar, fê-los cruzar o território em todas as direções e, assim, dilatou-lhes os horizontes; deu-lhes uma visão panorâmica do Brasil; despertou-lhes, intenso, o amor da Pátria; incutiu-lhes noção clara dos interesses comuns e do imperativo da solidariedade social; deu-lhes a conhecer as vantagens do poder público e criou entre êles, do ponto de vista nacional, a unidade de pensamento.

A unidade brasileira não é, como em geral se apregoa — um milagre

Não ha milagres na vida dos povos e, sim, fatores reais, positivos ,que influem em sua evolução, que orientam a sua marcha e ditam-lhe o destino.

Somos novos na América como povo, mas como nação, somos, com o predomínio dos elementos estáticos do meio ambiente e das imposições nativistas e patrióticas, o desdobramento da nação lusitana, através de sua índole, de seus usos e costumes, de seu culto, de sua língua.

Esses elementos profundamente unificadores e que são as bases sólidas das nacionalidades, encontraram no Brasil clima propício, favorecido pela unidade de território, pela comunhão dos interesses humanos, sob o amparo das forças armadas.

Foi com perfeito conhecimento e genial visão de tudo isso, que os estadistas brasileiros, autores de nossa unidade política, conseguiram anular os efeitos desagregadores que poderiam resultar da extensão territorial, da fraca densidade de população e dos meios escassos e difíceis de comunicações.

Compreenderam perfeitamente os nossos maiores que o Brasil, para realizar seus destinos, devia ter, como o homem, em seu plano de ação, a dupla necessidade psicológica de que nos fala Maine Biran: sentir a sua vida e sentir as suas relações.

Esta compreensão se corporificou de tal modo na consciência nacionalista do exército, representado pelos seus expoentes, que nos livrou da desagregação fatal prevista por Saint Hilaire.

Este eminentemente sábio e notável observador da alma brasileira, ponderou e sentenciou: "Os brasileiros tomados em massa, são certamente superiores aos americanos espanhóis; todavia

não existe entre êles um verdadeiro patriotismo; não os creio capazes de arroubos de desprendimento. Em uma insurreição ver-se-ão chefes ambiciosos formarem partidos, arrebanhando essa multidão de preguiçosos e desprotegidos da fortuna que populam no Brasil. Essas tropas e seus chefes serão na verdade superiores em inteligência à de Artigas, mas não farão mal menor e o Brasil cairá numa anarquia semelhante à que assola as colônias espanholas".

Não tem faltado "chefes ambiciosos", mas, o exército brasileiro, na sua missão de guarda da nacionalidade ,os subjugou sempre ou impediu a ação nefasta desses chefes, livrando-nos, desse modo, da anarquia vaticinada por Saint Hilaire, que teve a intuição do mal, mas não viu o remédio heroico e salvador.

Árbitro dos destinos do país

O exército brasileiro no decorrer das duas primeiras décadas do século XIX, com a organização por que passará com a vinda da corte portuguêsa e com as vitórias obtidas nas campanhas platinas, tomou notável impulso e renome e, assim, se fez um centro de irradiação de patriotismo e passou a ser o árbitro dos destinos do país.

Em todas as crises agudas da nacionalidade, desde então, o exército tem sido, com sua força ao serviço de seu patriotismo construtor, uma das colunas mais vigorosas da unidade nacional.

Quando os choques entre duas nacionalidades — a portuguêsa e a brasileira — chegaram, de atrito em atrito, a um estado de explosão violenta, o exército cortou o nó górdio, decidindo, na celebre reunião de 26 de fevereiro de 1821, a saída de D. João VI do Brasil, em retorno para Portugal.

O brado de independência, a 7 de setembro de 1822, encontrou as fôrças armadas em atitude decisiva pela emancipação proclamada e a garantiu e a consolidou.

O exército impoz, a 7 de abril de 1931, a abdicação de D. Pedro I.

Foi a vontade, activa e potente da nacionalidade, que nesse dia se manifestou no gesto imperativo das fôrças armadas do Brasil.

"A intervenção militar na revolução era sumamente injusta, porquanto o melhor amigo do exército era o Imperador", escreveu Joaquim Nabuco, influenciado, talvez, pelo juízo de John Armitage ao asseverar que o "mesmo exército que D. Pedro havia organizado com tanto sacrifício, estava destinado a trá-lo".

Ha injustiça no conceito de nosso grande Nabuco e estreiteza de visão do momento histórico, na apreciação do escritor britânico.

O exército brasileiro não era criatura de D. Pedro I. Era uma instituição nacional. Os sacrifícios para sua organização não foram pessoais do monarca, mas da coletividade brasileira e, por isso, a sua função não era a dos Pretorianos, adestritos à defesa dos Imperadores; nem a da Guarda Turca, dos Califas de Bagdá; nem nos Janisaros, dos sultões de Constantinopla; era, como ainda é, muito mais elevada: a de guarda e defensor da Pátria e esta é sempre a colocou acima de todas as causas, graças ao seu profundo espírito militar; era, como ainda é, de acerrimo defensor do princípio da autoridade, por saber que seu enfraquecimento é, como lucidamente observa Gustavo Le Bon, nas *Bases científicas de uma Filosofia da História*, uma das causas principais da decadência das civilizações e da derrocada dos povos, visto que, como acentúa o mesmo sociólogo e notável ensaista, os regimens políticos desaparecem mais vitimados pelas suas debilidades do que pelos excessos de absolutismo e exemplifica: "Luis XIV foi senhor, porque soube dominar a nobreza, o clero e os parlamentos; Luis XV e sobre tudo Luis XVI, deixaram de ser senhores, porque foram dominados sucessivamente pelos poderes rivais que seus predecessores haviam sabido conter".

O grande épico lusitano, que escreveu a epopeia maravilhosa — *Os Lusiadas*, que "é o primeiro poema regular na literatura da Renascença" — já havia sentenciado "fraco rei faz fraca gente". E o nosso eminente general Corrêa da Câmara — o heroico vencedor de Aquidaban — nas vésperas da implantação da República em 1889 advertiu, da alta tribuna do senado brasileiro, que os governos fracos fazem mal a qualquer país e fazem as revoluções.

A advertência era feita em face da atitude do governo monárquico alijatoria das simpatias do exército.

Meses depois a monarquia ruiu.

Foi consciente de sua destinação e fiel ao seu dever de paladino indefectível da unidade nacional, que o exército brasileiro cooperou na preparação de nossa independência política, a sustentou em 1822 e, a seguir, visando a consolidação da nacionalidade e a manutenção da estrutura política que nos felicita, que é a base de nossa grandesa e o fundamento de nossas mais altas e radiosas esperanças no porvir venturoso da Pátria, foi, pensando em tudo isso, que o exército brasileiro forçou a abdicação do primeiro imperador, em 1831; destronou o segundo, em 1889 e apoiou a quarta e grande Revolução Nacional que, a 10 de novembro de 1937, desviou o Brasil das encruzilhadas sinuosas dos extremismos que inquietam e deprimem os povos, para o conduzir unido, consciente, feliz e vitorioso, pela estrada normal, sem veredas, de seus grandes e naturais destinos, como Estado e como Nação.

Brazcot Limitada

Exportadores de algodão, Beneficiamento em Alvares Machado, E. F. S., Birigui, N. B. Marília C. P. José Theodoro. E. F. S. S. João B. Vista, C. M. Cambará (Est. Paraná)



END. TEL. "BRAZCOT"

2-6800

FONES

2-6804

2-7050

Rua Boa Vista, 116 - S.104
SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 3603

SALITRE DO CHILE

REPRESENTANTES

Arthur Vianna & Cia. Ltda.

FIRMA ESTABELECIDA DESDE 1900

FORNECEDORES DO EXERCITO

FILIAL EM SÃO PAULO

Rua Florencio de Abreu, 77

Caixa Postal, 3520 - E. Telegr. "STEARICA"

Telephone 2-7101 (rêde interna)

Matriz em Belo Horizonte

Av. Santos Dumont, 227

Filial no Rio de Janeiro

RUA DA ALFANDEGA, 59

Elementos de União e Desagregação no Brasil

Um ensaio de Geografia Política (*)

Por PRESTON E. JAMES
da Universidade de Michigan

Quão fraco é o mais vasto dos estados americanos, o Brasil! Mesmo em meio de patrióticas proclamações existe no Brasil um perceptível murmúrio sobre a possível desagregação dêste colosso entre as nações, em unidades menores e mais fracas. Até que pontos estão estas sugestões baseadas em possibilidades reais? Dúvida não pode haver sobre a existência no território de nosso vizinho do Sul de recursos minerais da melhor qualidade e em quantidade animadora; não se pode duvidar de que o Brasil, sob o ponto de vista físico tem uma porção inhabitável de sua área total menor do que qualquer outra nação do mundo de extensão comparável. Serão estes fatos perigosos para a unidade do Brasil ou servirão êles para apertar os laços desta unidade?

Evidentemente ninguém poderá dar uma resposta completa a estas perguntas. Mas o geógrafo cujo campo de estudos conduz ao contato íntimo com muitas fases da vida brasileira, pode fornecer algumas observações — êle pode tentar a identificação de certas forças que parecem conduzir para a desagregação, e de outras que ao contrário parecem ser levadas à fortalecer a unidade.

ELEMENTOS DE DESAGREGAÇÃO

Os elementos de desagregação não são difíceis de serem encontrados. Em primeiro lugar o isolamento dos brasileiros dos diversos Estados. A distribuição da população que se caracteriza pelo aparecimento de grupos ou multidões separados por territórios quasi desertos.

(*) Os estudos de campo no qual estas observações estão em parte baseadas foram sustentados com o auxílio do Conselho de Pesquisas de Ciências Sociais e de Fundos da Faculdade de Pesquisas da Universidade de Michigan. O trabalho de campo foi feito entre Fevereiro e Setembro de 1938.

Cada um dos Estados é formado ao redor de um dêstes núcleos, e comumente as divisas dos Estados são traçadas através do território vazio que entre êles se observa.

Naturalmente a maior parte das aglomerações se localiza perto do mar, e os caminhos marítimos conduzem à capital, Rio de Janeiro, que goza de uma posição central entre o norte e o sul. Porém não poucas das aglomerações estão realmente perto do mar mas não sobre o mar — quatro das mais importantes no sul se acham separadas da costa por barreiras físicas definidas, tais como as escarpas de 2.400 pés de altura que separam a cidade de São Paulo de seu porto, Santos. Além disso as comunicações da terra com as várias populações estão muito pouco desenvolvidas, e por vezes são inexistentes. E' por exemplo impossível, viajar por terra por qualquer linha de comunicação organizada do Rio de Janeiro à Baía.

Mas o isolamento do povo brasileiro entre si não é sómente físico. Há também um isolamento de idéias. O patriotismo estadual é predominante e consequentemente existe uma considerável antipatia ou mesmo animosidade para com os habitantes dos outros Estados. A idéia, ressuscitada do passado pelos modernos economistas nacionalistas, de que cada unidade política deve viver o mais independente possível das outras — antítese fundamental da civilização industrial urbana — manifesta-se no Brasil aplicada não só ao país todo, mas a cada Estado. Uma carta recentemente publicada num jornal do Rio de Janeiro por um oficial do Exército gabava os convenientes da mudança da capital para o interior deixando a costa sem pontos vulneráveis — sombras dos tempos de piratas no antigo Mediterrâneo ! Um alto funcionário de um dos Estados do Sul aplicou os mesmos princípios para o seu próprio Estado. Poderia, insistia êle sustentar qualquer produção agrícola, desde o café até o trigo. Seu Estado tinha possibilidades e em breve tempo tornar-se-ia independente das importações dos outros Estados. Entretanto, continuava, sem apreciar sua própria disposição de ânimo, exportaria suas ricas e magníficas madeiras de construção das quais carecem os demais estados. Dever-se-ia também organizar em seu Estado a indústria do aço, plano êste baseado na existência de alguns depósitos de minério de ferro de alto teor (que o Estado possue realmente) e de outros depósitos de carvão para coke também de alto teor (que o Estado não possue). Mas o patriotista estadual ia além,

Perguntei ao funcionário sobre a possibilidade de encontrar petróleo, sabendo que o tipo de formação geológica do Estado exclui a possibilidade de existência de óleo em quasi toda a região, e torna a descoberta do óleo nas partes restantes inverosímil. Mas não: só a deshonestade, e a intromissão na inspeção federal, disseram-me, poderia contribuir para o desacerto na localização da vasta riqueza petrolífera conhecida como existente nas divisas do mais notável de todos os Estados. Idéias como estas podem isolar tão bem quanto as barreiras físicas e são mais difíceis de transpôr porque as barreiras físicas podem ser vencidas por cientistas e engenheiros.

Outro elemento que conduz à desagregação é o desenvolvimento econômico muito desigual no Brasil. Desde a queda do Império em 1889, o Estado de São Paulo dominou política e economicamente o país. Em 1936 mais de um terço da arrecadação do governo federal veio de São Paulo. Quando em 1930, os paulistas perderam seu predomínio na política nacional como consequência da vitória da revolução Vargas, o descontentamento deles cresceu com o fato dos fundos derivados de suas indústrias serem vertidos em favor das áreas pobres secas do nordeste como boas estradas e açudes. A sangrenta revolução de 1932 foi uma tentativa da parte dos paulistas para reconquistar o controle da Nação. Atualmente a proteção às indústrias paulistas sobre as indústrias das demais unidades do país está se tornando uma questão de dificuldade crescente. Nenhuma desses forças é impedida por um apêlo às tradições nacionais herdadas, especialmente porque o povo paulista é em grande número composto de estrangeiros.

Entre os elementos de desagregação é preciso mencionar-se a vasta riqueza potencial do Brasil. As imensas reservas de ferro e manganês de alto teor, a vasta bacia tropical do Amazonas que poderia sustentar milhões de cultivadores orientais do arroz, as largas áreas de terras apropriadas para a agricultura e que se prestam à colonização européia, talvez a maior área nessas condições que resta em todo mundo; tudo isto não pode deixar de tentar não só aos capitalistas estrangeiros, cuja ambição os brasileiros poderiam utilizar para seu próprio e grande lucro, mas também os membros mais rapazes da família humana cujas pátrias não possuem êstes recursos fundamentais. A estimulação das animosidades locais conduzindo à separação política de uma

parte da outra, e o pronto reconhecimento das novas unidades em troca de concessões — êsses são os perigos da riqueza, e o exemplo do sucesso de tais estratégias acha-se demasiadamente gravado no nosso próprio passado, para que deixemos de reconhecer a situação.

E por fim, mas nunca menos importante, necessitamos referir à fundamental fraqueza de qualquer governo baseado na força. Desprezando as palavras usadas para descrever o governo brasileiro, o fato de que êsse governo repousa fundamentalmente na força é óbvio. Talvez o único governo legal do Brasil, diz um escritor brasileiro, fosse o governo do Império o qual foi ilegalmente usurpado pela revolução de 1889. E' fato de conhecimento geral de que os governos desde então tiveram que se apoiar mais ou menos no exército e na marinha para se manterem no poder. A opinião pública não pode fazer um pronunciamento coerente num país no qual metade da população se vê isolada no interior, onde apenas três milhões entre quarenta e cinco milhões sabem ler e escrever, onde os jornais e o rádio apresentam sómente uma propaganda cuidadosamente controlada. Si é esta a descrição de um estado fascista então o Brasil desde muito é fascista — muito antes de ter sido descoberta esta palavra na Itália de após-guerra. Usar a palavra democracia em tal situação é apenas, apresentando desculpas a Stuart Chase, para sentir uma agradável ruído na cabeça, querer atordoar-se.

ELEMENTOS PARA MAIOR UNIÃO

Trabalhando contra as forças de desagregação, todavia, existem algumas que parecem conduzir a uma maior unidade nacional. A nova mecânica ajuda à comunicação rápida, tornando, por exemplo possível a administração de um território de muito maior extensão do que se poderia fazer no tempo dos cavalos ou dos carros de boi. O Brasil pode vir a considerar o aeroplano e o rádio do mesmo modo que nós nos Estados Unidos, consideraremos a via-férrea — como tendo chegado à cena justo a tempo para ligar entre si as mais remotas partes da nação.

Mas a ajuda da mecânica sómente não seria provavelmente suficiente si não contasse com dois outros elementos. O primeiro destes é a disposição geográfica dos recursos e das regiões econômicas do país. Si São Paulo ocupasse uma posição isolada

perto das fronteiras do Brasil, o extraordinário progresso econômido dêste Estado poderia tornar-se uma força muito mais séria de desagregação do que realmente o é agora. Situado próximo ao centro, ao contrário, o perigo de que esta divisão política possa separar-se das outras não é grande. Que este Estado possa vir ainda a procurar reconquistar o controle do governo federal é claro, mas que possa buscar uma existência independente não parece provável. Tal ação seria muito difícil sob o ponto de vista militar como o foi demonstrado na contra-revolução de 1932 pela qual São Paulo tentou em vão derrubar o regimen de Vargas. Além disso, o rápido crescimento das indústrias do Estado servem para unir esta região mais e mais a todas as outras partes do Brasil tanto pelas matérias primas como pelos mercados. Apesar de existir atualmente muito descontentamento entre certos grupos de paulistas, os interesses do Estado não parecem repousar no corte de tão vasto potencial de mercados domésticos como os que são encontrados do Rio Grande do Sul ao Norte tropical. Quais, todavia, serão as possibilidades de se formar uma unidade suficientemente homogênea de um grupo de Estados do sul dominados por São Paulo? A opinião do escritor é que presentemente não existe sentimento de unidade entre os vários Estados que possam ser incluídos em tal grupo. O sentimento de orgulho estadual é especialmente considerável através da parte sul do Brasil: não muitos dêstes paulistas aceitariam facilmente o domínio de São Paulo, sobretudo os filhos independentes do Rio Grande do Sul. A consciência regional estendendo-se através das divisas de Estados seria mais facilmente encontrada no grupo dos Estados nordestinos, mas que estes contem com as fontes de lucro do sul e este do país não nos parece possível.

A comparação do Brasil com os Estados Unidos no que diz respeito à comunhão entre o modo de viver das cidades industriais com o do velho sistema rural de plantação, é também muito interessante. Todas as nações do mundo ocidental experimentaram de uma maneira ou de outra, este turbilhão de sistemas fundamentalmente diversos. O aparecimento de grandes indústrias e a concentração de povos nas cidades começaram no mundo moderno no inicio do século passado ao redor das praias do Mar do Norte, e dêste centro a vida industrial e urbana se expandiu para sempre nos grandes círculos. O resultado tem sido um conflito entre os antigos modos de viver, essencialmente rurais e domina-

dos por uma aristocracia colonial e os novos sistemas, essencialmente urbanos e dominados pelos chefes de indústrias e pelo comércio internacional. Esta mesma transformação que perturbou partes da Europa que no começo do século passado estava se passando também nos Estados Unidos. Mas em nossa pátria essas duas modalidades de vida estavam geográficamente separadas, cada qual encontrando sua expressão máxima em diferentes partes do país — o Norte e o Sul — nossa guerra civil foi lutada sob um número considerável de razões fundamentais das quais a única realmente era a escravatura. Na Espanha também, a recente guerra civil tornou capaz de desenvolver um conflito entre ideologias fundamentalmente diversas baseadas numa nítida separação geográfica das áreas essencialmente rurais daquelas essencialmente urbanas.

No Brasil, felizmente, não existe tal separação. No Estado de São Paulo onde o sistema rural atingiu seu maior desenvolvimento na área moderna é também encontrado o principal centro industrial do Brasil. São Paulo é com acerto descrito como o Chicago da América do Sul. Também nos outros Estados do Nordeste de população mais densa até o longinquo sul há uma semelhante, mas pequena combinação da vida rural e urbana, da plantação e da indústria. A ausência de uma nítida separação geográfica parece opôr-se definidamente ao desenvolvimento de conflitos internos baseados em razões realmente fundamentais.

A outra força importante conduzindo a maior união é o novo movimento intelectual no Brasil. De modo geral a importância de uma língua é determinada pela importância de sua literatura. Excetuando as obras primas relativamente poucas e quasi todas antigas, a língua portuguesa dá ao Brasil pouca importância não se considerando a troca de trivialidades verbais da vida quotidiana. O fato de que a maior parte dos brasileiros falam esta única língua pode ser levado em conta como um elemento para maior união. Mas recentemente, desde a grande guerra em diferentes campos intelectuais aparecem grupos de novos escritores produzindo livros e trabalhos de real importância. Na sociologia, na política, na história e na literatura existe já uma corrente substancial de novos escritos que não são apenas compostos de rasgos de eloquência patriótica ou de pobres cópias de expressões literárias de modalidade europeia. Como um elemento condu-

zindo a maior unificação da nacionalidade brasileira este movimento intelectual é talvez o fato mais importante do cenário contemporâneo.

Estas observações referem-se apenas a algumas das correntes complexas que presentemente perturbam a vida brasileira. Determinar-lhes relativo valor é impossível. Poderíamos ser tentados a dar demasiada importância à ausência de razões fundamentais de ideologias nitidamente separadas pela geografia do país. O sentimento de patriotismo estadual, por exemplo, pode ser suficiente, mesmo na ausência de motivos fundamentais, para fornecer a necessária brecha à separação. Os fatores desconhecidos são ainda muito numerosos para que se possa fazer uma previsão razoável.

Não podemos todavia escapar à observação de que tanta riqueza inexplorada no Brasil é uma fonte de grande perigo no mundo de hoje. Si o vasto interior fosse coberto de gelo como o da Groelândia ninguém se preocuparia com os escassos grupos isolados de pessoas ao redor da costa. Mas o Brasil possui muitas riquezas que o mundo necessitará, riquezas não só de depósitos de minerais, mas outras talvez mais importantes: o espaço vital. Podemos apenas aprender a observar o Brasil com olhos realistas, evitando a ipersimplificação dos problemas brasileiros pela tentativa de descrevê-los nos moldes da política europeia contemporânea, ou nos moldes das experiências dos Estados Unidos durante o movimento para o Oeste da nossa fronteira realizado há 50 anos passados.

Nenhuma dessas analogias cabe à atual situação. Podemos apenas desejar que alguma solução seja encontrada para povoar o vazio do interior brasileiro com força humana suficiente para criar ali um valor econômico real; e que os meios para realizá-lo sejam encontrados a tempo de prevenir a separação em partes menores e ainda mais fracas. Só dêste modo poderá o Brasil desenvolver a sua força interna para resistir aos perigos que pairam sobre o futuro. (*)

(*) Isto foi escrito nos E. U. A., e aqui vai, depois de traduzido, sem comentários...



Feira Internacional de Amostras

LEIPZIG - Alemanha

1940

3 a 8 de Março



Exposição Internacional de artigos de uso geral.

Bugra-Exposição de machinario para impressão, artefactos de papel e papelão etc.

Exposições collectivas de 12 paizes.

60% de desconto nas Estradas de Ferro Allemãs.

Serviço de trens especiaes dos paizes adjacentes.

Serviço de alojamento no hall da estação central.

Demais informações com o Delegado Official da Feira de Leipzig para o Brasil.

Rua da Assembléa, 104 - s. 907/913- Caixa Postal 1597

E com os Representantes Honorarios nas capitais dos Estados

Phone: 42-7135 — Rio de Janeiro

ABRINDO O DEBATE

A revisão do Regulamento de Infantaria

(CONTINUAÇÃO)

Pelo Ten. Cel. T. A. ARARIPE

III — ORGANIZAÇÃO DA INFANTARIA

Muitos autores são de opinião que a Infantaria ainda mantém uma organização de características defensivas, advindas da guerra de estabilização 1914/1918.

Já vimos que há tendência acentuadas pelas características ofensivas.

Há também quem deseja a especialização da infantaria:

- unidades organizadas para a defensiva;
- unidades organizadas para a ofensiva.

Para nós, esta idéia não é de todo destituída de fundamento. Ela já se encontra em parte realizada, quanto à primeira espécie, com os batalhões de metralhadoras e os chamados regimentos de fortaleza de organização francesa.

Outra idéia é de se ter uma organização para a ofensiva, que se possa transformar facilmente em elementos de possibilidades defensivas. É, por exemplo, o caso de se ter um regimento organizado para a ofensiva com poucas armas automáticas e maior número de armas de tiro curvo, o qual se transforme para missão defensiva, desde que receba um reforço de armas automáticas. Esta idéia é uma extensão do processo que consiste em dar-se um batalhão de metralhadores a uma D. I. para aumentar-lhe a capacidade defensiva.

Levamos mais longe essa ordem de idéia. Considerando, de um lado, a escassez de material com que

lutaremos, doutro lado, grande contingente de homens válidos e ainda a necessidade de vigiar e de guardar espaços onde não haverá possibilidades de ações de importância, é de prever que sejamos obrigados a organizar unidades de infantaria providas de armamento reduzido e com capacidade combativa reduzida, mesmo em atitude defensiva.

Levamos mais longe essa ordem de idéia. Considerando, de um lado, a escassez de material com que lutaremos, doutro lado, grande contingente de homens válidos e ainda a necessidade de vigiar e de guardar espaços onde não haverá possibilidades de ações de importância, é de prever que sejamos obrigados a organizar unidades de infantaria providas de armamento reduzido e com capacidade combativa reduzida, mesmo em atitude defensiva.

Também não deve ser esquecido o caso das ações ao longo dos grandes rios quando esses sendo as únicas vias de comunicação tem as margens constituidas de terrenos impenetráveis. A organização deverá atender a necessidade de guarnecer e servir-se de embarcações de toda ordem bem como a de combinar as ações terrestres com as fluviais (Bacias do Amazonas, do Paraná e do Paraguai).

Os nossos regulamentos, embora se destinem a organizações modernas, não devem deixar de referir-se a essas eventualidades, pois, assim evitarão surpresas futuras. Os franceses assim procedem. Ao lado dos regulamentos para a guerra na Europa, há o "Manual para o uso das Tropas empregadas no Ultramar", onde estão indicadas as modificações que devem ser introduzidas naqueles regulamentos para atender à mudança de ambiente.

No tocante ao **efetivo** das unidades, cremos que devemos fugir dos paradigmas franceses, para atender também às circunstâncias nacionais. Devemos estar lembrados de que, durante a guerra, os efetivos das unidades francesas foram diminuídos para permitir a formação de maior número de unidades. Ora, sendo provável que tenhamos um número de homens mobilisáveis

maior do que as necessidades, poderemos ser prodígios quanto ao efetivo das unidades. Esse aumento de efetivo será útil principalmente nas companhias de fuzileiros porque lhes garante maior capacidade de choque, maior capacidade de manobra (infiltração) e possibilidades de vigilância e de outros serviços indispensáveis à vida da tropa.

Dir-se-à que assim se tornará a D. I. mais pesada. Cremos que a observação não tem a importância que se lhe quer dar, porque o que torna as grandes unidades pesadas é propriamente a sua impedimenta em viaturas.

O G. C.

Todos estamos lembados de que na organização de 1920 o grupo de combate tinha 15 homens e, como na França diminuiu-se esse número, aqui também se passou a ter o G. C. com 13 homens. Não haveria mal em que tivéssemos mantido aquele número. Teríamos então o pelotão com 50 homens e a Cia. de fuzileiros com 234 homens, número este que chegará a 250 se fôr dada à Cia. a secção de morteiros leves.

A Italia, o Japão, a Russia e a Belgica tem as Cias. de fuzileiros com grandes efetivos de volteadores. A infantaria japoneza tem o Pel. com 2 esquadras de F. M. e 4 esquadras de volteadores, com efetivo que orça pela casa dos 50. A belga tem o pelotão com quatro grupos de 15 homens. A dos Estados Unidos tem o pelotão com mais de 50 homens (6 esquadras de 8 munes).

A CIA. FZ.^o

O quadro abaixo dá a organização de 1937 na infantaria dos exércitos de vários países. No tocante à Cia. de fuzileiros devemos assinalar o grande número de F. M. e fuzis automáticos nos Estados Unidos, o número ainda reduzido de F. M. no Japão, o número de bocais (trombocino) lança granadas na Italia, a existência de uma secção de metralhadora na Romania e Russia como órgão das Cias. de fuzileiros e ainda o pelotão de morteiros Brandt fazendo parte integrante da Cia. de fuzileiros da Suécia.

COMPOSIÇÃO DAS PEQUENAS UNIDADES -- 1936/1937

U n i d a d e s	F R A N Ç A	A L E M A N H A
Sec. de Fuz. (equivale ao nosso Pel.)	3 grupos semelhantes (12 h) 3 F. M. 4 bocais ou lança granada	3 grupos semelhantes de 13 homens 3 Mtr. G 08/15 (Mtr. 13 nas unidades motorizadas)
Cia. Fuz.	4 Secs. semelhantes. 1 Sec. mrt. 60 12 F. M. 16 bocais 1 mrt. 60	3 Secs. semelhantes. 9 mtr.
Sec. Mtr.	2 gr. de 2 peças	2 meia-sec. de 2 peças
Cia. Mtr.	4 Secs semelhantes.	3 Secções sendo uma de acompanhamento 12 peças
Btl. I.	3 Cias. fuz. 1 Cia. Mtr.	3 Cias. fuz. 1 Cia. Mtr.
Engenhos canhões de infantaria, metralhadoras, regimentais, etc.	Cia. engenhos 1 Sec. mrt. a 3 grupos 6 mrt. 6 canhões	Cia. M. W.: 3 Sec. M. W. leves 1 Sec. M. W. medio 1 Cia. anti-carros motorizada (9 peças).

U n i d a d e s	ESTADOS UNIDOS	INGLATERRA
Sec. de Fuz. (equivale ao nosso Pel.)	3 esq. de 8 homens 3 F. M. Browning 3 fuzis lança-granadas. O pelotão tem: 2 Secs.	2 esq. de Volt. de 7 homens. 2 esqu. de fuz. de 7 homens. 2 mtr. leves 6 bocais
Cia. Fuz.	3 Pels. semelhantes. 18 F. M. 18 fuzis lança granada	4 sec. semelhantes 8 Mrt. leves 24 bocais
Sec. Mtr.	4 peças	4 esqs. ou 4 peças
Cia. Mtr.	3 Secs. ou 12 peças	3 Secs. ou 12 peças 1 Sec. mrt. = 2 peças.
Btl. I.	3 Cias. fuz. 1 Cia. Mtr.	2 Cias. fuz. 1 Cia. apoio
Engenhos canhões de infantaria, metralhadoras, regimentais, etc.	Cia de engenhos a 3 Pels. cada um com: 1 canhão 37 1 morteiro 75	

40

U n i d a d e s	I T A L I A	J A P Ã O
Sec. de Fuz. (equivale ao nosso Pel.)	3 esq. mixtas 15 homens 3 F. M. 15 lança granadas	2 esq. de fuz. 2 esq. de volteadores 2 F. M.
Cia. Fuz.	3 Secções semelhantes 9 F. M. 45 lança granadas	3 secs. semelhantes. 6 F.M.
Sec. Mtr.	4 peças	2 peças
Cia. Mtr.	3 Secções = 12 peças	3 Secs. de 8 peças 1 Secção de morteiro e canhão 37
Btl. I.	3 Cias fuz. 1 Cia. Mtr.	3 Cias. de fuzileiros 1 Cia de metralhadoras
Engenhos canhões de infantaria, metralhadoras, regimentais, etc.	1 Sec. de 3 canhões de 65 de mort.	1 Sec. de 3 canhões obús.

U n i d a d e s	ROMANIA	P O L O N I A
Sec. de Fuz. (equivale ao nosso Pel.)	3 grupos semelhantes 3 F. M. 3 bocais	3 grupos semelhantes 3 F. M. 1 grupo de granatniks
Cia. Fuz.	4 Secções semelhantes 12 F. M. 12 bocais 1 Gr. Mtr. = 2 peças	3 Secções semelhantes
Sec. Mtr.	4 peças	4 peças
Cia. Mtr.	4 Secções = 16 peças	3 Secs. = 12 peças 1 pel. Mrt.
Btl. I.	3 Cias. fuzileiros 1 Cia. de eMtralhadoras	3 Cias. fuz. 1 Cia. Mtr.
Engenhos canhões de infantaria, metralhadoras, regimentais, etc.		3 Secs. de 2 Mrt. cada uma 1 Sec. Canhão de 75

U n i d a d e s	B E L G I C A	R U S S I A
Sec. de Fuz. (equivale ao nosso Pel.)	3 grupos com 1 esquadra de fuz. e 1 esq. de volteadores 15 homens	
Cia. Fuz.	3 Seções semelhantes	3 Secs. de fuzileiros 1 Sec. Mtr. com 2 p. Mtr. e um grupo de granadeiros.
Sec. Mtr.	4 peças	4 peças
Cia. Mtr.	3 Seções de 4 peças	3 Secs. de 4 p.
Btl. I.	3 Cias. de fuzileiros 1 Cia. de infantes	3 Cias. fuz. 1 Cia. Mtr. 1 pel. art. de btl
Engenhos canhões de infantaria, metralhadoras, regimentais, etc.	2 pel. cada um 4 Mrt.	1 grupo de artilharia regimental

U n i d a d e s	S U E C I A
Sec. de Fuz. (equivale ao nosso Pel.)	4 grupos semelhantes
Cia. Fuz.	3 Secs. 1 Sec pesada de 2 Mtr. e 2 Mrt.
Sec. Mtr.	
Cia. Mtr.	1 pel. ordinario 1 pel. 4 Mtr 1 pel. 2 Mtr. 1 pel. 2 Mrt.
Btl. I.	1 Cia. pesada. 3 Cias. fuz.
Engenhos canhões de infantaria, metralhadoras, regimentais, etc.	

A CIA. MTR.

A organização da Companhia de Metralhadoras lembra várias idéias que tem sido apresentadas e mesmo aplicadas.

Uma delas é a sua denominação: — Cia. de acompanhamento, Cia. de apoio e Cia. de Engenhos. A primeira, que diz respeito a uma das suas missões características, tem tido melhor aceitação e está adotada no regulamento francês de 1938. Ela satisfaz quer a Cia. venha a ser constituída só de metralhadoras quer possua também outros engenhos. Ela satisfaz ainda quando se considera a tendência de possuirem as Cias. de fuzi-

leiros e as de Metralhadoras a mesma arma (é o caso da Madsen).

O Cmt. Laporte propôz, há tempos, que se chamassem a Cia. de Fuz. de **Cia de Combate**, a Cia. Mtr. de **Cia. de Acompanhamento** e a Cia. de Engenhos Regimentais de **Cia. de Apoio**.

A primeira designação é uma generalização das denominações consagradas Grupo de Combate e Pelotão de Combate.

A segunda designação, firmada, como já dissemos, pelo regulamento francês de 1938, é aceitável, porém a terceira é, a meu ver, mais apropriada às Cias. Mtr. de Btl., pois que a sua missão é de apoio, embora esse apoio importe em obrigação de acompanhar o escalão de ataque com fogos e com o material que se desloca de posição de tiro em posição de tiro (base de fogos sucessivas).

Essa observação é interessante porque nos nossos regulamentos, a missão de acompanhamento era dada às secções que, devendo apoiar o escalão de fogo, seguiam-no de perto nos seus rastros, ao passo que a **missão dita de apoio** era mais normal.

A proposta do Cmt. Laporte de dar à Cia. de Engenhos Regimentais o nome de Cia. de apoio não corresponde à missão, como fez parecer aquele Cmt.

Os engenhos regimentais têm missões variadas: reforço do apoio dos Btls., defesa anti-engenhos blindados, defesa anti-aérea. Por isso não nos parece bem a mudança de denominação — C. E. R., a menos que se lhe chamassem Cia. Complementar, nome que aliás não é bem significativo.

A organização dessa Cia. de Mtr. de Btl. oferece motivo para novo reparo. Da organização prevista no Regulamento de 1933 — (2 Secs. pesadas, 2 Secs. leves e 1 Sec. de Mrt.) passamos a organização atualmente adotada (8 Secs. pesadas e 1 Sec. de Mrt.). Não resta dúvida que se deu ao Btl. um acréscimo considerável em armas automáticas. De 27 F. M. e 8 Mtrs. passou-se a 36 F.M. e 16 Mtrs. ou 52 armas automáticas. A 50 ms. de frente por arma, passou-se de 1.750 ms. de frente a 2.600 ms..

Em compensação, a Cia. de Mtr. fica com o seu efectivo em homens e animais quasi duplicados (cerca de 300 homens e mais de 100 animais), sendo, portanto, unidade de vida dificil.

Haverá conveniencia em reduzir essa organização?

Creamos que sim. Já disemos que os aperfeiçoamentos do F. M. e a sua equiparação à Mtr. aumentaram a capacidade do Btl. em armas automaticas e portanto a sua capacidade defensiva. Anteriormente, o Btl. dispunha de 27 F. M. de qualidade balisticas inferiores à Mtr. e 8 Mtr.; hoje ,éle tem 52 armas automaticas de grande eficiencia. Uma diminuição de quatro Mtrs. não representará deficit muito grande, tanto mais quanto será possivel dar às Cias. de fuz. alguns reparos dos F. M. para que nas paradas longas êles possam atuar com a estabilidade das armas da Cia. Mtr.

Assim a Cia. de Mtr. ou Cia. de Apoio poderá ter apenas 3 Pels. ou 12 peças e 1 a 2 Sec. de Mrt. a 2 peças. Aliás, no quadro anexo verificamos que só a França e a Romania tem 16 peças na Cia. de Mtr.; a Alemanha, os Estados Unidos, a Inglaterra, a Russia e a Belgica tem 12 peças; o Japão apresenta apenas 8 peças.

Essa diminuição é tanto menos perigosa, quanto a esperança da infantaria moderna na ofensiva repousa nas armas de tiro curvo e nas anti-engenhos blindados, mais do que nas de tiro tenso.

Insistimos em que o F. M. Hotchkiss, adquirido em 1920, é hoje arma antiquada.

ARMAS ANTI-CARROS E ANTI-AÉREAS — A C.E.R.

As armas anti-engenhos blindados e anti-aéreas criam um sério aspecto de organização — qual o escalaço de organização dessas armas? — Devem ser centralizadas no regimento ou repartidas “a priori” pelos batalhões?

O regulamento francês de 1938 coloca a defesa anti-engenhos blindados nas mãos do comandante do Regimento, o qual “organiza de maneira particular a defesa contra os engenhos blindados e dá as necessárias

leiros e as de Metralhadoras a mesma arma (é o caso da Madsen).

O Cmt. Laporte propôz, há tempos, que se chamassem a Cia. de Fuz. de **Cia de Combate**, a Cia. Mtr. de **Cia. de Acompanhamento** e a Cia. de Engenhos Regimentais de **Cia. de Apoio**.

A primeira designação é uma generalização das denominações consagradas Grupo de Combate e Pelotão de Combate.

A segunda designação, firmada, como já dissemos, pelo regulamento francês de 1938, é aceitável, porém a terceira é, a meu ver, mais apropriada às Cias. Mtr. de Btl., pois que a sua missão é de apoio, embora esse apoio importe em obrigação de acompanhar o escalão de ataque com fogos e com o material que se desloca de posição de tiro em posição de tiro (base de fogos sucessivas).

Essa observação é interessante porque nos nossos regulamentos, a missão de acompanhamento era dada às secções que, devendo apoiar o escalão de fogo, seguiam-no de perto nos seus rastros, ao passo que a **missão dita de apoio** era mais normal.

A proposta do Cmt. Laporte de dar à Cia. de Engenhos Regimentais o nome de Cia. de apoio não corresponde à missão, como fez parecer aquele Cmt.

Os engenhos regimentais têm missões variadas: reforço do apoio dos Btls., defesa anti-engenhos blindados, defesa anti-aérea. Por isso não nos parece bem a mudança de denominação — C. E. R., a menos que se lhe chamassem Cia. Complementar, nome que aliás não é bem significativo.

A organização dessa Cia. de Mtr. de Btl. oferece motivo para novo reparo. Da organização prevista no Regulamento de 1933 — (2 Secs. pesadas, 2 Secs. leves e 1 Sec. de Mrt.) passamos a organização atualmente adotada (8 Secs. pesadas e 1 Sec. de Mrt.). Não resta dúvida que se deu ao Btl. um acréscimo considerável em armas automáticas. De 27 F. M. e 8 Mtrs. passou-se a 36 F.M. e 16 Mtrs. ou 52 armas automáticas. A 50 ms. de frente por arma, passou-se de 1.750 ms. de frente a 2.600 ms..

Em compensação, a Cia. de Mtr. fica com o seu efectivo em homens e animais quasi duplicados (cerca de 300 homens e mais de 100 animais), sendo, portanto, unidade de vida difícil.

Haverá conveniencia em reduzir essa organização?

Creamos que sim. Já disemos que os aperfeiçoamentos do F. M. e a sua equiparação à Mtr. aumentaram a capacidade do Btl. em armas automaticas e portanto a sua capacidade defensiva. Anteriormente, o Btl. dispunha de 27 F. M. de qualidade balísticas inferiores à Mtr. e 8 Mtr.; hoje ,éle tem 52 armas automaticas de grande eficiencia. Uma diminuição de quatro Mtrs. não representará deficit muito grande, tanto mais quanto será possível dar às Cias. de fuz. alguns reparos dos F. M. para que nas paradas longas êles possam atuar com a estabilidade das armas da Cia. Mtr.

Assim a Cia. de Mtr. ou Cia. de Apoio poderá ter apenas 3 Pels. ou 12 peças e 1 a 2 Sec. de Mrt. a 2 peças. Aliás, no quadro anexo verificamos que só a França e a Romania tem 16 peças na Cia. de Mtr.; a Alemanha, os Estados Unidos, a Inglaterra, a Russia e a Belgica tem 12 peças; o Japão apresenta apenas 8 peças.

Essa diminuição é tanto menos perigosa, quanto a esperança da infantaria moderna na ofensiva repousa nas armas de tiro curvo e nas anti-engenhos blindados, mais do que nas de tiro tenso.

Insistimos em que o F. M. Hotchkiss, adquirido em 1920, é hoje arma antiquada.

ARMAS ANTI-CARROS E ANTI-AÉREAS — A C.E.R.

As armas anti-engenhos blindados e anti-aéreas criam um sério aspecto de organização — qual o escalaõ de organização dessas armas? — Devem ser centralizadas no regimento ou repartidas “a priori” pelos batalhões ?

O regulamento francês de 1938 coloca a defesa anti-engenhos blindados nas mãos do comandante do Regimento, o qual “organiza de maneira particular a defesa contra os engenhos blindados e dá as necessárias

diretrizes para a instalação e os deslocamentos das barragens anti-carros" (n.^o 544, 2.^a Parte).

A centralização dessas armas em um organismo regimental é uma solução aceitável. Permite dosar economicamente o emprego desses engenhos em função das possibilidades ocasionais dos engenhos blindados inimigos e do terreno. Não resta dúvida que a existência de armas anti-carros nos primeiros escalões seria uma medida preventiva. Porem, si for dada permanentemente ao Batalhão a secção anti-carros, material de grande vulto, aquele se tornará mais pesado.

Alguns exércitos procuram ter uma arma anti-carro leve e capaz de ser distribuída aos batalhões, companhias e mesmo ao pelotão. Entretanto, ainda não se conseguiu solução técnica satisfatória.

O citado regulamento francês não considera armas especializadas na defesa anti-aérea da infantaria. Esta será realizada pelas secções de metralhadoras dos batalhões e mesmo por alguns fuzis metralhadores (n.^o 273, 2.^a Parte).

No nosso caso, em que as metralhadoras são transportadas em cargueiros, a solução apresenta sérias dificuldades na marcha de estrada e na aproximação, de um lado por ser penosa a entrada em posição repetidas vezes e doutro lado por ser necessário proteger principalmente os trens. A existência de uma arma sobre rodas, de entrada em posição instantânea, resolve o problema. Daí a adoção de uma arma especializada na defesa contra aviões que voem baixo.

O seu pequeno número e a necessidade de não tornar pesado o batalhão aconselham que sejam reunidas no regimento, embora o comandante tenha que repartilhas para proteção dos batalhões, dos trens, do P.C., etc..

Pareceu sempre conveniente ter o Coronel um meio próprio de fogo para intervir na manobra de fogos dos Btls. empenhados. Foi esta a nossa doutrina, materializada pela C. M. R. e pela Bia. de regimento.

Por isso, deu-se-lhe um Pel. de Morteiros e 2 Secções ou sejam 8 peças.

Atualmente, esses Morteiros do R. I. têm as mesmas características do dos Btls. porém, o ideal será que êles disponham de armas de tiro curvo de ação mais profunda do que os morteiros do Btl.. Teríamos assim uma gama completa de materiais de tiro curvo, granada de mão, o lança granada, o morteiro leve, o morteiro de Btl., o morteiro de Regimento, o 105 C., etc..

Além disso, convirá que esses morteiros tenham o mesmo sistema de transporte dos engenhos anti-carros e anti-aereos indicados acima.

Mas, cuidados com essa diversidade de materiais.

A "virtuosidade" na direção do tiro e do emprêgo das secções de Mtr., Mrt., armas anti-engenhos blindados e anti-aéreas cria o difícil problema de "enquadramento" dessas frações. Só devem ser comandadas por oficiais ou sargentos experimentados. As secções de Mtr. que atuam sob as vistas diretas do Cmt. do Pel. Mtr. podem ter sargentos à sua testa, contanto que sejam habéis. As secções de Mrt. não dispensam o comando do oficial. E com maioria de razão as peças anti-engenhos blindados e anti-aéreas, que atuam em regra isoladas, devem ser comandadas por sargentos.

O BTL. I.

A constituição do batalhão de infantaria já alcançou nos exércitos modernos situação estável — 3 Cias. de fuzileiros, 1 Cia. de Mtrs. e Mrt. e 1 Pel. Extranumerário. Contudo, essa constituição não é indêne de críticas.

Dentre as críticas, uma das mais sérias é a que resulta do estudo comparado feito pelo General Clément-Grandcourt dos batalhões de 1914, de 1916 e 1917 que comandou na guerra.

O batalhão de atiradores de 1914 compunha-se de 4 Cias. idênticas a 4 Pels. de efetivo muito forte e 1 Sec. de 2 Mtrs.. Mesmo pobre de material, tinha a vantagem da coesão e, graças à sua organização par ou quadrada, permitia sistemas de substituições, de rendições,

de permutações circulares e de passagem de linha, que não podem ser autorizadas pelo sistema ternário.

O batalhão de 1916, ao contrário, tinha apenas 3 Cias. de Fuz., mas dispunha de 1 Cia. Mtr. a 4 Secs. e de 2 canhões de 37. Era o batalhão capaz de manter-se no terreno e de durar, mas para o qual a manobra era difícil porque, se dispunha de meios para alimentar o combate estático, estes não bastavam para o combate dinâmico.

Levando a juxtapor, na maioria das vezes, as 3 Cias. de fuz., o Comandante do Btl. via-se obrigado a reter os 4.^{os} Pels. das Cias., como tropa à sua disposição. Tornava-se difícil a manobra, porque cada pelotão, mesmo quando se reuniam os três sob comando único, não chegava a constituir com os outros verdadeira unidade com o hábito de trabalhar e de manobrar juntos, sob a mesma direção. Se, ao contrário, o batalhão tivesse 4 Cias. de Fuz. em lugar de 3, um contra-ataque seria possível e ele poderia durar o dobro de tempo.

O batalhão de 1917, alpino, tinha constituição muito especial: 4 Cias. de Fuz., 1 Cia. de Mtr. de 12 peças e numeroso Pel. Extranumerário.

Esse Pel. Extra constituía verdadeira reserva de todas as armas nas mãos do Comandante do Btl. (mensageiros, ciclistas, agentes de ligação, fuzileiros, grupo franco, sapadores, canhão 37 e morteiro alemão de 75). Representava uma unidade de comando especializada, uma arma multiforme nas mãos do comando. Daí, a possibilidade para esse batalhão de caçadores alpinos de realizar manobras variadas:

- 3 Cias. Fuz. juxtapostas, em frente larga; reserva de 1 Cia.. Fuz., a Cia. Mtr. e o Pel. Extra;
- o Btl. em coluna dupla (2 Cias. em 1.^º escalão e 2 em 2.^º) e ainda a Cia. Mtr. e o Pel. Extra diretamente nas mãos do Cmt. do Btl.; etc..

Dessa comparação, bem comprovada pela experiência, ressalta a vantagem do Btl. quadrado sobre o terário. A sua resistência, a sua capacidade de durar e o

eu rendimento total são o dobro, no que se pôde esperar do Btl. ternário; pode-se pedir a 3 Btls. de 4 Cias. tanto ou mais do que a 6 Btls. de 6 Cias..

E' bem verdade que o btl. alpino de 1917 era pesado pouco apto à manobra mas o General Grandcourt resolve a questão do seu aligeiramente, na proposta que faz ao Governo Suisse.

Propõe êle tirar do Btl. a sua Cia. de Mtr; "porque esta complica-lhe a vida por seu excessivo peso e seu emprego difícil e problematico na ofensiva". E' interessante ter um dos comentadores da "Revue d'Infanterie" feito a seguinte anotação à margem dessa opinião: "tendemos fatalmente para essa solução, na França e algures". Conta principalmente com a adoção nas Cias. de Fuz. de uma arma automatica com as mesmas características da Mtr..

Finalmente, o Btl. proposto pelo General Clément-Grandcourt compõe-se de 4 Cias. de Fuz. intermutaveis em 12 ou 16 F. M. cada uma e uma 5.^a Cia. em que se rupa as transmissões, observadores, sapadores ,armas anti-aéreas, anti-engenhos blindados, morteiros, etc..

Essa idéia da supressão da Cia. Mtr. é a mesma manifestada por Currus e que citamos no capítulo a respeito do armamento.

E' a organização apresentada ha tempos pela Fábrica de Metralhadoras Madsen.

Recusada inicialmente, a solução já começa a ser encarada como possível.

Para nós a solução do Btl. quadrado é atracente porque permite vigiar e guardar maior frente, e por outro realiza maior capacidade de manobra, desde que seja bem considerada a dotação de armas de tiro curvo se disponha do F. M. tão bom ou melhor que a atual Mtr. Hotchkiss.

R. I.

Ainda se discute a conveniência ou não do escalão regimento na infantaria. Ao nosso ver, o R. I. é o orção indispensável de comando e de vida. intermediário

entre o comandante da D.I. e os Btls. de ataque. E' necessário como elemento coordenador dos Btls. entre si e destes com o agrupamento de apôio direto e os carros de acompanhamento.

Se não existir organicamente, esse orgão de comando, será preciso improvisá-lo em campanha.

No estado atual êle se caracterisa por dois orgãos:

o de comando, chamado a Cia. de Comando,
e o dos Serviços, a Cia. Extranumerária.

No nosso caso particular, o R. I. é uma pequena D.I. com meios de vida de certo vulto, e obrigado muitas vezes a atuar em larga frente, isolado e constituindo destacamentos. Ora é justamente no caso das grandes frentes que devemos contar com grandes sub-divisões de orgãos de comando e de vida para permitir a indispensável descentralização do comando.

OUTROS TIPOS DE INFANTARIA

A Infantaria que analisamos é a que corresponde ao aproveitamento ótimo dos meios modernos de guerra, em terreno favorável ao emprego deses meios e contra inimigo que disponha de poder equivalente.

Como já indicámos, convirá prever a constituição de outros tipos de infantaria adaptados às condições do terreno (zonas muito cobertas, de poucas vias de comunicações, zonas fluviais, etc.) e dosados economicamente para haver-se com adversários armados sumariamente.

E' possível conceberem-se Btls. maneiros, com menor impedimenta, menor potência de fogo, maior capacidade de vigilância (efetivo maior e elementos moveis), podendo deslocar-se facilmente a cavalo ou em caminhões e destinados à vigilância das fronteiras neutras ou mesmo a tomar parte em colunas e destacamentos que executem operações de pequena envergadura.

Mesmo nos teatros de operações principais, essa infantaria aligeirada poderá guardar intervalos pouco

perigosos, pontos importantes da retaguarda, cobrir por tempo limitado direções perigosas, etc..

Essa solução deverá ser prevista para o caso de escasses de armamentos e de sobra de homens.

A tropa destinada a atuar nos rios e suas proximidades terá forçosamente organização mixta de tropa de terra e tropa de mar: meios de transportes fluviais e em viaturas; meios de fogo montados sobre embarcações ligeiras e blindadas; possibilidades de embarque e desembarque a viva força, etc..

Essa especialização pôde aterrar muita gente por parecer complicar o problema mas atende às possibilidades de emprego e principalmente ao fator economia.

Os francêses, de quem compiamos a organização atual, assim procedem. A sua infantaria para o Marrocos, a Siria, a Indo-China, etc., não tem a mesma organização da Europa.

Finalmente, não se deve esquecer o problema da motorização.

O emprego dos auto-caminhões nos trens e nos serviços é intuitivo.

Pode-se dizer que o auto caminhão leve vai onde chegam as viaturas hipo ou os cargueiros, salvo quando se trata de regiões montanhosas.

Além disso, a infantaria deve beneficiar-se com os veículos "qualquer terreno", não só para o remuniciamento como para as armas anti-engenhos blindados, anti-aéreas e morteiros dos R. I..

Termo de abertura do Livro de Visitas do Entreponto

Dou parabens a mim mesmo, por caber-me a honra de abrir este livro de impressões.

E' que a que levo desta visita não pôde ser melhor, pois não ha uma unica objecção a fazer, quanto á hygiene do estabelecimento, á pureza do leite e seu preparo impeccavel, para segura garantia do consumidor.

Oxalá surjam os imitadores, para que toda a população do Rio de Janeiro beba um leite absolutamente saudavel.

Assim me exprimo, porque já tive feliz oportunidade de visitar a Normandia, onde a ordenha e o preparo do leite se realizam sob as mais severas medidas de hygiene.

O leite Normandia deve ser o preferido pelas mães zelosas da saude dos filhos.

Rio, 4 de Junho de 1932.

a) BELISARIO PENNA

Director do Departamento Nacional de Saude Pública

AZIMUTE DE MARCHA (*)

Pelo Major J. Dias Campos Jr.

A direção para uma tropa que progride no decorrer do combate sendo de primordial importância, afim de evitar a mistura ou a divergência dos elementos, faz com que todo chefe, em particular os dos escalões testa, tenha o maximo cuidado em sua conservação.

"A indicação da direção é completada pelo azimute. Às vezes, na falta de pontos de direção caracteristicos ou que possam ser vistos durante um percurso extenso, só se fornece à tropa esse azimute". (R. E. C. I., II n.º 188).

Torna-se, pois, mister que os oficiais e os sargentos por menor graduação que tenham, estejam familiarizados com a leitura ou com o transspporte para a carta do azimute de uma direção. Operações estas por demais simples, são no entanto causa de muita confusão e erro, dada a falta de doutrina ainda existente não só quanto ao sentido do crescimento, como em relação à origem dos angulos azimutais.

I — Definições necessárias.

AZIMUTE de uma direção é o angulo que esta direção faz com a linha Norte-Sul, tambem chamada linha meridiana ou simplesmente meridiana.

MERIDIANA é a intersecção do plano de um meridiano com um plano tangente à superficie da terra no ponto ocupado pelo observador. Este ultimo plano é o plano do horizonte no lugar.

Quando se considera uma porção restrita da superficie terrestre, pôde-se tomar a meridiana, como sendo a intersecção desta superficie com o plano de um meridiano.

MERIDIANOS são circulos cujas circunferencias passam pelos pólos e dividem a Terra em dois hemisférios: o oriental, do lado do levante, e o occidental, do lado do poente.

(*) Notas escritas pelo Autor, quando instrutor da Escola Militar Provisória.

PÓLOS MAGNETICOS e PÓLOS GEOGRAFICOS — A Terra encarada como um grande iman tem os seus pólos magnéticos deslocados em relação aos seus pólos geométricos, ditos pólos geográficos ou verdadeiros. Isto faz com que a agulha imantada, sob a ação do magnetismo terrestre se coloque, quando suspensa em liberdade, em uma direção sensivelmente constante, a do meridiano magnético, diferente da do meridiano verdadeiro.

DECLINAÇÃO é o ângulo formado por estas duas direções, isto é, pela linha N.S. magnética com a linha N. S. verdadeira. A declinação é dita ocidental ou Oeste quando a ponta Norte (azul) da agulha está deslocada para Oeste da linha N.S. verdadeira; ela é dita oriental ou Leste, no caso contrário.

Quando o azimute é estabelecido em relação à linha N. S. geográfica, ele é chamado **AZIMUTE GEOGRAFICO** ou **VERDADEIRO**; quando estabelecido em relação à linha N. S. magnética é designado por **AZIMUTE MAGNETICO**.

II — Sentido do crescimento dos azimutes.

Divergem os autores — podendo-se agrupá-los por nacionalidade — quanto ao sentido do crescimento dos ângulos azimutais.

Assim, os alemães e ingleses contam-nos a partir do Norte de 0 a 360°, no sentido do movimento dos ponteiros de um relógio. É o chamado no sentido direto ou positivo e conhecido pelo indicativo **NESO**, uma vez que os ângulos crescem de Norte para Leste, Sul e Oeste. Este azimute tem a designação de azimute geodésico, por serem contados desta maneira em Geodesia os ângulos azimutais.

Os franceses contam-nos do Norte, de 0 a 360°, porém no sentido inverso ou trigonométrico; os ângulos crescem, por conseguinte, no sentido **NOSE** ou sentido contrário ao da marcha dos ponteiros do relógio. Eles chamam este ângulo de **ORIENTAÇÃO** quando desrespeitam a convergência dos meridianos.

Os brasileiros que no levantamento expedito, segundo o método francês, preferem, como os americanos do Norte, no levantamento regular contar os azimutes de 0 a 90°, por quadrantes, a partir do Norte e do Sul para Leste e Oeste; dão-lhe, então a denominação de **RUMO**. Quando se lê o ângulo declara-se logo o quadrante; assim, 25° N. E. quer dizer que a direção é de 25° a partir do Norte magnético para Leste. Este modo de contar os azimutes é o empregado em navegação.

E para citar mais um processo, o universal utilizado pelos astronomos: os angulos crescem de 0 a 360°, porem a partir do Sul e no sentido direto.

* * *

Em Aviso Ministerial de 11 de Agosto de 1921, o sentido do crescimento dos azimutes foi fixado no Exército Francês. Adotou-se então, como SENTIDO OFICIAL, o sentido direto ou NESO, os azimutes crescendo de 0 a 360°. Foi assim regulamentado o que desde a Grande Guerra já prescrevia o "Manuel du Chef de Section" e o que já era ha muito usado na artilharia. Como esse novo sentido contrariava o que estabelecia os autores civis, batissaram os militares ao novo angulo, de ANGULO DE MARCHA.

A razão da preferencia parece simples de explicar. A direção natural da progressão das tropas francesas, sendo para N.E., os azimutes de suas direções serão expressos no sentido NESO por valores numericos pequenos comprendidos todos eles entre 0 e 180°, por conseguinte faceis de serem transportados para a carta com uma simples aplicação do transferidor; evita-se com isso a desvantagem de um calculo mental e de provaveis erros na verificação do suplemento a ser acrescentado a 180° afim de que se possa traçar a direção.

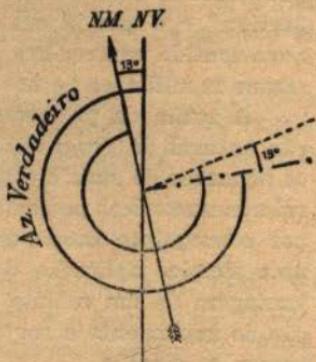
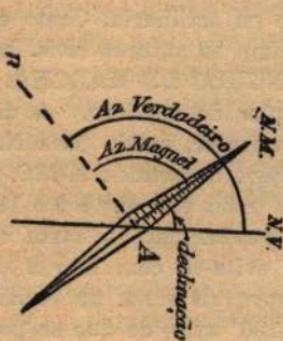
Não nos parece solida a argumentação a que muitos se apegam para justificar o sentido determinado pelo aviso ministerial, como sendo o da numeração do fundo graduado das bussolas ou do limbo do transferidor. Quasi a totalidade dos transferidores, mesmo os de preço mais baixo, têm graduação dupla, inversa uma da outra; quanto às bussolas, a diversidade no genero — umas com o limbo graduado no sentido NOSE, outra no NESO — bem justifica uma medida tendente à adoção, no Exército, de um tipo unico.

* * *

Transplantando o caso francês para o nosso meio, a posição geografica do Brasil no continente indica que pela mesma razão — e isso sem contrariar a maneira de contar dos autores civis nacionais, no levantamento expedito que é essencialmente um levantamento militar — se deva fixar o sentido inverso ao da marcha dos ponteiros de um relógio ou sentido NOSE, como sentido oficial de crescimento dos nossos azimutes.

III — Origem dos azimutes.

Se na carta podemos medir ao mesmo tempo o azimute verdadeiro e o magnético, no terreno sómente este último pôde ser levado em conta. Com efeito, a indicação do azimute de marcha sendo fornecida tendo em vista o seu uso no caso da região não apresentar pontos de direção característicos, ou que possam ser vistos durante um percurso extenso, ou ainda por ocasião do nevoeiro ou de noite, é somente com a ajuda da bussola que a progressão poderá ser feita.



Quem palmilha o terreno, guiado pela agulha imantada, premido pelas circunstâncias, com mil e uma preocupações, não se lembrará, na maioria das vezes, da declinação. E' diferente do chefe que, no seu P. C. mais à retaguarda, terá naturalmente mais raciocínio, mais calma e o Anuario do Observatorio mais ao alcance da mão.

E não é desrespeitável o erro cometido com o abandono da declinação.

Assim, aqui para o Rio, onde a declinação atual é de 13° W., o executante que no terreno tomar como magnético o azimute verdadeiro que lhe foi dado, irá gradativamente se afastando do seu ponto de direção de 13° para a esquerda. Isto significa — transformando os graus em milesimos ($1^{\circ} = 18 \text{ ml.}$) e tendo em vista que o milesimo é o ângulo sob o qual se vê um metro a 1.000 metros de distância — que a 1 m. do ponto de partida o executante já estará desviado da bona direção de 234 ms. para a esquerda. Se a marcha se prolongar é evidente que o desvio crescerá proporcionalmente.

Portanto, desde que deva ser dado a um subordinado, o azimute deve ser referido ao Norte Magnético. O CHEFE DEVE SEMPRE FORNECER O AZIMUTE MAGNETICO DA DIREÇÃO DE MARCHA.

* * *

Uma vez fixados esses dois pontos — sentido e origem — para a leitura de um azimute é ainda necessário conhecer-se o tipo da bussola empregada, afim de se evitarem os erros decorrentes da falta de atenção no sentido da graduação do limbo.

IV — Classificação das busolas.

Atendendo a que nas bussolas a unica parte que se pôde considerar fixa é a agulha — pois ela conserva, quando em reposo e livremente suspensa, a direção do meridiano magnético — a maioria dos autores classificam-nas em:

- a) Bussolas de limbo móvel — as que têm a agulha independente do limbo;
- b) Bussola de limbo fixo — nas quais o limbo faz sistema com a agulha.

E' facil de compreender que as primeiras são todas as que possuem o limbo solto da agulha e preso na caixa; nelas as graduações do limbo desfilam, quando se move a caixa, deante da ponta da agulha. Ao contrario, nas bussolas de limbo fixo, este sendo solidario com a agulha fica firme, quando se move a caixa; é então um traço de referencia gravado nesta, e na direção da linha de visada, que vai desfilar diante do círculo graduado.

Entre as mais usadas, podemos citar como de limbo móvel, a busola-alidade de PEIGNÉ e a busola diretriz ordinária; como de limbo fixo, a busola PLAN e as busolas prismáticas. A bussola BEZARD que gosa de bastante simpatia no Exército e que para alguns camaradas deve ser classificada à parte, em uma nova categoria, pôde a nosso ver ser enquadrada ora numa ora noutra. Assim, se dispuzermos o seu limbo, que é articulado com a caixa, de maneira que o zero de sua graduação coincida com a referencia da caixa, ela funcionará como se fosse uma busola de limbo móvel; se após cada visada, fizermos a coincidencia, em direção e sentido, da linha de fé do limbo (linha N.S. ou 0 - 180°) com a agulha

imantada, e executarmos as leituras correspondentes na referencia citada, ela estará funcionando como se fosse um bussola de limbo fixo.

O quadro abaixo esclarece a leitura do azimute de uma direção AB, variando o tipo da bussola e o sentido da graduação do limbo.

Resultado do que acabamos de expor:

1) — A grande vantagem na utilização das bussolas de limbo movel, graduadas no sentido NESO (tipo PEIGNÉ ou a diretriz ordinaria), ou ainda das de limbo fixo, graduação NOSE (tipo BEZARD) quando se quer determinar o azimute de uma direção.

2) — A necessidade urgente de uma providencia do Ministério da Guerra, por seu orgão técnico o Estado Maior do Exército, em fixar:

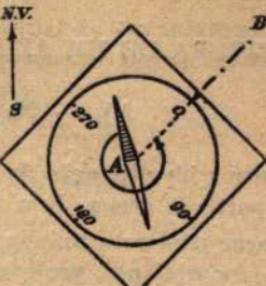
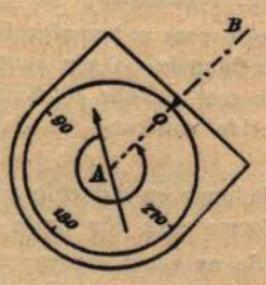
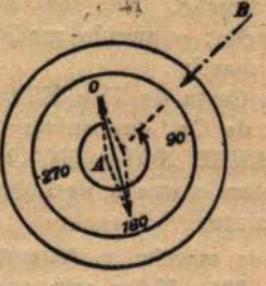
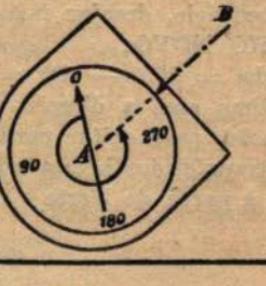
a) — Para o azimute de marcha:

— SENTIDO OFICIAL DO CRESCIMENTO — o sentido NOSE ou inverso do movimento dos ponteiros do relógio, os angulos variando de 0 a 360°;

— ORIGEM — o Norte magnético.

O azimute de marcha seria então definido o azimute magnético da direção de marcha. Caíria de vez o apelido de **angulo de marcha** com que alguns insistem em brinda-lo, pois não lhes assistiriam as razões francesas. Chamemo-lo de azimute de marcha, sempre e sempre; é mais acertado, mais característico, e é regulamentar!...

b) — um tipo unico de bussola, para uniformidade e facilidade do ensino. Aconselharmos entre todas, a bussola de limbo movel, graduação NESO: para os oficiais, a bussola-alidade PEIGNÉ, de grande utilidade no levantamento expedito, pois, funcionando ao mesmo tempo como goniometro e como clinometro, dá com muita simplicidade e precisão os elementos para a determinação dos azimutes e das cotas dos diferentes pontos; para os graduados, em geral, a bussola diretriz ordinaria, de preço modico e de muito facil manejo.

Classificação	Graduação do limbo	Tipo	Azimute de AB = 300°	Leitura do azimute
LIMBO MOVEL	NESO	PEIGNÉ		Az. correspondente à divisão do limbo que aflora na ponta N. (azul) da agulha.
	NOSE	BEZARD — quando o zero do limbo coincide com a referência da caixa.		Az. = 360° — leitura da ponta N. da agulha.
LIMBO FIXO	NESO	PLAN		Az. = 360° — leitura na referência da caixa.
	NOSE	BEZARD — quando faz-se coincidir, após cada visada, o diâmetro N. S. do limbo com a direção da agulha.		Az. dado pela divisão do limbo que aflora na referência da caixa.

V — Prática correspondente.

1) — LEITURA DE UM AZIMUTE

A) — Na Carta

a) — Fazer a identificação do ponto de estação ou do qual se deseja fazer partir a tropa, bem como do ponto a atingir;

b) — traçar uma reta unindo estes dois pontos e, se na carta figurarem os meridianos, prolonga-la até a sua intersecção com um deles; caso contrário, pelo ponto de partida tirar uma paralela à direção N. S. verdadeira;

c) — medir com o transferidor o angulo das duas direções, fazendo a coincidência do seu centro com o vértice do angulo e da linha de fé com a linha N. S., contando a graduação a partir do N. no sentido contrário ao da marcha dos ponteiros de um relógio;

d) — adicionar ou subtrair ao angulo achado o valor da declinação, conforme esta fôr Leste ou Oeste, respectivamente.

Nota — Se na carta figurar a direção do N. M. simplificar-se-á a questão desde que se tire pelo ponto de partida uma paralela a esta direção. Não será assim, preciso entrar com o valor da declinação; o angulo medido pelo transferidor será logo o azimute de marcha.

Exemplo: Carta de Vila Militar, esc. 1:20.000.

Um Cmt. de Cia. que quizer fazer um pelotão seu progredir de Faz. ENGENHO NOVO (953.003) na direção de SERRARIA (940.006), sabendo que a declinação atual no Rio é de 13° W. obterá o seguinte:

Azimute de marcha = Azimute verdadeiro — declinação = 75° — 13° = 62°. Valor este que dará em sua ordem ao Cmt. do Pelotão.

Se, ao contrário, desejar faze-lo partir de SERRARIA para Faz. ENGENHO NOVO:

Az. marcha = 255° — 13° = 242°.

Neste ultimo caso a direção de marcha fica situada no 3.^o quadrante; então, para evitar perda de tempo em uma aplicação superflua do transferidor à esquerda da linha N. S., afim de contar o azimute a partir do Norte e no sentido NOSE, toda vez que

a direção de marcha cair à direita de um meridiano, isto é, nos 3º ou quarto quadrante, iniciar logo a contagem de 180º a partir do SUL e no sentido indicado:

$$\text{Az. marcha} = (180 + 75) - 13^\circ = 242^\circ.$$

B) — No terreno

Operação feita com a bussola:

— de LIMBO MOVEL — NESO ou de LIMBO FIXO — NOSE:

a) — Armar a tampa, se fôr o caso, e manter a bussola horizontal, de maneira que a linha 0-180º do limbo seja perpendicular ao peito, a divisão 180º do lado do corpo;

b) — fazendo sistema com a bussola, girar até que se tenha pela frente o ponto a atingir;

c) — utilizando-se das pinulas ou simplesmente da linha N. S. visar o ponto e ler a graduação que aflora na ponta Norte (azul) da agulha ou na referencia da caixa.

Com a bussola Bezard, haverá necessidade de se fazer primeiro a coincidencia do zéro do limbo com a referencia da caixa e, após a visada, da linha 0-180º do limbo com a direção da agulha, o zero da graduação correspondendo à ponta Norte; a leitura na referencia, dará o azimute.

— de LIMBO MOVEL — NOSE ou de LIMBO FIXO — NESO:

O azimute será obtido, operando-se de modo analogo ao que foi estabelecido linhas acima e, por fim, subtraindo-se de 360º o valor da leitura feita na ponta da agulha ou na referencia da caixa.

2) — TRANSPORTE DE UM AZIMUTE.

A) — Para a carta

a) — identificar na carta o ponto de estação ou o ponto de partida da tropa;

b) — se este ponto não estiver situado sobre um meridiano, traçar por él uma paralela ao meridiano mais proximo ou à seta indicativa da linha N. S. verdadeira;

c) — com o transferidor, centro no ponto de estação e linha de fôr sobre a direção N. S., marcar na carta por um pequeno traço a graduação correspondente ao azimute de marcha, adicionado ou subtraido o valor da declinação conforme estâ fôr Oeste ou Leste, respectivamente;

d) — uma reta unindo o ponto de estação ao pequeno traço marcado na carta dará a direção procurada.

Aplicam-se ao presente caso as considerações esplanadas na Nota referente à medida de um azimute na carta.

Exemplo: — Carta de Vila Militar — 1:20.000.

Um Cmt. de Pel. ao alcançar com sua tropa a Faz. ENGENHO NOVO (953.003), recebe do Cmt. da Cia. ordem de continuar a progressão segundo o Azimute de marcha = 277°.

Desejando verificar pela carta a nova direção ele, sabendo igual a 13° W. a declinação no Rio, obterá: $271 + 13 = 290^\circ$. Verá então que terá que tranpor o cólo das Cotas Gêmeas (cotas 60 ao Sul do Morro do Periquito), passar pela garupa Sul de Cota 60 a S. W. de Carrapato e alcançar Cota 50 ao Sul deste ultimo morro.

B) — Para o terreno

E' nesta operação que consiste a marcha com a bussola.

Bussolas de LIMBO MOVEL — NESO ou de LIMBO FIXO — NOSE.

a) — Manter a bussola como para a medida;

b) — fazendo sistema com ela, girar até que a graduação correspondente ao valor do azimute de marcha aflore a ponta azul da agulha ou a referencia da caixa;

c) — balisar por meio de acidentes notaveis, tais como arvores isoladas, postes, macegas, casas, etc., a direção indicada pela linha 0-180° do instrumento.

Para a bussola BEZARD, fazer a coincidencia da graduação do limbo correspondente ao azimute de marcha com a referencia da caixa; girar até que a ponta Norte da agulhe aflore o zero da graduação.

— BUSSOLA DE LIMBO MOVEL — NOSE ou de LIMBO FIXO — NESO:

A graduação do limbo que deve aflorar na ponta azul ou na referência é a correspondente ao valor obtido subtraindo-se de 360° o azimute de marcha.

* * *

Para marchar segundo um azimute assim transportado, deverá o executante deslocar-se na direção de um dos pontos que serviram para balisar a direção, e nele chegando repetir a operação para a determinação de um novo ponto. Evitar frequentes paradas que trazem como consequência o retardamento da progressão.

No caso de um obstáculo obrigar a desviar-se da rota seguida, procurar do outro lado um ponto fácil de achar e na direção de marcha, afim de contornando aquele e junto a este ponto de reparo, se possa retomar a boa direção.

BIBLIOGRAFIA

MATHIEU — *Précis de Topographie*.

B. C. T. P. — *Topographie*.

SEIGNOBOSC — *Topographie Générale*.

PAES DE ANDRADE — *Topografia Militar*.

LANGLET — *Topographie Elementaire*.

REVISTA DIDATICA DA ESCOLA POLITECNICA — N.º 31.

COMBATE E SERVIÇO EM CAMPANHA — Ficha n.º 6 da E.S.I.

ESPECIALISTAS EM
MACHINAS LITHO-TYPGRAPHICAS
E INDUSTRIA DE CARTONAGEM

PRENSAS EXENTRICAS E À FRICÇÃO
PARA METALLURGICAS

Officina Mechanica Graphica Ltda.

São Paulo

Rua Americo Brasiliense, 250-270

Telephone: 2-9844

Aços Roechling Buderus do Brasil Limitada

Rio de Janeiro

Rua General Camara n. 316
Tel: 23-5732 - 23-0001
Caixa Postal, 1717

São Paulo

Rua Augusto de Queiroz n. 71/103
Tel: 4-4144
Caixa Postal, 3928

Porto Alegre

Avenida Julio de Castilhos, 265
(Esquina da Praça Vis. R. Branco)
Caixa Postal, 563 . Tel: 5059
Endereço Telegraphico "OECHLING"

Medalha de Ouro Torino, 1911 — Grande Premio Rio de Janeiro, 1922
Grande Premio Rosario de Santa Fé, 1926

Endereço Telegr.: - "FRANBA"

Códigos :

Ribeiro - A. B. C. 5th - A. Z.

SOCIEDADE

Capital Rs.

AGENCIAS :

Rio de Janeiro, Minas Geraes,
Paraná, Rio Grande do Sul,
Bahia, Pernambuco e Pará.

Carneiras, pelicas, mestiços, vaquetas, bezerros, chromo, buffalo, porco, solas,
raspas, verniz, etc.



PHONES 5 { 2174
2175
2176

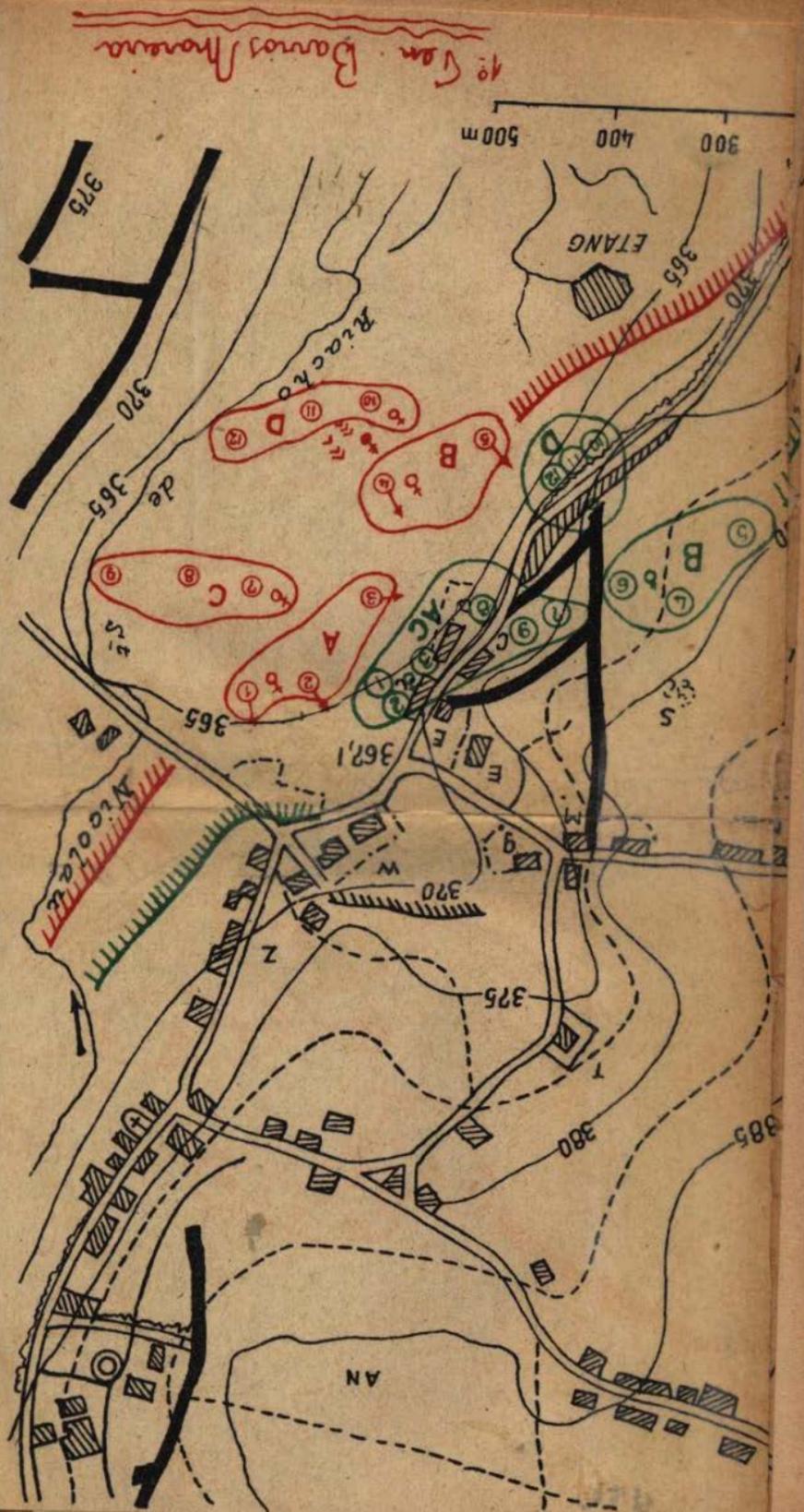
ANONYMA

10.000.000\$000

SÃO PAULO

Caixa Postal, 2 J

AV. Água Branca, 2.000



O Cmt. do Btl. diretor do exercicio, rediz a ordem de ataque do Btl., diretor do exercício, digo limitando-se as prescrições uteis para o Cmt. da Cia. de exercicio.

I Btl. — P.C., 14 de Novembro, ás 2 horas.

1

O Btl. enquadrado atacará esta manhã as retaguardas inimigas que tentam retardar nossa marcha, se aferrando ao terreno sobre as cristas a O. do riacho S. Nicoláo.

Ataque por surpresa, sem preparação de artilharia, mas apoiado pela Artilharia de reserva da Divsão, e notadamente por um grupo de 75 especialmente encarregado de apoiar o Btl.

2

Direção geral dos ataques: De L. a O. (Az. 280°)

Objetivos sucessivos:

- 1.º Crista imediatamente a O. do riacho de S. Nicoláo.
- 2.º Crista a S. O. do bosque La Tremblé.
- 3.º Bosque Le Sang.

3

Dispositivo inicial do ataque:

- a) Em 1.º escalão: de N. a S. 1.ª e 2.ª Cias. (Para direção, objetivos e zonas de ação (vêr croquis anexo)).
- b) A disposição do Cmt. do Btl.
3.ª Cia. em posição inicial ao N. do P.C. actual do Btl. entre o Haut-Bois e a crista a O..
C. M. I., 2 canhões de 37 m/m, 3 morteiros stocks em posição na região ao N. da estação Vauthiermont, ás ordens do Cmt. da C.N.I..

Missões — Manobras previstas

d) Direção do ataque:

1.^a Cia.: as 3 árvores — encruzilhada O. de 372,1 — saliente N. E. do Bosque Le Sang;
 2.^a Cia.: (Como lembrança)

e) Ocupação do 1.^o objetivo pelas 1.^a e 2.^a Cias. sobre a proteção do grupo de 75 de apoio e do grupamento as ordens do Cap. Cmt. da C.M.I. que terão por principal missão a neutralização dos fogos vindos da crista atacada, das orlas S. de Angeot (Vila á nossa frente á direita) e das alturas mais ao N. (Instruções particulares para o grupo de apoio e o Cap. Cmt. da C. M.).

A 1.^a Cia. deverá caso haja necessidade, facilitar a progressão da 2.^a Cia., cobrindo-a contra os fogos vindos das orlas S.O. de Angeot

c) Conquista do 2.^o objetivo empregando o esforço principal na parte descoberta entre os 2 bosques (La Tremblée e Goute-Bennequin), sob a proteção dos órgãos de fogo do Btl. instalados na crista que constitue o 1.^o objetivo e do grupo 75. Terão por missão principal neutralização dos fogos vindos do objetivo atacado e dos bosques que o enquadram. (Instruções particulares).d) A 3.^a Cia. seguirá a progressão do 1.^o escalão de acordo com minhas ordens. Movimento previsto primeiramente na esteira da esquerda deste escalão.**Ligações, remuniciamento, evacuações**

P. C. inicial do Cmt. do Btl. na via ferrea — corte da crista ao N. da estação de Vauthiermont. Em seguida sobre o itinerario fixado pelo eixo de ataque do Btl.

Dispositivo do ataque no local e pronto ás 6h,30.

Indicarei ulteriormente a hora H.

Evacuação (feridos e prisioneiros) para a saída O. de Vauthiermont.

Centro de remuniciamento do Btl. na extremidade N. da Estação Vauthiermont.

T. C. — Vauthiermont.

Cmt. X.

III — PREPARAÇÃO DOS EXECUTANTES

Pede-se aos oficiais antes do exercício, estudar o tema e dar por escrito a ordem inicial do Cmt. da 1.^a Cia.

Todas as indicações gerais dadas a propósito do exercício n.^o 1 são válidas para o n.^o 2.

Os executantes, pelo menos os oficiais que assistiram ao exercícios dirigidos pelo Cel. já estão ambientados com a situação.

Ser-lhes-á entretanto necessário, aprofundar o estudo da missão e do terreno atribuídos á 1.^a Cia., assim como, sem omitir as considerações mais largamente desenvolvidas a propósito da manobra do Btl., persuadir-se que se trata agora, unicamente de uma manobra de Cia. com seus próprios meios e um horizonte limitado á capacidade deles.

IV — PREPARAÇÃO DO DIRETOR

A preparação do diretor deve obedecer ás mesmas preocupações e ambientar-se no exercício.

O estudo bem detalhado do plano de fogos defensivos do inimigo deverá recair antes de tudo "nos meios de combate aproximado" — na linguagem do regulamento Alemão — pois será sobre tudo contra esses meios que irá lutar nossa Cia. de Fuz. Volt. tanto mais que, os meios de que dispõe não a permite lutar sinão contra aqueles. Ha pois necessidade de organizar um dispositivo tal de fogos que assegure:

- a) a defesa aproximada dum ponto de apoio constituido pela parte meridional da vila d'Angeot e a garupa na qual está parcialmente edificada;

- b) os enjaulamentos a prever e fogos a executar no interior da posição, caso este 1.º ponto de apoio seja tomado, ou unicamente impedido de agir.

O modelado do terreno sobre a caixa de areia será feito na escala de 1/1.000 e a escala deve, com efeito, ser maior, do que a do plano relevo feito para o exercício n.º 1. Faremos manobrar grupos de combate, amarrar o mais detalhadamente possível o emprego das armas e utilização do terreno.

E' preciso pois, correlativamente, uma escala que permita uma maior facilidade e clareza para o manejo dos figurativos; permitindo também uma representação mais minuciosa dos detalhes de altimetria e de planimetria (pequenas cobertas, taludes de trincheiras próximas à saída meridional da Vila, referências diversas a representar sobre a crista para a qual a carta é muda, pomares, etc.).

O diretor precisará estes detalhes sobre o relevo na medida que julgar útil, segundo a maneira pela qual pretende dirigir o exercício fazendo neste sentido, se necessário for, as hipóteses que julga necessários (vêr croquis n.º 2). Estas hipóteses, agora permitidas nos limites que acabam de ser indicados, não serão mais possíveis no decorrer do exercício.

Será necessário aliás limitar-se rigorosamente às realidades do momento e tomar tal qual o terreno figurado, sob pena de prejudicar a qualidade essencial da veracidade do ensinamento e de levar os auditores a um ceticismo desculpável.

Bem entendido, os figurativos preparados devem permitir representar os grupos de combate de côr diferente para cada Pel., numeração regulamentar dos grupos inscrita sobre o figurativo, os Cmts. de Pels. Cmt. de Cia. e grupo de comando.

Além disso alguns figurativos que permitem situar os elementos enquadrados (unidades vizinhas) e as resistências inimigas, que se chegar a identificar e localizar. Inutil procurar mais detalhes; este é um exercício de Cia. não um de Pel. ou de grupo de combate. Ora, o Cmt. da Cia. não manobra com combatentes isolados, mas grupos de combate ou mais verdadeiramente grupamentos de grupos de combate (Pels.).

EXECUÇÃO DO EXERCICIO

Todas as indicações gerais dadas sobre este item a propósito do exercício n.º 1 são naturalmente válidas para o exercício n.º 2, como serão para todos os demais.

I — Instalação

O diretor lembra resumidamente o objetivo do exercício, tal que ele especificou no tema anterior remetido a cada executante. (ver atras § a).

Dá o Comando da 1.ª Cia. ao Cap. S. depois da escolha efectuada nos trabalhos preparatórios feitos por escrito.

Quatro Cmts. de Pel. são também designados e recebem os figurativos correspondentes a sua unidade. Cada um se instala em volta da caixa de areia. Os executantes designados em frente ao diretor, e o restante do auditório à vontade.

II — Desenvolvimento do exercício

a) o Cap. S. faz a leitura de sua ordem, cujo extrato é o seguinte:

Escalão de fogo: 2 Pels.

Ao N. Pel. A. frente 200 mts.

Ao S. Pel. B. frente 150 mts.

Direção: — Az. 290°.

Obejetivos: — os fixados pelo Cmt. do Btl.

(um croquis é remetido a cada Cmt. de Pel.)

Escalão de reserva: 2 Pels. com a esquerda escalonada marcharão cerca de 150 mts. na esteira dos Pels. de 1.º escalão.

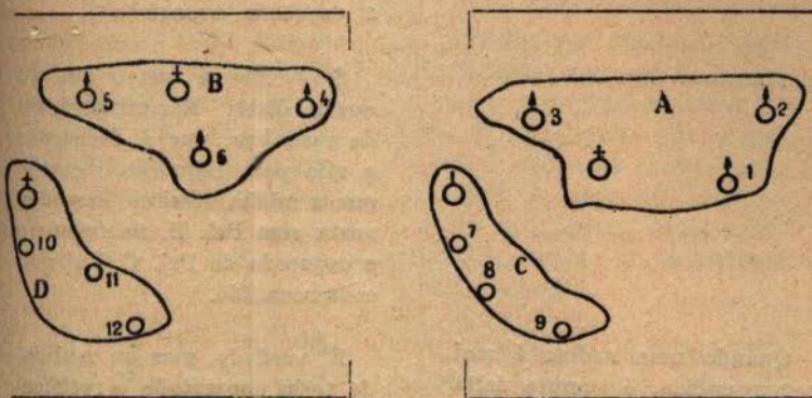
Pel. C. atrás do Pel. A. e Pel. D atrás do Pel. B.

O Cap. marchará na frente do Pel. D.

Após a leitura desta ordem, os Cmts. do Pel. A. / B. / C. / D. são convidados a colocar no local seus elementos a' E. da base de partida, no dispositivo inicial resultante das prescrições do Cap. Isto feito, o dispositivo da 1.ª Cia apresenta como indica a figura abaixo:

150 metros

200 metros

**Croquis n.º 1**

- b) Antes de mostrar o que vai resultar deste dispositivo no combate contra os fogos defensivos organizados pelo inimigo, o diretor fará precisar o pensamento dos executantes em adotar este dispositivo.

Não se trata no momento de ressaltar defeitos ou vantagens. Uma discussão teórica deste assunto convencerá muito menos, do que a evidência de fatos, pois a principal razão de ser dum exercício deste gênero é precisamente submeter processos à prova de fatos. O diretor não se prende, no momento a procurar se os dispositivos iniciados são razoáveis e como estão.

Cap. S. os dispositivos tomados por seus Pel. lhe satisfazem?

S — Absolutamente não: si o escalonamento do Pel. C com a esquerda avançada pode ser explicada pela situação em que se acha, na ala do Btl. não vejo razão para que o Pel. D. tenha tomado a mesma formação.

Pel. D?

D — Executei a ordem do Cap.: os Pels. de reserva

marcharão a 150 mts. do escalão de fogo, escalonado com a esquerda avançada.

Exatamente Cap. S.?

Quando uma ordem é mal compreendida, é sempre falta daquele que a dá. Si você quer um escalonamento de suas reservas com a esquerda avançada, porque determinar que os 2 Pel. C e D marchem a 150 metros do escalão de fogo, estando portanto os 2 á mesma altura?

Sua ordem não podia ser cumprida como ela foi dada.

— Voce não terá provavelmente nada constatado nem terá podido retificar.

Não se retifica, sobre o campo de batalha, um erro uma vez cometido

A realidade ei-la; nós aí estamos e é para voce aí se manter que insisto sobre este detalhe. Haverá no dispositivo de seus Pels. mais alguma cousa que não corresponda á sua idéa?

Por que 2 Pels. em reserva?

S — Não é isso o que eu queria dizer. Em minha ideia de manobra, que é desbordar a vila pela esquerda, queria que a minha reserva fosse disposta com Pel. D. na frente e a esquerda do Pel. C. Fui mal compreendido.

E' verdade, mas na realidade teria constatado e retificado este mal entendido.

Não; o resto me parece estar bem. Prevejo resistencias sobre minha direita e um ataque dificil para o Btl. vizinho, ao N. Quero neste caso manobrar pela esquerda e reservar para este fim o mais possivel as disponibilidades, é tambem por isso que quero escalonar minha reserva para a esquerda.

Para a esquerda ou com a esquerda avançada?

Ainda um erro de expressão que na ordem, conduziu a um resultado contrário à sua vontade. Em que o dispositivo de seus Pels. de reserva, facilita uma manobra pelo Sul?

O que você tinha em vista na constituição de seu escalão de fogo?

Pel. A. explique seu dispositivo.

Pel. B ?

Que ordem você dá aos grupos ns. 4 e 5?

Com a esquerda avançada!

Permite-me infiltrar mais facilmente em caso de necessidade, meu Pel. C atrás do Pel. D. Enquanto que si este Pel. C estivesse muito perto do Pel. A. que está imobilizado, não poderá mais manobrar e seguir o movimento pela esquerda.

Guarnecer toda a minha frente, e dar uma zona mais estreita ao Pel. da esquerda, com o qual espero avançar mais facilmente.

A — 2 grupos em 1.º escalão com 100 metros de intervalo, para guarnecer toda minha zona de ação. Meu grupo em reserva á direita, para cobrir meu flanco em caso de necessidade e fazer a ligação com o outro Btl. Marcho atrás do centro do meu 1.º escalão, porem ao alcance de meu grupo em reserva.

Como não recebi indicação sobre o ponto onde terei de engajar meu grupo disponível, eu o coloco atrás de mim no centro do meu dispositivo.

Atacar em frente pela esquerda das casas. Az. 280°.

E que ordem recebem os grupos ns. 2 e 3?

A — Direção 280°. Objetivo: o caminho da crista paralela a nossa frente, que vai para as cercas que estão sobre a colina. O Grupo 2 contornará pela direita e o grupo 3 pela esquerda, as casas a, b, c, d, e.

Temos seguramente muito a dizer acerca destes diversos dispositivos. Contudo o diretor não insiste, porque por um lado, a discussão sobre o detalhe dos processos de combate adotados pelos Cmts. de Pel. não correspondem ao objetivo do exercício, tal como foi definido e é preciso resistir as tentações que se apresentam para desviar o exercício de sua finalidade. De outro lado, é o desenvolvimento do exercício que evidenciará as faltas cometidas muito melhor do que, o teria feito uma explicação teórica ou um simples apelo ao regulamento: não basta dizer que há erro, é preciso prova-lo.

c) O diretor expõe a situação seguinte, tal como ela se apresenta, dum lado, dispositivos defensivos previamente atribuídos ao inimigo, de outro lado, dispositivos tomados pela 1.ª Cia. para atacar:

Hora H — Algumas granadas Stokes caem sobre as casas a, b, c, d, e. Outros projéteis do grupamento dos órgãos de fogo do Btl. e do grupo de apoio caem sobre a crista constituindo 1.º objetivo, sobre o quarteirão S. O. D'Angeot (casas e pomares g, h, k, e, m, n, o), sobre as moitas p, q, s.

O ataque parte ao mesmo tempo, atravessando o riacho e avança principalmente sem dificuldade.

Mas o apoio de fogo aplicado sobre toda a 1.ª linha inimiga se suspende à aproximação do ataque e quasi que instantaneamente o fogo inimigo irrompe nos mesmos pontos sobre toda frente da 1.ª Cia. fuzilaria generalizada, sem localização precisa dos pontos de onde partem os fogos. Tiros de metralhadoras parecem provir das moitas ou circunvizinhanças; do intervalo entre as casas a e b, dos renque de árvores c, e da região w ou t. Toma sob seus fogos, que são mortíferos, a 1.ª Cia. se aferra ao terreno na situação seguinte:

Os 1.^os elementos do escalão de fogo estão a uma centena de metros da estrada e de renque de arvores a, b. Os grupos 4 e 5 se desviaram ligeiramente para o Sul em direção ao grande talude que margeia a estrada a O. O grupo 5 acha-se sensivelmente atrás do grupo 4 e o grupo 3 se desviou para o renque de arvore a, afastando-se do grupo 2, que se desviou para o norte de b. O grupo 1 está a retaguarda do grupo 2 e os Pels. c e d estão no dispositivo fixado como acabamos de ver. Não estão ainda na distancia determinada e estão com seus grupos testa a uma centena de metros do escalão de fogo.

O Cap. S e seu grupo de comando estão deitados na relva a 50 metros atrás do grupo 6.

A esquerda do Btl. da direita, tão logo transpõe o riacho foi tambem detida pelo fogo. A 2.^a Cia. ao Sul atinge a estrada com seu Pel. da esquerda e seu Pel. da direita, detido ao Norte da pequena lagôa, teve que abrir fogo. (Situação assinalada em vermelho no croquis n. 2).

Cinco minutos de reflexão para permitir aos Cmdos. da 1.^a Cia. de se ambientarem com a situação e de raciocinarem sobre as medidas a tomar.

Em tal circunstancia, tropa e Cmdos. bem instruidos não terão evidentemente em combate a necessidade nem a oportunidade de raciocinar durante tanto tempo.

Mas não estamos em combate, e sim na instrução. E' preciso pois, dum lado, permitir aos executantes compreender a situação na qual são postos inopinadamente e de outro, fazer de modo que tenham a possibilidade e mesmo obrigação de raciocinar logicamente suas decisões e atos.

E' somente assim, que os exercícios de quadro atingirão seu objetivo que é: — aprender a razão dos gestos e de transformar pouco a pouco, tão lentamente quanto preciso a execução destes gestos em reflexos prontos e exatos. Os exercícios de quadros correspondem à necessidade de analise, treinamento metodico e progressivo. A síntese, isto é, a aplicação rápida serão objeto de exercícios e manobras com tropa.

O diretor deve, não somente, deixar aos executantes, num exercício como o nosso, o tempo de refletir, como tambem obrigar cada um á esta reflexão necessaria.

Pel. B que faz você e agora onde está pessoalmente?

B — Estou com meu grupo disponível, o 6º. O Pel. está detido pelo fogo. Para que ele possa continuar a progressão, é preciso que tenha superioridade de fogo; meus 2 Gr. testa abriram fogo por iniciativa própria na sua frente. O grupo 6º pode também atirar do local onde se acha: dou-lhe ordem de abrir fogo sobre a metralhadora identificada em C.

Porque você atira sobre C que não está na sua zona?

Porque C. atira sobre mim e são os seus fogos que mais me prejudicam.

E sobre o que atiram os grupos 4 e 5?

Nas respectivas frentes sem dúvida.

Sobre o que?

Não sei, porque isto está afecto aos Cmts. de Grupo que têm sua missão.

Esta resposta judiciosa lembra ao diretor que estava prestes a fazer desviar o desenvolvimento do exercício. Seria interessante e frutífero estudar a conduta do fogo dos grupos 4 e 5, impossibilitados em vista do terreno de atirar eficazmente nas respectivas frentes. Este fato porém, não é objeto do exercício em questão, e ao qual devemos voltar sem nos afastarmos.

O diretor o indica aconselhando aos Capitães para tomar nota dessa situação afim de constituir objeto de um exercício ulterior nas respectivas Cias. Depois ele volta à questão em apreço:

Então, seus 3 grupos atiram. Você tem a superioridade de fogo, como desejou há pouco?

B — Nada mais posso fazer, porque todo meu Pelotão atira.

Tem você superioridade de fogo?

Como o poderá saber?

Com efeito, trata-se de uma probabilidade muito verosímil. Você tem um meio de transformá-la em certeza?

Perfeitamente. E como vê você esta retomada do movimento?

Bem raciocinado. Pel. A, que você faz?

Onde é que você está pessoalmente?

Bom. Eis aí varios pontos que merecem explicações. Procedamos metodicamente:

Não sei.

Si o fogo inimigo que me detem, cessar ou diminuir sensivelmente, espero te-lo dominado.

Procurando aproveitar-me desta calma afim de retomar o movimento para a estrada.

Enquanto meu 6.^º G. C. continuar o fogo sobre a região a, b, e 5.^ª G.C. primeiramente e depois o 4.^º tentarão ganhar o angulo morto mais proximo, depois a estrada e em seguida o corte. Feito isto, o 6.^º G.C. lançar-se-á por sua vez sob a proteção do 4.^º G.C. ou do Pel. D caso haja necessidade.

Prescrevo ao 3.^º G.C. de passar entre as casas a e b, em vez de contornar pelo Sul a casa a. Missão sem modificação para o 2.^º G.C.

Ordem do 1.^º G.C. abrir fogo sobre a metralhadora identificada em W.

Entre o 2.^º e o 1.^º G.C. perto da reserva e do lado do meu flanco descoberto.

E' verdade, mas ao N é a um outro Btl. que não conheço. Além disto as cober-

— Diz você que seu flanco direito está descoberto e contudo você está enquadrado tanto ao N. como ao S.

tas da vila e os obstáculos numerosos prejudicam minha visita, arriscando-me a perder a ligação; em suma este Btl. da direita já está detido, quasi no desembocar e não protege meu flanco. A' minha esquerda, a situação é diferente sob todos os aspectos.

Conclusão: Apesar do Pel. B estar detido e você estar confiante com relação ao flanco esquerdo ao menos no momento, não acontece o mesmo com relação ao seu flanco direito. Você colocou nesse flanco o grupo disponível e lá pretende estar pessoalmente?

Sim; e mesmo os fogos que vêm da zona desenfiada do Btl. da direita, me obrigam a lançar mão do ultimo G.C.

Bem. Cap. S. tome nota de tudo isto, porque voltaremos sobre este assunto daqui a pouco.

Agora, tenente A. como envia a nova ordem ao 3.^º grupo?

Agente de ligação ou agente de transmissão?

Este agente morreu ao levantar-se?

Morto igualmente.

Ele não lhe vê ou não lhe

Pelo agente de ligação, por ele destacado junto a mim.

Agente de transmissão.

Eu envio um outro.

Darei indicação por sinais ao Cmt. do 3.^º Grupo.

Passarei o comando ao...

compreende e você está ferido ao fazer esses sinais.

Não, porque felizmente seu ferimento é leve, mas 2 homens mortos e um ferido, sem que sua ordem tenha podido ser transmitida, provavelhe que em tal situação um chefe não tendo mais ação, só poderá comandar a voz.

Não se pode despresar o fogo inimigo.

Talvez, com efeito, mas é uma suposição que nos é interditada. Aqui a realidade, que é a potencia de fogo, com a qual temos obrigação absoluta de contar: a 200 metros de um inimigo senhor do seu fogo, não nos podemos mover. Eis o fato no qual nenhuma suposição otimista prevalece. Temos pois que o admitir e agir consequentemente. Você liga muita importância a esta modificação relativa à missão do 3.º grupo?

Possível, mas é muito tarde para você reparar. O 3.º Grupo está seguindo a missão que você lhe deu, engajado sobre o muro a. De lá lhe atiram e ele responde. Crê que o Cmt. do grupo em plena execução de sua

Portanto, na guerra nem todos morrem e talvez que, na realidade...

Queria reagrupar melhor, o pelotão sobre o direita e retomar o meu 3.º G.C. que me vai escapar, pois não tenho forças.

O Cap. me determinou como 1.º objetivo a crista SO. D'Angeot, e indicou para meu Pel. uma zona de ação. Desde que eu atinja o objetivo e permaneça na zona de ação, conformo-me com as suas ordens.

missão aferrado sob o fogo inimigo e em pleno combate a menos de 100 ms. do inimigo vá cumprir uma outra missão sem mais nem menos?

Admiti-lo seria ainda fazer uma suposição contraria ás mais puras realidades. Não se pode modificar a missão duma unidade engajada e que está sob a ação do fogo inimigo.

Outra coisa: você quer avançar com a sua direita. O Pel. B é conduzido pelo terreno em aproveitar o abrigo, desviando-se para a esquerda.

Resultado, não haverá ninguém no centro.

Que é dos objetivos fixados pela ordem do Cap.?

Cap. S. Você continua tomando nota, não é?

Tudo isto poderá ser aprofundado como manobra de Pel. Indico aos Cmts. de Cias. esta situação tão interessante rica em ensinamentos.

Quanto ao nosso exercício de hoje, já sabemos o suficiente sobre o Pel. A: Todos os seus G.C. atiram e seu Cmt. está inquieto em vista do seu flanco direito estar descoberto.

O Pel. vai se dividir em duas partes, que não poderão mais coordenar uma

manobra, sinão com grande deficiencia. Ele tem um objetivo afastado, um pouco vago, mas os 1.ºs obstaculos a vencer não foram suficientemente encarados pelo Cmt. do Pel., que lamenta agora as primeiras ordens dadas. E' tarde porem para modifica-las.

Eis as nossas constatações, com exclusão de toda suposição proibida.

Pelotão D. tem a palavra.

D — Estou em reserva e o Cap. está ao meu lado. Além disso estou immobilizado pelo fogo, não podendo atirar porque o Pel. B. está na minha frente. Não podendo progredir nem atirar, espero, estando pronto a agir.

Pronto a agir, o que quer dizer isto?

Estar atento às ordens que me podem ser dadas pelo Cap., à situação e às ações do Pel. como também da direita da 2.ª Cia. Em suma estudo a posição inimiga e procuro achar sobre tudo os locais de onde partem os fogos que nos detêm.

Bom. E o Pel. C?

C — Minha situação é semelhante a do Pel. D apesar de estar mais afastado do Cap. e na provável impossibilidade de receber suas ordens, de acordo com o que se acabou de dizer. Eu também espero sem me mexer,

pronto a agir, observando o que se passa na minha frente e a direita. Todavia a partir d'agora dou ordem ao 7.^o G.C. que está comigo, para abrir fogo do local onde se acha, tomado para objetivo o intervalo existente entre as casas a e b.

Capitão S., o que pensa disto?

S — O Pel. C, que está em reserva á minha disposição, não deveria se engajar sem ordem, salvo em circunstâncias urgentes. Na situação atual não creio que haja necessidade imediata de agir, sem que julgue adequado o emprego do Pel.

Ten. C — justifique-se.

C — Estou muito longe do Cap. para lhe comunicar o que ocorre. Ora, o inimigo atira sobre mim a 200 metros; a situação do Pel. A faz com que ele se divida na minha frente, em duas partes. A lacuna resultante está justamente na frente do 7.^o G.C. e que ninguem do Pel. A atira sobre o inimigo instalado entre a e b. Nessas condições ordeno que se inicie o fogo, pois que, posso afilar sem prejudicar ninguem, não podendo permanecer sob o fogo inimigo sem responde-lo. Atiro, é verdade, mas não me engajarei sem ordem do Cap., o que me per-

mite continuar a sua disposição , visto não me ter deslocado.

Cap. S. Continue a tomar nota.

Ten. C. qual é a diferença que faz entre um Pel. que atira e um engajado?

Parece-me que estar engajado, é ter recebido uma missão definida e ter começado a combater para executá-la. Assim está o Pel. A, está engajado pois que tem um objetivo preciso a conquistar, crista d'Angeot e por isso se bate para atingi-lo. As circunstâncias porém, podem incitar ou obrigar a atirar sem que se tenha tido uma missão nitidamente determinada. Tal é o meu caso. Apezar de estar atirando, continúo disponível para qualquer missão que o Cap. m'a queira dar... e quando eu puder me deslocar.

Todas as constatações que acabam de ser registradas e explicadas suficientemente pelos próprios autores, explanam com bastante clareza a situação da Cia. Tal é pois o resultado dos dispositivos iniciais prescritos pelo Cmt. dessa Cia. cujas vantagens e sobretudo os inconvenientes ressaltam com uma evidência incontestável. O diretor, porém, para atingir seguramente, ao 1.º dos dois objetivos a que se destina esse exercício, deve reforçar a demonstração dos fatos, obrigando as atenções dos presentes à gravar os ensinamentos essenciais que ele procura. É-lhe preciso, por meio de uma propedeutica adequada conduzir principalmente o Cap. S. a reconhecer esta lição de coisas. Os executantes facilmente a colhem e retêm um ensinamento que acham ou crêm ter achado espontaneamente, mostrando-se ao contrário na mor parte das vezes, bastante refractários á uma demonstração doutrinária

que contraria opiniões ou condena seus atos. O papel do diretor é pois de auxiliar, provocar, tanto quanto possível, essa descoberta.

Cap. S. Vejamos agora onde estamos. Penso que frizou bem a situação de sua Clá. no momento, não é?

E o que pensa então?

Efetivamente. Mas, isto tudo não é tão trágico assim. Si pudesse fazer qualquer coisa o que faria?

Não se preocupe por isso, pois seguramente, o Cmt. do Btl. vê muito bem, a sua situação. Creia, que ele fará o que puder para lhe auxiliar. Isto porém, não lhe alivia diretamente, visto estar o Maj. sem ação sobre as resistências aproximadas que lhe detêm. Você está muito próximo delas, para que os canhões e morteiros possam atirar, e o combate aproximado é unicamente de sua atribuição. Cessemos pois de olhar inutilmente para trás. E' para a frente que precisamos de nos ocupar.

Sim, perfeitamente.

Nada de brilhante visto estar inteiramente detido e em suma nada podendo fazer. Nem eu nem meus agentes de transmissão podem se mover.

Mostrava minha situação ao Cmt. do Btl. e pedir-lheia o apoio dos fogos de que dispõe para auxiliar o meu 1.^o escalão para reiniciar o movimento.

Na frente, o que é que lhe importuna?

O Pel. A vae agora, de fato trabalhar na direçao de 3 pontos cardiais diferentes, deixando um vasio incomodo no meio da zona de ação. E agora? Porque não se pode admitir o impossivel como já nos entendemos. De onde provem essa dissociação do Pel. A?

E' dada a palavra ao Ten. A para apresentar a sua defesa.

O Pel. A vae ser dividido em 2; o 3.^o G.C. já está isolado e temo que o resto do Pel. seja obrigado a fazer a W. ou a t em lugar de cumprir sua missão.

Agora desejaria a reagrupar este Pel. sobre a direita como queria fazer o Ten. A, porem o senhor não admitiu.

Da ordem inicial de seu Cmt., prescrevendo de contornar a casa a pelo sul e a casa b pelo norte.

A — Tenho na minha frente 2 grandes construções quase contiguas, que minha zona de ação desborda pelo norte e pelo sul. Não podendo atravessar os muros, fui obrigado a contorná-los. Poderia ter engajado os 3 G.C. e dirigir o 4.^o para o espaço entre as duas casas no que fui impedido pelo meu flanco direito que estava descoberto. O que aconteceu, provou de fato, que eu tinha razão em me preocupar com este flanco. Uma frente de 200 metros, com um obstaculo transversal dessa natureza, é demais para 1 Pel. cujo flanco está exposto.

A defesa se transforma em

S. — De fato a frente tal-

requisitoria. Cap. S., eis sua ordem inicial posta em discussão.

Que pensa?

E' preciso sempre prever a resistencia do inimigo e tomar disposições para triunfá-las. Si você a tivesse previsto que disposições teriam sido tomadas?

Seja. Mas esse objetivo que lhe leva agora a engajar 2 pelotões, não surgiu inopidamente. Já existia quando você deu a ordem, e bastava a sua presença, mesmo sem resistencias inimigas para impôr a dissociação do Pel. A. Porque não fez referencia alguma a esse obstáculo, e nem siquer com ele se preocupou?

Será que o papel do Cap. é de limitar-se a reproduzir a ordem do Cmt. do Btl.?

E você pode constatar, que isso não basta. Antes de atingir a crista, os Pels. têm obstáculos a vencer, que podiam ser previstos e levados em consideração por você quando aplicasse a ordem do Cmt. do Btl. Crê que o Pel. A neste momento se preocupa mui-

vez fosse um pouco exagerada para o Pel. A. mas eu não previa resistencias, desde o 1.º contacto.

Poria os 3 Pelotões juxtagostos. O Pel. B com a mesma missão e os 2 outros com a missão de contornar o quartelão a, b, c, d, e, f, um pelo Norte e outro pelo Sul, cobrindo a marcha do Pelotão B.

Reproduzi em minha ordem os objetivos fixados pelo Cmt. do Btl.

Reparti o objetivo pelos Pels. dosando a frente segundo minha idéia de manobra.

Certamente. Mas o primeiro papel do capitão não é "assegurar o movimento para a frente na direção designada? Deveria ter precisado os objetivos sucessivos de meus Pels. mas fui dominado pela ideia de atingir a crista, de avançar.

to com o objetivo VX e com a direção do 280° que você determinou? Ele tem outros "gatos a chicotear".

Nas ordens que vocês fizeram, não falam sinão de "zona" e de "angulo" de marcha. Ora, desde que o combate se engaja, os obstáculos, os "objetivos" que vocês se descuidaram de indicar, impõe-se brutalmente ás atenções fazendo com que zonas e bussolas sejam imediatamente esquecidas. Agora, deixados pelos respectivos Cmts. no indeterminado, os subordinados procuram, por si mesmo, objetivos mais precisos ou então se conformam com a sorte. Em suma vocês não comandam. A manobra duma Cia. não é somente questão de frente mais ou menos larga, e sim uma combinação de esforços sucessivos, estreitamente ligados á natureza e á situação sobre o terreno dos obstáculos reais, minuciosamente determinados. Creio que vocês tiveram vistas longinhas e muitas largas, próprias para Cmts. de Btl. e mesmo para Coroneis, mas nunca para Capitães. Ora vocês não possuem os mesmos meios de ação que tem um Cmt. de Btl. além dos papéis que são completamente diferentes.

Tem razão. Mas não basta querer avançar, é preciso também pensar como avançar. E' inutil tentar eliminar os lances, porque o inimigo lhe obrigará voltar a atenção para os que são necessarios e que não foram previstos. Por quem foi detido agora?

E com que pode lutar contra ele?

Bem. Eis-nos na fonte de toda a verdade do combate: "Para assegurar o movimento para a frente, é preciso", acrescenta o Regulamento, o que voce acabou de citar muito a propósito: "Por aos fogos toda a intensidade necessária". Está certo de ter feito tal coisa?

2 Pels. Então "normalmente" como voce disse, correspondem a 4 G. C. no escalão fogo propriamente dito e como foi realizado. Acontece, porém, que logo ao primeiro encontro, você tem 7 G. C. que atiram e são obrigados a atirar. Portanto, você calculou mal a "intensidade necessária".

Nem por antecipação, nem a "posteriori" a superioridade de fogo não pode ser medida pelo numero de armas

Pelo fogo inimigo.

Com meu proprio fogo.

Parece-me pois adoptei para a minha Cia. um dispositivo com 2 Pel. no escalão fogo, o que é normal.

E' bem dificil adivinhar com antecedencia, o que seria necessário pôr em linha para obter a superioridade de fogo.

Pelo fato de se poder avançar.

postas em 1.^o escalão. Como o Ten. B. disse muito bem, a plenitude de fogo não é necessariamente a superioridade de fogo, que não é medida e sim constatada. Sabe como?

Sim, por isso e unicamente isto. E' preciso portanto adaptar uma outra regra, quando se monta um dispositivo de ataque, cuja aplicação assegura ao maximo a probabilidade de se obter a indispensável superioridade de fogo. O Regulamento não dá essa regra?

O Regulamento não recomenda, ordena. Esta plenitude, "deve ser realizada desde o inicio do ataque" e mantê-la, deverá ser objeto essencial de todos os esforços no decorrer do combate. Em que consiste a plenitude de fogos?

Em 1.^o escalão, ou pelo menos em condições de abrir fogo sem movimentos previstos. E o que é necessário, para que o fogo, o fogo de seus F. M. bem entendido, não apresente lacunas?

Sim, mas é preciso continuar: "necessario para garantecer toda a frente" levando-se em conta "a extensão dessa frente, o aspecto do terreno

Ele recomenda a realização da plenitude de fogo, mas...

E' preciso ter-se em 1.^o escalaõ um numero suficiente de armas, para que o fogo se apresente sem lacunas, mas...

Nada há de absoluto. O Regulamento diz que o cap. "constitue seu escalão de fogo com o numero de Pels. que julga necessário".

Não se pode adivinhar todas as resistencias que irão se revelar.

no e as resistencias a prevê". Observou bem tudo isto?

Não, mas é prudente prever-las em toda parte, sobretudo na nossa frente onde assegurar-se-á fogos sem lacunas.

Não, porque debaixo de fogo, você nada poderia fazer neste sentido, como bem o sabe. Ser-lhe-ia possível deslocar algum G. C. do Pel. C ou D para leva-lo ao 1.º escalão? E' preciso pois, estar de antemão, o mais forte possível. Si não houver resistencia inimiga, você não empregará suas forças, que então serão economisadas. Si a resistencia é localizada, você concentrará sobre ela sua força, para abate-la completa e rapidamente. Então plenitude de fogo instantanea e sem lacuna sobre toda frente. Si aplicarmos esta simples regra ao seu dispositivo, a que resultado chegaremos?

Ou pelo menos, em situação de abrir fogo "instantaneamente" sem movimentos previsos. 7 G. C. é precisamente o que você tem em ação, sem que nenhum movimento tenha sido necessário. O dispositi-

Seja, mas si eu não encontrei resistencia em logar algum? Teria gasto inutilmente minhas forças, enquanto doutra maneira, poderia reforça-las na medida do possível, segundo as circunstancias.

Para uma frente de fogos sem lacunas, o Regulamento indica um intervalo em media de 50 metros entre os F. M. Assim sendo, para a minha frente de 350 metros, serão precisos cerca de 7 G.C. em primeiro escalão.

De fato, porque não calculei este resultado. Tanto mais que entre estes 7 G.C. existe um pertencente á minha reserva e que parece estar em vias de me escapar, segundo declarações do Ten. C.

vo respondeu pois ás prescrições regulamentares, mas acredito que não foi por sua culpa.

E de quem é a culpa?

E' que talvez, não baste se prescrever uma distancia. Os Pels. C e D mesmo que colocados a 150 metros atras dos Pels. A e B estavam ao abrigo dos tiros dirigidos sobre o escalão de fogo?

O Regulamento não pode dar sinão, regras gerais. Os executantes, ao contrário, estão sempre em casos particulares, aos quais é preciso adaptar essas regras. Quais são as dadas pelo Regulamento, relativamente ao local das reservas de companhia e á respectiva conservação em estado de disponibilidade?

Não ha outras prescrições sobre o mesmo assunto Capitão M?

Sim, e o regulamento não deixa nunca de lhe dizer que as suas prescrições, principal-

Dos Pels. de reserva que cerraram demais sobre o escalão fogo, não observando a distancia que lhes prescrevi.

No caso particular não; mas o Regulamento...

A profundidade do dispositivo da Cia. não deve ultrapassar de 400 m. e eu tomei a distancia correspondente.

M — Tanto esta distancia como a profundidade do 2.^o escalão variam segundo o terreno, conforme os abrigos ou caminhamentos que se encontram e tambem de acordo com a situação.

mente as referentes ás cifras, são validas sómente "em principio", não nos dispensando, entretanto, de refletir sobre o caso. São estas as razões gerais.

Sim, e ao Capitão "cumpre-lhe fazer com que a reserva permaneça disponivel e não se confunda com o 1.^o escalão. Eis aí as regras gerais. Como se podia aplica-las, nas margens do Riacho S. Nicolau, em 14 de Novembro, na situação bem definida em que nós nos encontramos? Cap. S.?

Pôde sim, pois que, si você já passou, sem motivo plausível, por cima da regra de plenitude de fogo, pode sem mais escrúpulos, livrar-se destes 400 ms. tendo assim excelentes razões para aplicar as outras prescrições, que acabam de ser lembradas pelo Cap. M

Não seria melhor, que em lugar de você se apegar unicamente à esquemas, examinasse o terreno e a situação e então adotar os seus dispositivos?

Seja. O incidente está encerrado, pois que todos nós

Si pudesse me livrar da regra dos 400 metros eu...

Si assim é teria sido preferível de fato, não fazer com que o Pel. C desembocasse tão depressa a O. do riacho S. Nicolau. Era esta, além disto, a minha primeira idéia ao prescrever o escalonamento de minhas reservas, com a esquerda avançada.

Tanto mais eu concordo, que tinha o maior empenho em

já estamos de pleno acordo sobre o essencial, isto é, da necessidade de não se aplicar ás cégas as prescrições obrigatoriamente generalizadas pelo Regulamento, e sim adota-las conscientemente ás situações materiais que solicitam nossas decisões. Você já se convenceu, pois, de que não havia urgencia em ultrapassar com as reservas o riacho S. Nicolau, ultima coberta antes de abordar o inimigo.

Você tinha previsto na sua manobra, um outro emprego para este Pel.?

Sem duvida. A condição todavia, para que esta mudança seja justificada, é que corresponda sempre, á melhor realização possivel da missão, ou melhor que seja executável, isto é, que as novas tropas a engajar estejam effetivamente disponíveis. Não a deanta discutir, pois que o Pel. C está inutil para este fim ,pelo menos no momento. Resulta disto, que o seu flanco direito está descoberto e você não lhe pode dar remedio.

reservar disponivel este Pel. C, porque bem vejo que ia ter necessidade de engaja-lo pelo menos em parte, para me cobrir contra a região N. e NO. de Angeot.

Sim, mas não é proibido mudar-se de ideia, diante das exigencias reveladas pelo combate.

Com exceção da ultima, as condições indicadas foram realizadas.

O Pel. A pode assegurar esta cobertura, e além de tudo, é isso mesmo o que ele faz.

provenientes da crista das Tres Arvores do quarteirão o e g; das regiões t e r; dos Bosques La Tremblé e Goutte Bennequin. Além disso, os tiros do escalão de fogo da 1.^a Cia. puderam dominar em parte os fogos aproximados da defesa, principalmente os provenientes do muro C.

Nestas condições, o movimento de 1.^a Cia. pôde continuar.

No momento em que retoma o movimento, a sua situação é a que está indicada no plano relevo. (Situação desenhada em verde no croquis n.^o 2).

A direita pôde alcançar a região p, a, b, mas está engajada num combate encarniçado e bastante confuso, contra uma resistência que aproveitando tudo quanto é obstáculo, resiste até ao corpo a corpo. Não se progride mais. Os Pelotões A e C além disso, acham-se misturados porque este último irremediavelmente foi levado a tomar parte no combate do escalão de fogo.

O Pel. B atravessou a estrada e progride sem dificuldades, para a crista das Tres Arvores. Seus G. C. estão no momento desenfiados dos fogos provenientes da crista e da região x, n.

O Pel. D avançou para a estrada e aí está disponível, completamente desenfiada tanto das vistas, como dos tiros inimigos.

O Cap. chega ao bordo do talude do corte que margeia a estrada a O.

O Btl. da direita, sempre detido, pôde unicamente avançar a ala esquerda até a encruzilhada, graças o ligeiro avanço do Pel. A. A 2.^a Cia. não encontrando séria resistência pela frente, avança sensivelmente à mesma altura e pela esquerda do Pel. B..

Cinco minutos de reflexão e depois o estudo das decisões que comporta a situação.

Pel. B. o que faz?

Dê a sua decisão, sua ordem!

B — Poderia avançar ainda mais um pouco, porém a direita da Cia. estando detida, penso que...

— Ordem ao 5.^o G. C.: avançar até onde possa atirar sobre as Tres Arvores e o muro V. Aí entrar em posição e abrir fogo.

— Ordem ao 4.^º G. C.: Avançar na direção de S e entrar em posição num local de onde possa bater x e n. Iniciar logo o fogo.

— Ordem ao 6.^º G. C.: infiltrar-se entre S e P e tomar de revéz as resistências que detêm a direita da Cia.

— Espero o resultado da manobra do 6.^º G. C. Si a ação desse G. C. não for suficiente, apoia-lo-ei com o Pel. D., aproveitando-me da cobertura que os 4.^º e 5.^º G. C. asseguraram neste desbordamento.

— Cap. S. você vê do P.C. a situação e o movimento do Pel. B. O que pensa de tudo isto?

Enquanto V. espera que as ordens do Ten. B se executem e venha a vitória ou derrota da batalha engajada pelo 6.^º G. C. um agente de transmissão lhe traz uma informação do Cmt. da 2.^a Cia. dizendo que: "atingiu pela esquerda, a crista das proximidades do ponto cotado 382,1. Mas recebendo em parte, fogos provenientes do N. e estando detido o Pel. B, não pode mais avançar, apesar de não encontrar nenhuma séria resistência pela frente pede-lhe para que cubra o seu ataque, de acordo com as prescrições da ordem inicial do Cmt. do Btl."

O que você decide e o que vai responder à 2.^a Cia.?

Respondo ao Cmt. da 2.^a Cia. indicando-lhe a situação em que me acho, e a necessidade para a 1.^a Cia. de reduzir a resistência que detém a sua direita, antes de retomar o movimento para O.

O 6.^o G.C. desviou-se na direção das moitas e contornando-as por O juntamente com o 8.^o G. C. entrou tambem no combate travado pelos elementos reunidos sob as ordens do Ten. C. Por fim, chega-se a atingir a linha p, d, b. E' impossivel ultrapassar a pequena crista, determinada por s, e, pois desde que se lho tente, fogos mortiferos inimigos, partem de l, k, h, e g ou proximidades.

A defesa está em condições de se segurar fortemente em f e w e assim o faz. Decisão?

Sempre a mesma ideia?

Com que?

E a ordem inicial do Cmt. do Btl. "Cobrir o movimento da 2.^a Cia"?

Ordem ao Pel. D para atacar tomado como objetivo a casa k. Todo o resto da Cia. com excepção do 5.^o G. C., enquadra e cobrirá este ataque com seus fogos.

Sempre. Quero reduzir esta resistência, auxiliar assim o Btl. da direita a avançar. Tenho ainda uma reserva e a emprego agora para este fim. Desde o momento em que, minha direita fique recomposta e coberta, poderei reiniciar o movimento.

Pego reforço ao Cmt. do Btl.

Cumpro-a, atacando como o faço. Alem do mais, nada de melhor posso fazer, porque estou detido, e os meus Pels. tem que fazer face ás resistencias e aos fogos provenientes do N. com os proprios meios.

Mesmo o Pel. D?

Seja. Mas no momento em que você vai dar esta ordem ao Ten. D, um grave ferimento lhe põe fora de combate. O Ten. D, que se torna seu substituto eventual, assume o Cmdo. da Cia. e o Sgt. Aux. R assume o do Pel. de Res. Voces dois já conhecem a situação da Cia. e das vizinhas. Ten. D o que decide?

Os tiros sobre esses objetivos foram quasi todos suspensos, quando se viu do P. C. do Btl., a 2.^a Cia. atingir a crista e o seu Pel. B se deslocar para S. Atira-se ainda algumas rajadas intermitentes de metralhadoras na direção da região O. sendo o grosso dos tiros transportado mais para O. e para La Tremblée.

— Não explique, mas dê as suas ordens, cujas justificações ser-lheão pedidas, se assim achar necessário.

Não, evidentemente. Mas, para melhorar esta situação, torna-se necessário que empregue minha reserva.

D — Desejava saber de que natureza é o apoio de fogo fornecido neste momento pelas metralhadoras e canhões dirigidos pelo Cmt. do Btl. Notadamente atira-se sobre o quarteirão S. O. de Angeot e a crista das 3 arvores?

Sendo dado esta situação e das unidades que enquadram a 1.^a Cia. creio que a melhor situação...

1.^o — Pedido ao Cmt. Btl. para prescrever o reinicio do fogo, tão violento quanto possível sobre todo o quarteirão o x g da vila de Angeot.

2.^o — Ordem ao Pel. D para atacar na direção da crista das Tres Arvores, tendo como objetivos a cerca o Oeste do muro v e as Tres Arvores. Este Pel. levará o seu ataque

até encontrar uma posição tal, que lhe permita atirar sobre a margem Oeste do riacho de L'Etang e as orlas do bosque La Tremblée.

3.^a — O 4.^º G. C. colocado em S e os agrupamentos C apoiarão e cobrirão pelo fogo o ataque do Pel. D, tendo como objetivo o quarteirão o m l e k. Os agrupamentos A e C suspendendo as tentativas de progressão à viva-força pelo norte, aproveitaram toda e qualquer oportunidade para volver a frente a Oeste, ocupando e f H etc. e auxiliar pelo fogo, o avanço do Btl. da direita.

4.^a — Logo que seja ultrapassado pelo Pel. D, o 5.^º G. C. passará para reserva do Cmt. da Cia. devendo vir para a ravina a 100 ms. ao Sul de S. O Ten. C. reconstituirá um grupo (1 Sgt. 10 homens, 1 F. M.) para ficar à disposição do Cap., ao sul da moita p. O Ten. A procederá da mesma maneira, ficando o grupo no muro d.

5.^a — O Cmt. da Cia. instalará o P. C. a Oeste da moita p. O Ten. B disponivel, virá para este ponto, logo que o Pel. D ultrapasse os 4.^º e 5.^º G. C.

— Bom. Em resumo: — pedido de apôio dos fogos do Btl. sobre a sua direita; reinicio do ataque com a esquerda, atitude de expectativa na direita e reconstituição das reservas empregadas.

Vejamos um pouco de tudo isto: Por que este pedido de apôio foi dirigido ao Cmt. Btl.?

— Como você transmitirá este pedido ao Cmt. do Btl?

E por que não foguete? Pois segundo o código que com toda certeza lhe foi indicado, poderia pedir "reinicio de tiro 1.º objetivo".

Dentro de quanto tempo você espera ter o seu pedido satisfeito?

Por que este ataque à esquerda e uma parada voluntaria à direita, apezar das ra-

Meu ataque tem necessidade de ser coberto pela direita, ao menos por fogos, visto eu não poder atacar no momento a região de onde provem os tiros que nos prejudicam. Não tenho sinão uns poucos grupos, em situação de atirar na direção o, n, k. O reforço de fogos do Btl. parece-me assim indispensável sendo possível a sua execução, pois que, não progride agora nessa região.

Pela ótica (ótica de 10, ou sinalização a braço) pois certamente vêem-se do P. C. do Btl. Confirmação por mensageiro.

Porque assim o tiro se reiniciaria sobre todo o 1.º objetivo. Ora atacando de mais perto, o muro e as Tres Arvores, não me convém que se atire mais sobre esses objetivos. Visto isso, prefiro um processo que me permita precisar o pedido feito.

Não sei, pode ser que demore. E' por isso que começo por fazer este pedido, antes mesmo de dar as ordens ao Pel. H.

A ordem que eu tenho é de atingir a crista das Tres Arvores e cobrir o ataque da

zões contrarias, dadas ha pouco pelo Cap. S?

Seja. Mas não deve você levar em conta a importancia de sua direita e a parada do Btl. do mesmo lado?

Por que você pensa que é inutil um esforço pelo N.?

O que você entende por "avançar o mais possivel para O"?

Bom; voltaremos a falar

2.^a Cia.. Tenho um Pel. descanrado e ainda posso progredir pela esquerda, pois por aí não tenho séria resistência. Em vista disso, posso cumprir a ordem e executo-a tanto quanto possivel.

Sim, levo-a em conta nos meus dispositivos remuniciando a um esforço inutil e custoso da minha direita, a qual no momento não peço sinão para atirar. Não ha, portanto, na medida do possivel, nada que possa me impedir no prosseguimento de minha missão, que é para Oeste e não na direção do N.

Não o creio inutil, e sim de de 2.^a urgencia. Consagrar os meus ultimos esforços para procurar conquistar e, f ou ainda h é menos util à minha missão, mesmo que o consiga, do que avançar o mais possivel para Oeste afim de, pelo menos cobrir o ataque da 2.^a Cia.

Já o defini, ao designar como objetivo para o Pel. H. a crista das 3 arvores e ao determinar, que até segunda ordem, lá ficasse em posição, mantendo-se em ligação com o resto da Cia.

— Poderia; e até mesmo

sobre isso. Antes, porem, precisemos um ponto: Você retoma o 5.^º G. C. uma vez ultrapassado pelo Pel. R. Não poderia faze-lo partir com esse Pel.?

assim se evitaria u'a manobra de passagem de escalão, não prevista pelo Regulamento, no âmbito da Cia. Sou porem forçado a faze-lo uma vez que quero reiniciar a manobra da Cia. na direção determinada pela ordem. Por outro lado, alem disso, é necessario deixar o 4.^º G. C. onde se acha, por estar bem colocado, para cobrir com os seu fogo, o Pel. R. Nestas condições, prefiro constituir uma reserva com o 5.^º G. C. e com o Ten. B.

Admitamos que isto seja possivel no que concerne ao 5.^º G. C. Não será porem mais duvidoso, quanto aos grupos que você pede aos Tens. A e C ?

Talvez, de fato mas nada perco em experimentar aligeirar a minha direita, que não precisa de muita gente para cumprir o que lhe peço, e reconstituir os meus meios de ação. Dessarte terei grande proveito si tal puder ser executado.

Raciocinio perfeitamente justo, como todos os outros que você deu até aqui.

Isto não impede entretanto, que a reconstituição de sua reserva seja um pouco esquematica. Mas nós não podemos nos aprofundar num trabalho na carta sem cairmos no "romance". Retenhamos pois, sómente a ideia que é justa.

— Sgt. Aux. H. nós dois agora. Graças ao apôlio de fogos do Btl. dos determina-

Tenho ordem para entrar em posição, de maneira a poder atirar sobre a margem Oeste do riacho L'Etang. Avanço até onde possa vêr esta margem e ali paro, pronto a abrir fogo sobre a minha frente ou sobre as orlas do bosque la Tremblée.

dos pelo Ten. D assim como, pelas boas medidas que você certamente tomou o seu ataque logrou exito. Você chega às 3 Arvores e o muro v está deserto. Nenhuma resistencia na sua frente, e os tiros provenientes da regiā OH parecem extictos, alem do que, você está ao abrigo das vistas dessa regiā. A 2.^a Cia reiniacia a progressā e desce para o riacho L'Etang. O que faz você? Como procederá?

A 2.^a Cia. progride bem e atinge o riacho. Alguns fugitivos inimigos surgindo da regiā O e outros atravessando o riacho na sua frente, fogem na direçāo do bosque La Tremblée. Decisão?

A 2.^a Cia. atravessa o riacho e se dirige para Goutte-Bennequim.

Na sua frente e na direçāo de La Tremblée, nada mais ha, só o vazio. Nem um tiro inimigo. Decisão?

Mas você não se desloca?

Por que?

Bem, mas desde que foi dada essa ordem, o aspecto das coisas se modificou. Você sente o vazio na sua frente e

Atiro sobre êles e comunico ao meu Cmt. de Cia.

Aviso ao Ten.

Não.

Porque é a ordem.

Talvez, mas...

seus companheiros avançam.
Não seria bom que avançasse
também?

Mas o que?

E si você não avançar, a
perderá com a 2.^a Cia.

Por que?

E com a sua Cia.?

Perde-la-á unicamente por-
que vocês não se vêm mais?

E o que mais?... O que
você acabou de dizer com re-
lação à ligação com a 2.^a Cia.?

Isto mesmo. Tem razão em
não se deslocar. Mas você ape-
sar disso, não deve manter o
contacto com o inimigo?

E então onde é que está o
inimigo agora? Está ainda em
C ou nas orlas do Bosque La

Si avançar perco a ligação
com a minha companhia.

Oh! não, ainda tem tempo.

Porque a verei até ultrapas-
sar a crista ou desaparecer no
bosque, e depois, porque es-
tou sempre em condições de
atirar para auxilia-la.

Si avanço, enquanto os ou-
tros Pels. permanecem nos lu-
gares em que estão, não os
verei mais e aí, a ligação fi-
cará perdida.

Estarei muito longe de meu
Cmt. de Cia.

Si eu deixar a crista onde
estou, não poderá mais combi-
nar os meus tiros com os dos
grupos que ficarem na outra
encosta e haverá lacuna nos
tiros da Cia.

Sim, senhor.

Não o sei.

Tremblée? Você o viu fugir.
Será isto uma informação suficiente ,e assim terá o contacto?

E' preciso sabe-lo entretanto!... Como fazer então, uma vez que o seu Pel.. não pôde avançar?

Tão longe?

Qual o limite que você fixará para a sua progressão?

Por que?

Perfeitamente. Ten. D o que tem a dizer sobre tudo isto?

Exatamente. Si esta ruptura se produzir, como você poderá concertá-la?

Posso enviar uma patrulha para a casa O, afim de ver se ainda ha alguem por lá. Posso tambem enviar uma outra para o riacho de L'Etang e até mesmo às orlas SO. do Bosque La Tremblée.

Penso que sim, pois a verei durante todo o tempo.

A crista na minha frente é a orla do bosque.

Porque daí em diante não as verei mais.

D — Nada ,visto aprovar a maneira de ver e agir do Sgt. Aux. H. Sómente uma cousa: E' o alcance util de seus F. M. (tipo 1915) que não lhe permite um bom trabalho de fogo sobre as orlas SO. do Bosque La Tremblée e crista contigua. Penso pois, que a ligação pelo fogo com a 2.^a Cia. seria perdida mais depressa do que o Sgt. pensa.

A 1.^a Cia. nada poderá fazer, a menos que a minha direita se veja livre. Assim poderá reconstituir algo para para avançar ou pelo menos

substituir o Pel. H. em Tres Arvores afim de lhe permitir avançar.

E si você não puder fazer nada disto?

Tambem penso assim. Mas si as patrulhas do Sgt. Aux. H. lhe informam sobre o vazio que existe?

A ligação então, deverá ser estabelecida pela reserva da 2.^a Cia. ou melhor, pela do Btl., pois doutro modo, penso que aquela Cia. ver-se-ia novamente obrigada a se deter na progressão.

Tomo providências imediatamente sobre a questão local, cercando as resistências obstinadas. Só poderei seguir as patrulhas e retomar o contacto, com a Cia. mais ou menos em ordem. Si não o conseguir fazer, ficará este trabalho mais uma vez a cargo das reservas do Btl.

O diretor julga suficiente a demonstração dos pontos essenciais, que constituem o objeto do exercicio. Além disso, o trabalho prolongou-se mais do que o previsto, sendo necessário termina-lo, sob pena de ultrapassar os limites de uma atenção proveitosa.



Companhia Federal de Fundição

Fabricação de apparelhos e reforços para a industria chimica, em aluminio ou ferro fundido, com ligas especias para resistir aos acidos ou a altas temperaturas.

Officina e Escriptorio:

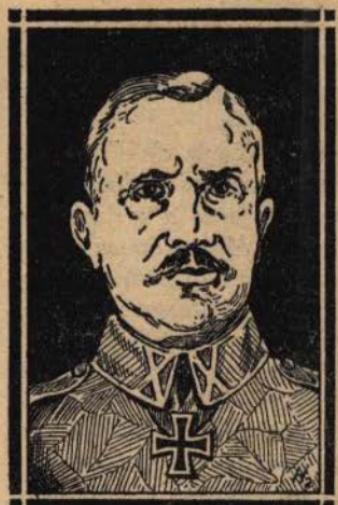
Rua Nery Pinheiro — Caixa Postal 47

Tel. 22-8847 — End. Teleg. "FUNDERAL"

RIO DE JANEIRO

GUSTAVE MANNERHEIM

Por ODORICO COSTA



No cenário caótico do mundo moderno dilacerado pela guerra, entre figuras gigantes as que pontificam nos departamentos econômicos e financeiros, entre líderes políticos e militares, nenhuma mais interessante que a de Gustave Mannerheim, construtor dos alicerces da independência da Finlândia.

Descendente de uma grande e tradicional família finlandesa, originária desse povo finés de origem nebulosa, que surgiu no nordeste europeu muito antes da era cristã, Gustave Mannerheim fez uma carreira brilhante no exército russo, chegando a ser elevado ao posto de coronel, por ato de bravura, no próprio campo de batalha, na guerra russo-japonesa.

Vindo à paz, Gustave Mannerheim foi encarregado pelo governo tsarista de realizar uma grande expedição a cavalo ao centro da Ásia, para estudos e para observações geográficas e etnográficas.

Na guerra de 1914, Gustave Mannerheim foi chamado a prestar serviços à Rússia, no posto de general, tendo comandado um grande destacamento de cavalaria que, vezes seguidas, nos mais rudes entreveros, conquistou as palmas da vitória na luta contra os alemães.

Em 1917, mesmo quando a paz ainda não se delineava, já se sentia o coruscar de tremendos acontecimentos no sub-solo político da Europa.

A Finlândia, até 1808 pertencente à Suecia, incorporada depois, como grão-ducado, à Russia, sentiu a aproximação de grandes acontecimentos e foi salteada de profundos desejos libertários. Os carelios e tavastos asperos e rudes, esparramados pela rendilha dos lagos do território finlandês, começaram a sonhar com a independência de sua terra, ela que se bastava a si mesma e tinha sobras com que distribuir pelos povos vizinhos.

Mas a independência da Finlândia se apresentava cheia de dificuldades terríveis: pertencente à Russia, desde 1808, a Finlândia fôra proibida de organizar legiões militares e de importar armas. Era uma região tristemente desarmada.

Deliberada a revolução para a independência da Finlândia, o então general Gustave Mannerheim viu que era indispensável o auxílio da Alemanha. O seu desejo era fazer a independência com o material legitimamente nacional. Mas a época era de premências e os escrupulos de ordem patriótica não poderiam prevalecer em face do bem da pátria. Por isso, Gustave Mannerheim conseguiu conduzir cerca de 2.000 jovens finlandeses para a Alemanha, onde receberam instrução militar e se organizaram em unidade de combate. Preparada essa tropa, foi ela repatriada, em segredo, constituindo o elemento inicial do grande exército com que Gustave Mannerheim fez a independência finlandesa.

A química da revolução finlandesa foi complexa e dolorosa. Na beira dos lagos e nos bosques, nas aldeias e nas grandes cidades as negociações foram feitas no mais absoluto segredo até que a 6 de dezembro de 1917 o parlamento finlandês decretou a independência “formal e completa do país”.

Essa proclamação representa um esforço e uma audácia incríveis. A declaração da independência foi feita sem um exército, sem uma força regular para apoia-la.

Entretanto, a 6 de janeiro de 1918 estalava uma revolução integral na Finlândia. A revolução surgiu em um turbilhão sangrento, em que, por vezes, surgiam notícias de terríveis vitórias de vermelhos, de brancos e de finlandeses, todos estremecidos num turbilhão de luta, numa luta turbinante em que difficilmente os figurantes poderiam ser perfeitamente identificados.

A independência da Finlândia que, logo de inicio, fôra reconhecida pela Noruega, pela Suécia, pela Dinamarca, pela Alemanha e pela França, dessa altura em diante teve o apôlo da legião cívica de Mannerheim. O destacamento de jovens procedentes

jos campos de instrução da Alemanha era, agora, um exército. Em poucas semanas Mannerheim organizou um exército onde não existia a mais sumária organização militar.

A Alemanha, nessa altura, deliberou ajudar a Finlândia e para lá enviou a "Divisão Báltica" que ajudou a primeira vitória de Mannerheim, na tomada de Tempere, atacada por 50.000 combatentes e defendidas por 75.000 russos.

O exército russo, em 1918, era um caos. Vermelhos e brancos se entrevoravam furiosamente, sem treguas e sem descanso. O império russo estava se desfazendo em sangue e em sangue surgia a ditadura do proletariado.

A luta pela independência da Finlândia, chefiada por Mannerheim, teve o caráter de uma guerra civil tremenda. Finlandeses se batiam contra russos brancos e russos vermelhos ao mesmo tempo.

Finalmente, com a vitória de Ino no dia 15 de maio, ficou consolidada a independência da Finlândia e, a 16 desse mesmo mês, Mannerheim entrou em Helsíki entre manifestações populares que chegaram ao delírio. Os asperos camponeses da beira dos lagos choravam de alegria.

Conquistada a vitória, proclamada pelas armas a independência da Finlândia, as dificuldades não cessaram. Lenin reconheceu a independência do grão-ducado, mas não retirara da Finlândia as guarnições militares russas. Os alemães componentes da "divisão báltica" não demonstravam desejos de deixar o país. A discussão em torno da formação de um exército nacional colocou Mannerheim em choque com os líderes do governo: estes queriam um exército nos moldes alemães e Mannerheim queria um exército nacional, de feição finlandesa, para defender a Finlândia. A dissensão se transformou em um dissídio aspero de que resultou a demissão de Mannerheim do cargo de generalíssimo das forças finlandesas em 31 de maio de 1918.

Entretanto, sobre a catástrofe russa, delineava-se a decomposição do império alemão. O governo de Helsíki pressentiu a aproximação de acontecimentos terríveis e mandou Mannerheim à França e à Inglaterra para dizer o que a Finlândia queria. Paris e Londres, empolgados pela vitória que se firmava cada

vez mais, se desinteressavam do que estava acontecendo no norte europeu.

Regressando a Helsinki, Mannerheim deu conta de sua incumbência e dela surgiu a renúncia do presidente Svinhuirof a 12 de dezembro de 1918, sendo Mannerheim nomeado regente do país.

Durante sete meses Mannerheim trabalhou ativamente e conseguiu consolidar a independência do país e constitucionalizar a Finlândia. Em março de 1919, no terrível tumulto de após-guerra, Mannerheim entregou a carta política da Finlândia.

Prosseguindo no complemento de medidas que organizavam a Finlândia como país livre, Mannerheim outorgou ao Parlamento a escolha do regime finlandês e este optou pela forma republicana democrática.

E a primeira demonstração democrática da República Finlandesa foi feita a 17 de junho de 1919. O Parlamento, com 200 figuras foi eleger o presidente da República. Mannerheim sofreu a mais esmagadora derrota que se pode imaginar. Concorrendo ao prelio presidencial, obteve 57 votos, enquanto o seu concorrente Stahlberg conseguiu 143...

Gustavo Hannerheim tem, hoje, 72 anos e é considerado um ídolo nacional da Finlândia.

Escola Técnica do Exército

Discurso do paraninfo, professor
DULCÍDIO PEREIRA, da turma
de engenheiros militares de 1939

A sabedoria popular consagra em um conhecido adágio que uma graça ou uma desgraça nunca vem só. Graças ou desgraças, diz o rifão, andam aos pares.

Estava eu cultuando a maior satisfação vivida nos meus vinte e seis anos de magistério, qual a de ver realizado pela primeira vez um aproveitamento de cem por cento, com a aprovação integral dos meus trinta e um alunos de Física, na Escola Nacional de Engenharia, quando recebi a comunicação de que seria o paraninfo da turma de engenheiros militares, formados em 1939, pela Escola Técnica do Exército.

Duas graças se sucedendo em continuidade, para trazer ao meu espírito de velho batalhador a alegria em que ele se retempera para retomar e continuar, sem desfalecimento, sua tarefa de professor-sacerdote.

A primeira graça eu a recebi como um prêmio de um dever cumprido, como o resultado de um trabalho notável de trinta e um môcos que, guiados por mim, souberam corresponder ao meu esforço, distinguindo-se brilhantemente em provas assás rigorosas e de nível elevado, como convém em uma escola de engenharia.

A segunda graça eu não a posso explicar senão pela generosidade dos ilustres oficiais que hoje se fazem engenheiros. A grande honra que acharam por bem me conceder é antes uma expressão de bondado do que o resultado de uma acertada escólha de um paraninfo que, erigindo-se no orientador verdadeiro de seus pensamentos, lhes venha apontar os rumos na profissão do engenheiro.

Certo, fui professor de vários dos engenheirandos que hoje se diplomam e foi essa turma de elite a ultima que lecionei na Escola Técnica do Exército. Pouco fiz, porque eles fizeram tudo, numa afirmação de grande inteligência e de grande competência, aliada a um trabalho persistente e metódico. Coube-me, apenas,

guiá-los através de um curso intensivo, durante o qual tive a ventura de fazer amigos preciosos, em consequência da bondade de todos êles, e isto em um convívio leal e franco, na incursão que fizemos através da Eletrotécnica.

Confiam demais em mim os meus amigos. De tarefa por demais pesada me incumbiram. E, muito embora, reconheça, sem falsa modestia, que as minhas forças são bastante fracas, considerei o convite uma ordem e disciplinadamente eis-me aqui para cumpri-la, entrando em forma antes de terminado o toque de reunir, esquecendo-me de mim proprio e invocando todas as energias da velha Escola Politécnica, sobre a qual incide a grande honra do paraninfado, do qual sou apenas o modesto detentor.

E não me envaideço porque bem sei que esta escolha não pode ter a significação de um destaque pessoal. E si outra expressão possa ter alem da preferência afetiva, esta será a expressão da homenagem à velha Escola, onde foram realizados os primeiros cursos da Escola Técnica do Exército.

Todavia, não dissimulo a grande satisfação que me enche a alma, tal o muito que me sinto ligado ao Exército. Filho de militar que me educou rigorosamente dentro da disciplina e da dignidade miliar, fiz o meu curso secundário no Colegio Militar, onde mestres de notável saber e sólida envergadura me reafirmaram essa dignidade. Na minha vida de professor e de engenheiro tenho procurado tomar como paradigma as virtudes militares, entre as quais a disciplina e o amor à ordem teem para mim uma fascinação especial.

E para culminar toda esta alegria, vejo como orador e interprete de vosso pensamento o Tenente Coronel Fausto Netto de Albuquerque, digno por todos os títulos de nossa estima e de nossa admiração, o *sherife* da ultima turma que lecionei nesta casa, meu velho amigo e camarada desde os bancos colegiais na grande casa fundada por Tomás Coelho, onde juntos aprendemos os mesmos princípios de honra e civismo, e onde nos ensinaram a amar o Brasil acima de tudo o que é humano.

Senhores Engenheirandos.

E' deveras lamentável que a Humanidade não tenha podido ainda se libertar do espetro da guerra. A guerra é uma contingência da imperfeição humana e só desaparecerá da Terra quan-

do o homem, num desenvolvimento assintótico para a Perfeição compreender que a vida é antes uma cooperação do que uma luta. Mas, seja como fôr, é indiscutível que as necessidades militares, na terra como no ar como no mar, na paz como na guerra, teem determinado esforços dos quais resultam sempre elementos preciosos para a solução dos grandes problemas técnicos.

As necessidades militares, ou melhor, a Segurança Nacional, reclama todos os recursos do país e para a solução de todas as suas exigências, mobiliza a ciência e a técnica, ativa os laboratórios, impulsiona as industrias e acaba construindo tipos que talvez se não realizassem se não fossem tais exigências.

Perante as necessidades do país, não ha, em rigor, senão engenheiros, sem distinção de militares ou civis, irmanados, como devem estar, na mesma finalidade técnica e patriótica. Todavia, ha uma distinção profunda, quanto ao modo de atuação da vossa e da minha engenharia.

A mobilização da técnica civil a serviço da Defesa Nacional exige a existência de nucleos efetivos da técnica militar, assim como as forças permanentes são nucleos efetivos da mobilização das reservas às quais estas se justapõem. E os núcleos efetivos da técnica militar são constituídos pela engenharia militar, à qual cabe orientar a técnica civil para que esta, ao se mobilizar, efetue imediatamente as transformações necessárias para a obtenção da sua finalidade eficiente na defesa nacional.

Nestas condições a engenharia militar tem de acompanhar de perto todos os problemas da engenharia, cujas soluções e cujos planos de conjunto só podem ser adotados em acordo absoluto com o interesse nacional.

O engenheiro militar não é, pois, um técnico exclusivo das causas militares, muito embora sua especialização nesses assuntos possa e deva atingir todos os pormenores. Sua formação profissional é extremamente complexa, por isso que requer qualidades que aparentemente se contradizem: o conhecimento geral de toda a engenharia e a especialização máxima desde o início da carreira.

Como o Exército pode sempre prever quais as suas necessidades técnicas, por mais especializadas que sejam, pode sempre criar e manter cursos dessas especialidades, os quais formarão técnicos, cuja atividade compulsória estará garantida por tal previsão. Todos os engenheiros militares que hoje se formam, — de armamento, construtores, eletrecistas, químicos e de comunica-

ções, amanhã mesmo iniciarão suas atividades dentro do Exército, nelas se especializando, cada vés mais.

Mas, ao lado desta atividade especializada ha outra a que já me referi, a do engenheiro núcleo da mobilização da técnica civil, coordenador de atividades, condutor de homens, justamente a que faz engrenar uma técnica, por mais especializada que seja, no plano geral da Defesa Nacional. Certamente, esta atividade exige uma argúcia, uma ampla cultura técnica, um conhecimento completo das condições brasileiras, para que o engenheiro crie, a cada passo, os elementos necessarios ao seu trabalho.

Esta dupla formação profissional, meus amigos, a Escola Técnica vos deu, nos seus diversos cursos, através de cadeiras científicas e técnicas que vos foram ministradas, formando, certamente, um corpo coeso e indivisível.

Tivestes um largo contacto com a ciência e esta vos proporcionou a contemplação das leis naturais, manifestações expressivas do dinamismo da Natureza, que orientando vossos espíritos, nêles deixou indeleveis impressões de ordem com que traduzis toda vossa admiração pela Harmonia Universal. O ensino das ciências fundamentais vos garantiu a formação intelectual. Foi, antes intensivo que extensivo, preparando os espíritos dos futuros engenheiros para as soluções dos grandes problemas da engenharia. Certo, a ciência é uma única. Não há uma física de engenheiro e uma física do físico; mas, a orientação que se deve dar ao ensino nos dois casos, seja quando se visa a aplicação à engenharia, seja quando se pretende formar pesquisador de ciência pura, é bem diversa. Tivestes, como convém, ciência para engenheiro.

Depois a técnica vos empolgou, requestrando todo o vosso engenho, e as cadeiras de aplicação temperaram a precisão e o rigor, a que a ciência vos habituara, com as adaptações da prática profissional, á qual nunca deve falta a consciência da arte.

Ides fazer engenharia. Mas atendei, afastai de vós a tentação do empirismo. As soluções empíricas já não satisfazem mais e as providências que se não baseiam em dados científicos, as medidas eivadas de artificialismo estão condenadas ao fracasso quando não fizerem ruir as construções em que se apliquem.

As industrias, por exemplo, teem por fim especial obter produtos de qualidade estabelecida com um preço mínimo de produção. Mas, a qualidade e o preço de custo são funções determinadas das condições de fabricação. Estas grandesas são, pois,

lgaças umas às outras, por meio de leis que cumpre pesquisar. Para conduzir uma fabricação científica é preciso determinar os fatores dos quais depende o resultado procurado: medir todas as grandezas em jogo, de modo a poder pesquisar as lei de variação, para em seguida conduzir toda a produção, regulando por meio de medidas periódicas cada condição, de acordo com o valor reconhecido o mais vantajoso.

Resulta desta regra que toda fabricação científica deve ser normalizada, *standardizada*. As industrias empíricas não podem resistir à concorrência das indústrias organizadas.

As condições atuais do mundo não permitem mais o desperdício de energias. Dai a necessidade indeclinável das soluções científicas, resultado da adaptação racional dos princípios naturais às condições individuais de cada problema a resolver.

Mas, atendei, jamais vos afasteis das soluções reais. Vivei e operai no mundo real, talvés menos belo que qualquer outro a *n* dimensões, construído pela fantasia, mas, certamente o único que nos pode interessar. Si tais fantasias vos seduzirem, cultivai-as nas vossas horas de lazer, mas jamais as considereis na técnica das vosas construções.

Utilisais a ciência não como cientistas, mas como engenheiro. Lembrai-vos do que disse Rankine: —“em presença do mesmo problema, o homem de ciência pergunta a si mesmo o que deve pensar, enquanto o engenheiro procura o que deve fazer”.

Não sei eu, apezar dos meus cabelos embranquecidos no magistério e na engenharia quem vos possa apontar caminhos ou delinear rotas. Sois fortes, sois homens a quem a vida da cama tempereu caracteres, retesou músculos e nervos, dando-vos a noção nítida da força e da justiça. Todavia, eu me permito pedir vossa atenção para o mundo em que ides construir.

Vêde o que se passa fóra do Brasil: A discontinuidade que a curva da civilisação apresentou após a grande guerra é um índice do desequilíbrio entre as fórcas que atuavam no sistema social, onde energias latentes esperavam apenas esse desequilíbrio para agir. E agiram, espalhando por toda a parte a incoerência de ideias as mais contraditórias, abalando os alicerces das instituições as mais estaveis. Vós conhecéis a figura física correspondente: efeito de ressonância de movimentos periódicos. Uma tropa em passo cadenciado pode demolir uma ponte.

Daí reivindicações, fermentações de ideias mal digeridas, cardeadas no aproveitamento de uns e na insinceridade de muitos. Peor que tudo isto, uma atitude mental demolidora, uma ausência do desejo altruístico de servir, uma permanência de espíritos armados.

Procurando uma explicação termodinâmica se pode comparar cada movimento da sociedade a uma transformação irreversível, cuja *entropia* aumenta, cada vez mais, degradando a energia disponível pela sua transformação em calor. E a entropia $\int dQ/T$ cresce pelo crescimento do numerador-aumento da massa popular descontrolada e pela diminuição do denominador-valor das elites. E a figura é tanto mais fiel quanto mais de perto se atender a que o aumento da entropia corresponde a um aumento de energia das partículas animadas de movimentos desordenados, a cujo número de choques se deve, como explica a teoria cinética, a pressão reinante no sistema.

E a pressão reinante no sistema manifesta-se pela propagação das ideias subversivas. E a pressão reinante no sistema faz transbordamento dessas ideias para outras Pátrias, como a nossa, onde a vida sobre ser fácil e fecunda deveria ser uma barreira contra elas.

Mas, esse transbordamento se faz por dois modos: por jatos descontínuos e violentos e por infiltração insidiosa, por capilaridade, ou por osmose.

Aos jatos violentos das ideias subversivas, vós, soldados do Brasil, tendes sempre oposto a floresta das vossas baioneta. "On ne passe pas". A vossa bravura, o vosso patriotismo, a vossa força, inutilizarão por completo as investidas subversivas, por mais prementes que sejam.

Mas, atendei ao transbordamento que se faz por osmose ou por capilaridade, por infiltração contínua, numa ação sutil e persistente, como que tentando frustar a ação energética do Governo e procurando transpor os interstícios entre vossas armas. E as vossas baionetas não poderão espetar micróbios.

Olhai o mundo: Exaltam-se o egoísmo e a egolatria, despertando instintos que a civilização recalcara. Procura-se fazer letra morta dos princípios naturais em que toda moral social se deve basear. Os fins justificam os meios. Faz-se taboa rasa das ideias de honra e de lealdade. Explora-se a bravura e o arrojo dos moços, procurando arrasta-los a uma ideologia que não resiste a

uma critica serena. Prega-se nas escolas o credo exótico, através de fórmulas e exemplos suscetiveis de duplo sentido, sempre sem a sinceridade de atitudes, antes, pelo contrário, exibindo um nível de vida material que não é o que se propaga. Tenta-se esfacelar e ridicularizar a noção e a idéia de Pátria e destruir a família, permitindo-se costumes licenciosos que diluem os caractéres. Trocam-se as ideias e os preceitos religiosos por um materialismo grosso, e com a ilusão de se libertar da fé, o homem se escravisa a um coletivismo, acreditando numa felicidade que jámais virá. E a felicidade jamais virá para aqueles que tentam busca-la no mundo exterior quando ,ao contrário, ela é eminentemente interna e somente compativel com as atitudes de concórdia, de fé e de confiança.

Vêde como essa propaganda se serve de todas as artes: da música, da literatura, do teatro, da pintura, da escultura, da arquitetura.

Atendei, vós que ides construir, ao fenômeno da extração da arte moderna, conduzindo a um futurismo, destituido de todo sentido estático, destinado, principalmente a apagar nas novas gerações todas as tradições, toda a capacidade emotiva, toda concepção natural do belo, toda a sensibilidade artística.

Oblitera-se a natureza, reproduzindo-a grosseiramente, numa discordância de formas, de massas ou de ruidos. Extrapolam-se o realismo literário para se consagrarem uma forma licenciosa em que os instintos são exaltados, revelando-se uma ausência completa de espiritualidade. E como concretização da asperesa mental, traçam-se arestas e vértices por toda parte. E até Venus é representada com seios tetraédicos de arestas cortantes e vértices ponteagudo...

E procuram apadrinhar-se com a ciência, infiltrando-se entre pseudos sábios, cujas mensagens transportam o vírus subversivo, que transpõem as alfandegas e burlam a patriótica vigilância das polícias. E se esquecem que a ciência só pode ser cultuada em ambiente de elevação mental, como um apostolado ou um sacerdócio, que só a serenidade de espírito pode permitir.

Só a educação, sob seus múltiplos aspectos, desde a educação maternal até a formação das elites, pode conter esta propaganda insidiosa, que envenenando os espíritos, ameaça o nosso continente, a despeito de ser êle um *habitat* inteiramente inhós-

pito a esse virus. Mas, não confiemos nessa inhospitabilidade, porque a persistência do virus acabará por transformar o *habitat* em caldo de cultura. Eduquemos. Professores ou engenheiros, todos temos de educar. Será a educação dos nossos alunos, será a educação dos que cooperam conosco, será a educação dos nossos trabalhadores, educação que se fará por um trabalho persistente, ininterrupto, única capás de manter-lhes os espíritos desarmados. E não demos trégua aos autores manhosos da propaganda subversiva afim de que a nossa engenharia possa construir sobre terreno sólido e persistente.

Calógeras, no seu livro "Problemas do Governo", refere-se a um apólogo que, por ser sempre oportuno, merece ser relembrado.

"Passava um transeunte junto a um edifício que começava a surgir de seus alicerces. A um pedreiro interrogou sobre o que estava construindo. O operário, descuidado e sem estímulo atalhou que estava assentando tijolos. De outro, mais diligente, porém, distraído, ouviu que se tratava de ganhar honestamente seu salário. Dirigi-se ao terceiro, que com maior esforço e entusiasmo procurava fazer obra perfeita e dele teve como esclarecimento: estou construindo uma igreja. Ao que revidou apertando a mão do homem de fé: por mais humilde a tarefa, cumprida com fervor e dedicação, eleva um templo na alma de quem a executa".

Saber e querer agir; guiar-se através de todos os sacrifícios pelo ideal inspirador, zelar com alma e amor para atender o melhor possível ao seu quinhão de responsabilidade; tal deve ser a norma de vida, do mais humilde ao mais poderoso. É o que ides ensinar aos vossos trabalhadores, é o que ides propagar nos vosos centros de trabalho, como contra propaganda das idéias malsãs que transbordam de outras pátrias.

Meus amigos, é tempo de terminar.

O Brasil precisa, cada vez mais, de soluções brasileiras para os seus problemas técnicos. Crescendo desassombradamente, apresenta, dia a dia, aspectos novos da sua economia, aspectos às vezes contraditórios mas que reclama a colaboração sincera de todas as forças vivas da Nação. A exuberância selvagem, brutal, impetuosa da nossa natureza se apresenta na incoerência dos nossos problemas nacionais. Mas urge que a vontade sis-

tematisada, a disciplina construtora racionalise-os para resolvê-los.

Sois técnicos militares, mas sois também núcleos de mobilização da técnica civil, sois vértices de uma vasta triangulação nacional.

Os construtores terão de criar tipos brasileiros para suas construções, compatíveis com as condições de clima e de vida e de habitat. A importação de tipos estrangeiros, sem, pelo menos, a devida adaptação, não nos pode servir.

No que se refere à eletricidade, o problema é de uma complexidade enorme, desde o plano de utilização das quedas d'água até a normalização dos tipos de instalações, compreende o intrincado problema da fixação da frequência, uniformização de tarifas, etc. etc..

Observai, por exemplo, a situação geográfica da extensa região compreendida entre o sul de Minas, Rio de Janeiro e São Paulo.. Aguas da Mantiqueira caindo sobre o vale do Paraíba, águas do Paraíba caindo sobre o oceano. Si traçarmos um círculo tendo por diâmetro a reta Rio-cidade de S. Paulo, poderemos prevêr dêle, sem exagero, uma potência média de tres a quatro milhões de Kilowatts, de quedas que terão de ser artificialmente criadas, como creada foi a que é utilizada na usina do Cubatão em São Paulo.

Toda essa potência, notai bem, está dentro da região que será um dia o maior parque industrial do mundo, o que significará uma utilização imediata em ótimas condições econômicas.

E teremos o direito de nos surpreender si num futuro muito breve a técnica da transmissão da energia elétrica tiver sido completamente revolucionada pelo emprego da corrente contínua, tal como se pode prevêr, à vista das experiências feitas na America do Norte?

Falando da eletrificação das estradas de ferro, uma pergunta se impõem desde logo: qual será a solução para a mobilização de tropas e material de guerra através de estradas eletrificadas, onde a linha de contacto, os alimentadores, as sub-estações e até a usina tendem a limitar capacidade de tráfego? Não serão as locomotivas Diesel elétricas ou gás elétricas que resolverão o

problema? E não será o caso de estudar o emprego de gasogênos para esse tipo de locomotivas gás eletricas? ou desenvolver a industria dos óleos vegetais para queimar nas Diesel elétricas?

Aliás, só pode merecer aplausos a iniciativa do Governo no que se refere ao uso dos gasogeneos nos transportes rodoviários, solução cujo alcance, nossa economia rural em breve acusará. E', sem dúvida, uma bela solução brasileira.

Quando me refiro às soluções brasileiras não escluo o concurso honesto e sincero dos bons estrangeiros. "Certo, em estes ha bons e máos, ótimos e péssimos, uns, sinceramente, desejosos de incorporar na fortuna integral da nossa nacionalidade o próprio futuro, haveres e aptidões, outros, ao contrário, animados sómente pela cupidôes de lucros vorases e muitas veses ingratos despresam o muito que devem à nossa Terra. Elementos perturbadores e maldosos, principalmente certos supostos intelectuais que se pavonam de o ser devéras e cuja ausêncie não deixaria as escuras, tateando na ignorância, as nossas mentalidades que êles julgam inferiores e apagadas. Agasalhemos, porem, com fraternidade que merecem e admitados no íntimo convívio os hóspedes que aportam à nossa terra e que aqui se estabelecem como amigos leais". Imponhamos-lhes, porem o nosso trabalho, os nossos hábitos e a nossa língua.

Os técnicos civis e militares teem de se entrosar na solução dos problemas nacionais. Unir, intimamente, civis e militares, intimidade não imposta, antes nascida da convicção profunda de que a Pátria não pode viver nem garantir seu surto pacifista e progressista sem assegurar os meios de manter a paz.

A ciência e a técnica devem se unir, ligando todos os brasileiros na grande obra em que o Governo está empenhado, a da construção e engrandecimento de nossa Pátria.

Construamos o nosso trabalho sobre bases positivas, por um Brasil maior, para um Brasil melhor.

Ide, meus caros discípulos de ontem, meus presados colegas de hoje, meus grandes amigos de sempre.

Que Deus vos inspire a continuar a servir a mais bela de todas as Pátrias, que tanto espera de vós.

O COMPLEXO DA SUPERIORIDADE

Por ANTONIO M. ESPANHA

Este artigo foi escrito por um operário — o linotipista que põe em letra de fôrma A DEFESA NACIONAL. Nota-se, através do que ele escreve, um patriota que vê na educação do lar o primeiro estágio da formação de um bom brasileiro. Oxalá todos pudessem dizer a mesma coisa aos seus filhos — ninguém é superior a nós.

Há necessidade de firmar-se no Brasil a psicologia do complexo da superioridade.

Porque a da inferioridade, infelismente, ainda está fortemente inculcada no espírito de nosso povo.

Batendo-nos pela firmação da psicologia da superioridade, não defendemos, absolutamente, uma campanha de fobia. Porém, a valorização do que é nosso, impõe-se.

E não se diga que isto é obrigação do governo, das autoridades em particular, ou, privilégio das classes armadas. Absolutamente. Deve ser o evangelho de todos os brasileiros.

Ao governo coube decretar a campanha, ao Exército iniciá-la, mas aos brasileiros cabe perpetuá-la. Sem jacobinismo. Com elevação de vistas. Sem paixões tolas. Respeitando os que conosco cooperaram e cooperam. Mas nunca colocando-nos ou permitindo que nos coloquem em um plano de inferioridade.

Si grandes capitais foram invertidos em nosso país incrementando nossa indústria, proporcionando-nos trabalho e incentivando nosso progresso, esses capitais receberam em nossa terra um juro que jámais receberiam em seu país de origem.

Si nossa lavoura e nossa industria se desenvolveram de maneira grandiosa graças ao braço imigrante, reconheça êsse braço imigrante que ele encontrou aqui o que sua pátria lhe negou: trabalho.

Por que, então, nossa inferioridade ?

Por que embasbacamos diante do que de fóra nos vem como o hindú perplexo diante do umbigo de Buda ?

Por que permitir que aquele que em nosso país multiplica seu capital ou tira de nosso sólo o sustento de sua próle, nos olhe por cima dos ombros?

Repetimos: não se trata de uma campanha jacobina. Porque todos nós temos, em nossos antepassados, estrangeiros, e nosso país é fruto dessa mescla de raças a quem êle abriu os braços. Mas dessa heterogeneidade surgiu a geração atual, e esta geração, amando a terra em que nasceu — terra que é tambem o berço de seus filhos e o tumulo de seus avós —, esta geração forma nesse amor pelo sólo brasileiro uma mentalidade: a mentalidade brasileira; mentalidade de uma raça forte, raça invencivel, raça caldeada em titanicas lutas, raça a serviço da mais bela e liberal das pátrias: o Brasil!

E nossa pátria tem em sua história um acervo de nomes que a dignifica, um pugilo de heróis que por ela empregaram sua eloquência e seus argumentos para, diplomaticamente, garantir-lhe seus direitos, ou por ela derramaram seu sangue quando a diplomacia falhou. E essa pleiade de lutadores, do intelecto ou da espada, merece o respeito, a veneração e o culto de todos os brasileiros legítimos ou adotivos.

Essa nódoa que infelizmente surgiu em nossa história de patrícios nossos que não conheciam nosso idioma, nem nossos hábitos, nem nossas autoridades, nem nossa bandeira, essa nódoa está sendo limpa pelo nosso glorioso Exército.

Mas repetimos aqui o que dissemos no início destas linhas: nacionalização não é privilégio das classes armadas; é dever sagrado de todo o brasileiro. Na escola, na oficina, no escritório, na rua, enfim, em toda parte.

O complexo da superioridade de nossa raça e de nossa pátria, é uma das páginas integrantes do programa que tracei para a educação cívica dos meus filhos.

INDIOS DO BRASIL

RAIMUNDO MORAIS

(da Societé des Américanistes de Paris)

Lima Figueirêdo é uma das mais expressivas mentalidades nacionais. Suas obras, através de multiplos setores literários, revelam um espirito dinamico, capaz de agitar, entre mil aspectos do cenário patrício, naquilo que se prende aos fatos intelectivos, cousas novas e belas.

"INDIOS DO BRASIL", seu ultimo livro, fala mais alto do que o melhor argumento verbal, de tal maneira êsse trabalho consigna a multidão de tribus aborigenes que povoam o Brasil. Se bem não seja o ilustre oficial do nosso Exército especialista na matéria, conhecendo a etnologia e a antropologia por entre motivos impressionistas de quem vê, distingue e analisa o indio, alheio a doutrinas preconcebidas, seu balanço, numa visada retrospectiva, é magnifico, embora divirja às vezes dos técnicos no assunto.

O público, entretanto, dentro de cuja massa se inclue a maioria dos leitores, prefere sempre a análise pessoal, surpreendida, num quadro realista, às generalizações algo metafisicas de teorias maios ou menos caducas. E o que faz o festejado militar. En quanto cumpre ordens profisionais, peregrinando pelos Estados, fronteiras, mesopotamias e hinterlandias, constata igualmente os aspectos humanos e teluricos. As malócas e as regiões, os costumes ameríndios e as respectivas consequências, incidindo-lhe na menina dos olhos, esterotipam-se-lhe tambem nas páginas dum diario. Assim se levantam suas lindas memórias. São todas vistas, flagrantes e positivas, com a circunstancia proveitosa de trazerem muitas vezes na linha somática dos tipos, a psicología das hordas que o instinto e a visão subjetiva do publicista surpreendem no contacto doméstico, religioso e guerreiro. Povos que mais e mais se isolam da civilização, tão barbara quanto adiantada se julga, reclamam dos ensaiistas a maxima justiça.

E' precisamente desses variados esquemas selvagens, curiosos e pitorescos pela diferença com que se distinguem do arrogante invasor, que este notável critico das raças brasiliicas corresponde

à expectativa geral. Tudo que se dissér a respeito da colorida documentação com que Lima Figueirêdo nos sacóde neste bizarro volume é pouco, se lhe levarmos em conta exatamente a falta de tempo para observações mais profundas e científicas. Daí esse tom de grande reportagem que êle infunde aos capítulos cheios de clãs e tribus do Novo Mundo. Daí esse ar vivo da figura amerindia no seu "habitat". Daí, em sumá, a beleza de seus quadros bravios de gente inculta que arrasta na colada pacífica saltedores mais crueis, crismados humoristicamente com títulos de primorosos catequissadores.

Levantando esses pontos de vista decorrentes de observações diretas, Lima Figueirêdo consegue, no meio da exaustiva multiplicidade de monógraços de aborigenes, interessar o leitor, obrigando-o a acompanhá-lo, a apoiá-lo, a exortá-lo nessa perene contribuição ás origens do nosso arquiavô selvagem. Isso, embora, leve o manuseador de suas obras a discordar deste ou daquele fato, o que representa, aliás, um sintoma do interesse que nos despertam os seus comentários e raciocínios.

Depois das abundantíssimas dissertações de caráter etnográfico, lançadas em nossa pátria, não é fácil impressionar os técnicos na matéria, e, muito menos, a corrente anônima que representa a porcentagem que lê. Entretanto, o magnífico romanecedor de lendas autoctones que é Lima Figueirêdo, versado no folclore e na geografia, nos lindes orogenicos e nas extremas fronteiriças, alcança esse intuito com agil equilíbrio.

O melhor atestado, porém, da força etnológica de Lima Figueirêdo, fornece-lhe o grande general Cândido Rondon no eruditíssimo Prefácio com que abre o texto de "ÍNDIOS DO BRASIL". Depois de recapitular vários povos do continente americano, o insigne sertanista de nossas terras dá uma larga prova dos conhecimentos ameríndios de Lima Figueirêdo. Para isso analisa, num surto ilustrativo, os primeiros selvagens vistos pela argucia de Pero Vaz de Caminha, a quem intitula, num sacerdócio flagrante da verdade, de escrivão nomeado para a feitoria de Galicut, e não escrivão da Armada de Cabral, consoante afirmam inescrupulosos letreados tidos e havidos como personalidades de penacho.

Rondon, todavia, com o seu irrefragável pendor para a verdade, vai além, e exibe um atestado do caráter de Lima Figueirêdo.

rêdo que muito deve ter comovido o distinto oficial. Fechando estas linhas, incorporo-me ao seio do público que entrevê no aplaudido oficial do nosso Exército que acaba de publicar tão lindo livro, uma figura de prole na literatura nacional, enfim, que não honra sómente as fileiras militares em que evolue, mas, e, sobretudo, a vasta família intelectual do Brasil.

A DEFESA NACIONAL

Conselho de Administração: — Renato Batista Nunes, Tristão de Alencar Araripe, Otávio da Silva Paranhos, Jair Dantas Ribeiro, Everaldino Alceste da Fonseca e João Dias Campos Junior.

METAES

TALHERES



PITEIRA

ENDEREÇO TELEGR. EBERLE

CÓDIGOS: RIBEIRO-BORGES

ABC SED. GALLESI

Grande Fabrica Metallurgica



Abramão Eberle & Co.

CAXIAS

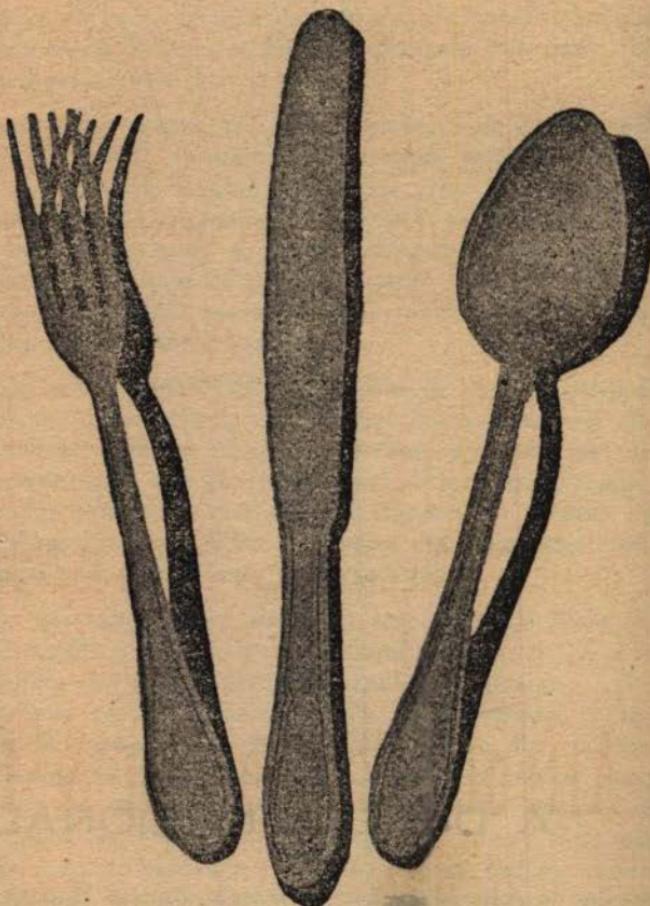
RIO GRANDE DO SUL

12 GRANDES
18 MEDALHAS DE OURO
PREMIOS



TALHERES

EBERLE



A venda nas boas casas do ramo

Especialistas em talheres finos prateados, de alpaca etc. Artigos para culto religioso em ouro, prata e metal. Artigos para montaria em geral, Espada para general, oficial e cadetes do nosso Exército. Guarnições militares. — Fabricantes dos afamados artigos EBERLINE para montaria Militar e alta quitações. — Fornecedores do Exército Nacional e das milícias estaduais.

B R A S I L

Filial — São Paulo

Rua Florencio de Abreu, 96-A

Phone 2-5839

AGENCIA — Rio de Janeiro

Rua da Quitanda, 66 - loja

Phone 23-2409

Equipamentos Militares

Barracas de campanha para o Exercito. — Lonas para Marin
É bom producto quando leva a marca "LOCOMOTIVA"

São artigos exclusivamente Nacionais e que constituem o orgulho da INDUSTRIA BRA
Nossas fabricas foram installadas em 1907



São Paulo Alpargatas Company

Caixa Postal, 1805
End. Telegr.: "Alpargatas"

R. Dr. Almeida Lima
Telephone 3-1131

SÃO PAULO

FUNDIÇÃO GERAL
OFFICINA MECHANICA

Polias de aço em duas metades
Electro-bombas para poços profundos

Alfredo Bolognini & Filhos

Rua Cesario Alvim, 378
Telephone 3-3818

Teogr.: "INTOG"
São Paulo - Brasil

Redação e Administração:
QUARTEL GENERAL DO EXÉRCITO
Rio de Janeiro — Telefone: 43-0563

EXPEDIENTE

Diariamente das 14 às 18 horas
O Gerente é encontrado todas as 2.as e 3.as feiras das
15 às 17 horas.

BIBLIOTECA

ENDAS DE LIVROS — Na sede da Sociedade — Diariamente, das 9 às 12 hs, e das 14 às 15 hs. No Quartel General — (antiga sede) — Diariamente, das 14 às 17 horas; aos sábados das 13 às 15 horas.

LIVROS EM CONSIGNAÇÃO — Os Snsr. consignatários poderão receber os saldos dos meses anteriores, diariamente na sede da Revista durante o expediente da Biblioteca.

ENCOMENDA DE LIVROS — A Biblioteca de "A Defesa Nacional" se encarrega da aquisição de livros nacionais e estrangeiros que não existem em depósito em sua sede, mediante encomenda dos Srs. Oficiais.

SECÇÃO DE INFORMAÇÕES

"A Defesa Nacional" mantém uma secção de informações destinada atender aos Snsr. Socios e Assinantes que servem fóra da guarnição do Rio-de-Janeiro.

a) — Fornecer-lhes todas as informações solicitadas sobre interesses pessoais ou militares.

b) — Fazer, mediante encomenda, a aquisição de objetos na praça do Rio-de-Janeiro.

SECÇÃO DE PUBLICIDADE

Diariamente — das 9 às 12 horas e das 14 às 16 horas.

CORRESPONDENCIA

Toda a correspondência relativa à Gerência deve ser remetida para a Caixa Postal 1.602, Rio. As colaborações deverão ser endereçadas ao Major Lima Figueirêdo, Gabinete do Ministro da Guerra, Quartel General, Rio de Janeiro.

P R E Ç O S

Oficiais e sub-tenentes	{	ano	30\$000
		semestre	15\$000
argentos	{	ano	25\$000
		semestre	14\$000

Os assinantes avulsos caso desejem que a revista seja registrada devem pagar mais 2\$400 por semestre.

Os oficiais que desejarem ser sócios de "A Defesa Nacional", deverão pagar uma joia de 50\$000 de uma só vez ou em diferentes restações durante um ano comercial.